AS MIL E UMA NOITES

1957
Empresa «Diário do Porto», Lda.
Rua S. Bento da Vitória, 10
PORTO

AS MIL E UMA NOITES

Contadas às crianças

POR

MARIA CELESTE

Edição ilustrada com 50 gravuras

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO—EDITORA
Rua Alberto Aires de Gouveia, 27
PORTO—PORTUGAL

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO—EDITORA
Rua Alberto Aires de Gouveia, 27
PORTO—PORTUGAL

As Mil e Uma Noites

As cronicas dos antigos reis da Persia, referem-se á existencia neste país, dum rei que foi o melhor príncipe do seu tempo; a sabedoria e prudencia de que foi dotado tinham-lhe adquirido por tal forma a estima dos seus subditos, que foi temido pelos reis visinhos em virtude do seu valor e da reputação das suas tropas belicosas e bem disciplinadas.

Depois dum reinado longo e glorioso, este rei veiu a morrer e subiu ao trono seu filho mais velho, chamado Chahriar. Seguindo os bons exemplos de seu pai, começou a reinar com bondade e sabedoria, mas, cruelmente desfeitiado pela sua primeira esposa, convenceu-se que todas as mulheres eram pérfidas, e imaginou um terrível meio de assegurar que nenhuma mulher mais traíria a fidelidade que lhe era devida: mandaria matar na madrugada a mulher com quem casara na véspera.

O grão-vizir, estava encarregado de lhe trazer todos os dias, ora a filha dum dos seus generais, ora a filha dum oficial subalterno, outras vezes a filha dum comerciante da cidade, enfim, cada dia uma menina que casava com ele e que no dia seguinte era morta.

Logo que constou na cidade, esta crueldade sem exemplo produziu-se uma consternação geral. Não se ouviam senão gritos e lamentações. Em lugar das bençőes e louvores que o sultão merecera até ali, os seus subditos não soltavam senão imprecações contra ele.

O grão vizir, tinha umas filhas, que se chamavam, a mais velha Scheherazada e a mais nova Dinazarda.

Esta era uma rapariga vulgar mas a outra tinha uma coragem superior ao seu sexo; imenso espírito e uma penetração de inteligência admiravel. Era muito lida e possuía uma memória prodigiosa. Afóra disto era dotada duma beleza extraordinária, e uma virtude muito sólida coroando todas estas belas qualidades.

O vizir amava apaixonadamente esta filha, tão digna da sua ternura. Um dia ela disse-lhe:

— Meu pai, tenho um favor a pedir-lhe; suplico-lhe muito humildemente que mo conceda. Eu desejo parar com esta barbariedade que o sultão está exercendo sobre as famílias da cidade. Quero acabar com os temores de tantas mães de perderem suas filhas duma forma tão cruel.

— A tua situação é muito louvavel, minha filha disse o grão vizir — mas o mal que queres remediar não tem remédio. Como queres conseguir isso?

— Meu pai — tornou Scheherazada — visto que é por seu intermedio que o sultão escolhe todos os dias as suas esposas, peço-lhe em nome da terna afeição que tem por mim que me consiga a honra de ser sua mulher.

O vizir não pôde ouvir este pedido sem horror.

— Oh! santo Deus! — interrompeu êle com violência! Não estás boa de cabeça minha filha! Pois podes fazer-me um pedido tão perigoso! Tu não sabes que o sultão jurou pela sua fé que não teria a mesma esposa senão no espaço de um dia, e que no dia seguinte lhe arrancaria a vida? E queres que eu lhe vá propôr o teu casamento? Já pensaste ao que te vais expôr?

— Sim meu pai, conheço todo o perigo que corro e não me aterrorisa.

— Não — disse o grão vizir — seja o que fôr que tu tens em mente não poderei consentir em lançar-te em tamanho perigo! Quando o sultão me ordenar que vos enterre o punhal no peito será necessário que eu lhe obedeça: é um atrós suplício para um paï. Ai, se tu não temes a morte, poupa-me ao menos a dôr mortal de ver a minha mão tinta do vosso sangue.

— Ainda uma vez, meu pai, disse Scheherazada, conceda-me o que lhe peço.

— Tanta insistencia encolerisa-me. Para que correis vós mesma á vossa perda! Quem não prevê o fim duma empresa perigosa, não pode saír dela feliz. Temo que vos aconteça o que sucedeu ao burro, que estando bem, não quiz assim conservar-se.

— Então que desgraça sucedeu ao tal burro? replicou Scheherazada.

— Vou contar-vo-la, respondeu o vizir; escutai:

História do burro, o boi e o lavrador

Um rico negociante, que possuía muitas quintas, onde sustentava grande quantidade de gados de toda a especie, retirou-se um dia com sua família para uma dessas propriedades, com o fim de pessoalmente cuidar dela. Tinha ele o dom de en.

tender a linguagem dos animais, mas não podia interpretá-la a pessoa alguma sem se expôr a perder a vida, circunstância que o impedia de comunicar as coisas que por este dom soubera.

No mesmo estábulo e á mesma manjedoura, achavam-se um boi e um burro. Um dia em que ele estava assentado junto deles e que se divertia a vêr os filhos brincar diante de si, ouviu o boi dizer para o burro:

Á me. a manjedoura achavam-se, um boi e um burro

— Quão feliz te acho, quando considero o sossego que disfrutas e o diminuto trabalho que de ti exigem! Tens um homem para cuidar de ti, que te lava, apresenta-te cevada escolhida, água fresca e pura. Todo o teu trabalho é carregares com o nosso dono, quando tem a fazer alguma pequena jornada. A não ser isto passarias toda a vida na mais completa ociosidade. É bem diferente o modo porque me tratam, e é a minha condição tão triste, quando a tua é aprazível. Apenas sôa meia noite, logo me atrelam á charrua, que me obrigam a puxar todo o dia fendendo a terra, o que me cansa por modo tal, que as forças me faltam ás vezes.

Além disso o lavrador que me segue sempre, não se cansa de me espicaçar. A' força de puxar pela charrua tenho o cachaço calejado. Enfim, depois de ter trabalho um dia inteiro, quando me recolho, dão-me para comer más favas secas, ás quais nem sequer limparam a terra, ou me dão coisas ainda piores. Para cumulo de miséria, quando acabo de um pasto tão pouco apetitoso, sou obrigado a passar a noite deitado sobre a própria sujidade.

Deves portanto reconhecer! que tenho razão para invejar a tua sorte.

O burro não interrompeu o boi; deixou-lhe dizer o que quiz, e quando ele acabou de falar, retorquiu-lhe então:

— Não desmentis o epiteto de idiota que vos deram; sois muito simples; deixais que te façam o que querem, e não tomais uma boa resolução. E entretanto, que vantagem vos resulta de todas as indignidades que sofreis? Matai-vos para sossêgo, prazer e proveito de quem nem obrigado vos fica; não vos tratariam do mesmo modo, se tivesseis tanta coragem como força. Porque não resistis quando vos vêm amarrar á manjedoura? Porque não dais um par de marradas? Porque não lhes demonstrais a vossa cólera, batendo com o pé no chão? Porque finalmente, não infundis terror por mugidos horrorosos? Deu-vos a natureza meios para vos fazerdes respeitar, e não vos servis deles! Trazem-vos más favas e má palha? Não as comeis, farejai-as apenas e deixai-as. Se seguirdes os conselhos que vos dou, achareis em breve uma mudança tal que, não podeis deixar de me agradecer.

O boi tomou em consideração os conselhos do burro, e testemunhou-lhe quão obrigado lhe estava:
— Meu amigo, acrescentou, não deixarei de fazer coisa alguma do que me aconselhaste e verás como o desempenharei:

Depois desta conversa de que o dono não per-

deu palavra, calaram-se. No dia seguinte muito cedo o abegão veiu buscar o boi, atrelou-o á charrua e levou-o para o trabalho do costume. O boi, que não havia esquecido o conselho do burro, esteve muito rebelde todo o dia, e á noite, quando o quizeram prender como de ordinário, o malicioso animal, em vez de apresentar ele mesmo os chavelhos, começou a resistir e a recuar, dando fortes mugidos; chegou mesmo a abaixar a cabeça como para marrar no abegão. Numa só palavra, pôz em prática todo o manejo que o burro lhe ensinou. No dia seguinte veiu o moço buscá-lo outra vez para o levar para o trabalho; mas achando ainda na manjedoura as favas e a palha que havia deitado na véspera, e ele lançado por terra, com as pernas estendidas, e respirando duma maneira esquisita, julgou-o doente, teve dó dele, e pensando que seria inutil levá-lo para o trabalho, foi imediatamente advertir o amo.

O bom homem viu que os maus conselhos do burro haviam sido seguidos, e, para o castigar como merecia, disse ao abegão que fosse buscar o burro para fazer o serviço do boi, e recomendou-lhe que o não poupasse. O moço obedeceu.

O burro foi obrigado a puxar pela charrua todo o dia, o que o fatigou tanto mais, quanto menos acostumado ele estava a este trabalho. Levou além disso tantas aguilhoadas que não podia consigo quando voltou do trabalho.

Entretanto, o boi estava satisfeitíssimo; havia comido tudo o que achara na manjedoura, e tinha descansado todo o dia; estava contentíssimo por ter seguido os bons conselhos do burro; bendizia-o mil vezes pelo bem que lhe tinha motivado, e não deixou de lhe fazer um novo cumprimento quando o viu chegar.

O burro nada respondeu ao boi, tão zangado ele vinha pelos maus tratos que lhe haviam dado. —Foi pela minha imprudência que atraí sobre mim

esta desgraça. Vivia feliz, tudo me sorria, tinha tudo o que poderia desejar, a culpa é minha se cheguei a este deploravel estado; e se não achar maneira de saír deste apêrto, é certa a minha perda. Dizendo isto, faltaram-lhe por tal modo as forças, que se deixou caír meio morto ao pé da manjedoura.

Aqui, o grão vizir, dirigindo-se a Scheherazada, disse-lhe: —Minha filha, fazeis como o burro da fábula; expondo-vos á vossa perda, por pouco pensar. Crêde em mim, ficai sossegada e não procureis prevenir a morte.

—Meu pai, preveniu Scheherazada, o exemplo que me acabais de referir não é bastante para me fazer mudar de resolução, e não deixarei de importunar-vos enquanto não obtiver que me apresenteis ao sultão para sua mulher.

O vizir viu que ela persistia sempre no seu pedido, replicou-lhe; —Pois bem, visto que vós estais tão obstinada, serei obrigado a tratar-vos como o negociante de que falei tratou sua mulher, pouco tempo depois; e eis como:

"Informado do estado deplorável em que o burro se achava, teve desejo de saber o que se passaria entre ele e o boi. Portanto depois de cear, saíu e foi sentar-se ao luar ao pé deles, acompanhado de sua mulher e de seus filhos. Ouviu que o boi dizia ao burro: Compadre, peço-vos que me digais o que pretendeis fazer ámanhã, quando o abegão vos trouxer a ração. O que farei? continuarei a fazer o que me ensinaste. Primeiro afasto-me; arremeto depois com as minhas armas, fazer-me-ei muito doente fingirei que estou á morte. —Livrai-te disso retorquiu o burro; seria um meio de perder-vos; porque ouvi dizer esta noite ao nosso dono uma coisa, que me faz recear pela vossa sorte. —Então que ouviste? disse o boi; por favor nada me ocultes, meu amigo. —O dono, replicou o burro, disse ao abegão estas tristes palavras: "Visto que o boi não come

e nem pode suster-se, quero que amanhã o matem. Faremos com a carne uma esmola aos pobres; e a pele que nos poderá ser útil, da-la-ás ao curtidor. Portanto, vê não te esqueças de mandar chamar o carniceiro". É isto o que tinha a dizer-vos ajuntou o burro; o interesse que pela vossa conservação eu tomo e a amizade que por vos nutro, me levam a advertir-vos e a dar-vos um novo conselho: Primeiro, logo que vos trouxerem a ração, levantai-vos e lançai-vos a ela com avidez; o dono julgará por isso que estais bom, e levantará sem dúvida a sentença de morte, ao passo que se fizerdes o contrário, é inevitável a morte".

Este discurso produziu todo o efeito que o burro havia esperado. O boi deveras assustado, soltou mugidos de horror. O dono que os tinha ouvido com muita atenção, deu uma gargalhada que surpreendeu muito sua mulher. — Dizei-me porque assim rides, para que eu ria convosco. — Minha querida, respondeu-lhe ele, contentai-vos com ouvir-me rir. — Não, disse esta, quero saber a causa. — Não posso dar-vos esse gosto, sabei sòmente que me estou rindo do que o burro acaba de dizer ao boi; o mais é um segredo que me não é permitido revelar-vos.

— E que vos impede de me descobrir-des esse segredo?

— Se vo-lo dissesse, sabei que me custaria a vida.

Zombais de mim, exclamou a mulher; o que me dizeis não pode ser verdade. Se me não contais imediatamente a razão porque ristes, se recusais instruir-me do que o burro e o boi vos disseram, juro, por Deus que está no Ceu, que não mais viveremos juntos.

Acabando de pronunciar estas palavras, entrou para casa, onde passou toda a noite chorando a um canto com todas as suas forças. O marido deitou se

só; e no dia seguinte, vendo que ela continuava a lamentar-se; — Não tendes juizo, lhe disse, por vos afligir-vos assim; a coisa não vale a pena e é para vós tão interessante sabê-la quanto para mim é importante guardar segrêdo. Peço-vos portanto que não penseis mais nisso.

Pegue num bom cacete e dê sem dó

— Penso sim, e tanto que não cessarei de chorar enquanto não tiverdes satisfeito a minha curiosidade.

— Mas digo-vos muito sèriamente que me custará a vida ceder a vossas indiscretas instâncias.

— Suceda o que suceder, daqui não me afasto.

— Vejo com desgosto, replicou o marido, que não há meio de vos convencer; e como prevejo que vos ma areis pela vossa teima, vou chamar vossos filhos, a-fim de que tenham a consolação de vos vêr antes que morras.

— Chamou os filhos, e mandou também chamar o pai, a mãe e os parentes de sua mulher. Quando todos se acharam reunidos é que lhes explicou do que se tratava. Empregaram toda a sua eloquência em fazer compreender á mulher, que não devia continuar com a sua teima; mas repeliu-os a todos, e disse que preferia morrer a ceder nisto a seu marido.

Apesar do pai e da mãe lhe falarem em particular, representando-lhe que o que ela desejava saber não tinha importância alguma, nem pela sua autoridade nem pelos seus discursos. Quando os filhos viram que se obstinava a rejeitar sempre as boas razões com que combatiam a sua teima, puzeram-se a chorar amargamente. O próprio marido não sabia que fazer. Sentado só junto á porta deliberava já se sacrificaria a própria vida, para não sacrificar a de sua mulher que muito amava.

Ora, minha filha, continuou o vizir dirigindo-se a Scheherazada, este homem tinha cincoenta galinhas e um galo, com um bom cão de guarda. Quando ele estava sentado, como disse, pensando profundamente sobre o que decidiria, viu o cão correr para o galo que se havia lançado para uma galinha, e ouviu que lhe falava nestes termos: — Ó galo, não pode Deus permitir que tu vivas ainda por muito tempo! Não tens vergonha de fazeres hoje semelhantes coisas?

O galo endireitou-se, e voltando-se para o cão lhe perguntou cheio de altivez:

— Porque me seria isto mais proibido hoje que nos outros dias?

— Visto que o ignoras, lhe replicou o cão, sabe que o nosso dono está hoje muito triste.

Quere sua mulher que ele lhe revele um segredo de natureza tal, que morrerá se lho descobrir.

Neste estado de coisas, é para temer que ele não tenha firmeza bastante para resistir á obstinação da mulher, porque a ama, e tem-o sensibilisado

as lágrimas que ela verte. Morrerá talvez e todos estamos aflitos nesta casa; só tu, insultando a nossa tristeza, tens a imprudência de te divertires com as galinhas.

O galo respondeu a esta repreensão do cão.

— Como é insensato o nosso dono! Tem apenas uma mulher e não pode dominá-la ao passo que eu tenho cincoenta, que só fazem o que eu quero. Recorra ele á sua razão, e breve achará meio de saír do embaraço em que se acha. — Que entre no quarto onde está sua mulher, respondeu o galo, e que, depois de se ter fechado com ela, *"pegue num bom cacete, e lhe dê sem dó;"* estou pronto para apostar que terá mais juizo, depois deste castigo e que não tornará a instar com ele para que lhe diga o que ele quer esconder-lhe.

Apenas o marido ouviu o que o galo acabava de dizer levantou-se de onde estava, pegou num cacete, foi ter com sua mulher que continuava chorando, fechou-se com ela e bateu-lhe de modo tal, que ela não pôde suster-se sem gritar; — Basta, meu marido, basta, deixai-me; nada vos pedirei.

— A estas palavras, e vendo-a arrependida de ter sido curiosa tão fora de propósito, deixou de a maltratar; abriu a porta, todos os parentes entraram, regosijaram-se por a ver curada da sua teima, e cumprimentaram o marido pelo feliz expediente de que se servira para a trazer á razão.

— Minha filha, acrescentou o vizir, merecereis ser tratada como esta mulher.

— Meu pai, disse então Scheherazada, por favor não leveis a mal que eu persista nos meus sentimentos. A história dessa mulher não me faz mudar de ideias. Poderia eu contar-vos muitas outras que vos persuadiriam de que não deveis opôr-vos ao meu designio. Demais, perdoai-me se ouso declará-lo debalde vos oporeis:

Quando a ternura paterna se recusasse a con-

ceder-me o que vos peço, iria eu pessoalmente apresentar-me ao sultão.

... ordenou-lhe que descobrisse o rosto

Finalmente, o pai, não podendo resistir por mais tempo á firmeza da filha, cedeu; e, se bem que muito aflito por não ter podido desviá-la de tão funesta resolução foi imediatamente ter com Schahriar, para lhe anunciar que na noite seguinte lhe traria Scheherazada.

O sultão ficou muito admirado do sacrifício que o grão vizir lhe fazia:

— Como pudeste, disse-lhe, resolver-vos a entregar-me a própria filha?

— Senhor, lhe respondeu o vizir, foi ela mesmo que se ofereceu. Não pôde o triste destino que a

espera assustá-la, e prefere á vida a honra de ser apenas uma unica noite esposa de Vossa Majestade.

— Olhai não vos enganeis vizir, replicou o sultão: ámanhã, entregando em vossas mãos Scheherazada, hei-de querer que lhes tireis a vida. Se o não fizerdes, juro-vos que vos mandarei matar.

—Senhor, obedecendo-vos, o meu coração não pode deixar de sofrer; mas como ainda que pai vos devo um braço fiel, serei surdo à voz da natureza.

Schahriar aceitou o oferecimento do seu ministro, e disse-lhe que podia trazer a filha quando lhe aprouvesse.

Foi o grão-vizir, levar esta notícia à Scheherazada, que a recebeu com tanta alegria como se fosse a mais agradável do mundo.

Agradeceu a seu pai o serviço que lhe havia prestado; e vendo que ele estava oprimido por uma dor intensa, disse-lhe para o consolar, que esperava que ele se não arrependeria por a ter casado com o sultão, e que, pelo contrário, acharia disso motivo de contentamento para o resto da sua vida.

Depois, só pensou em dispor tudo para se apresentar ao sultão; tomou de parte sua irmã e disse-lhe:

— Minha querida irmã, tenho precisão do vosso socorro num negócio muito importante; peço-vos que não mo recuseis. Nosso pai vai conduzir-me ao sultão para sua mulher. Não vos assuste esta notícia, e ouvi-me com paciência. Quando estiver com o sultão, suplicar-lhe-ei que me permita que fiques na câmara nupcial, afim de gosar ainda mais esta noite da vossa companhia. Se, como espero, obtiver essa graça, lembrai-vos de me acordar uma hora antes de amanhecer, e dirigi-me assim estas palavras: «Minha irmã, se não dormis, peço-vos que enquanto não romper o dia, me conteis um daqueles contos que sabeis». Depois, contar-vos-ei um, e es-

pero por este meio, livrar todo o povo da consternação em que está.

Dinazarda respondeu a sua irmã que da melhor vontade faria tudo o que dela exigia.

Quando chegou a ocasião, o grão-vizir conduziu ao palácio Scheherazada e retirou-se depois de a ter introduzido no quarto do sultão. Apenas este príncipe a viu a seu lado ordenou-lhe que descobrisse o rosto. Achou-a tão bela, que ficou encantado, e, vendo que chorava perguntou-lhe a razão.

— Senhor, respondeu Scheherazada, tenho uma irmã que estimo com ternura, e de quem igualmente sou estimada. Desejaria que ela passasse a noite neste quarto, para a ver e dizer-lhe ainda uma vez adeus. Permitir-me-eis, senhor que eu tenha a consolação de lhe dar este último testemunho da minha amisade? Tendo Schahriar dado o seu consentimento, foram buscar Dinazarda.

O sultão deitou-se com Scheherazada, sobre um estrado muito elevado à maneira dos monarcas do Oriente, e Dinazarda numa cama que lhe prepararam ao pé do estrado.

Uma hora antes de amanhecer, tendo Dinazarda acordado, não deixou de fazer o que sua irmã lhe havia recomendado; — Minha querida irmã, disse ela, se não dormis, peço-vos que, enquanto não amanhece, me conteis algum daqueles aprasíveis contos que sabeis. Será talvez a última ocasião em que terei este prazer.

Scheherazada, em vez de responder a sua irmã, dirigiu-se ao sultão. — Senhor, disse, permitir-me-á Vossa Magestade que dê esta satisfação a minha irmã?

— Da melhor vontade, respondeu o sultão. Disse então Scheherazada, a sua irmã que a escutasse; e, dirigindo-se a palavra a Schahriar, começou desta maneira:

História do mercador e o génio

Senhor, havia noutro tempo, um mercador que possuía grandes bens, tanto em terras como em mercadorias e dinheiro de contado. Tinha muitos caixeiros, feitores e escravos. Como era obrigado a fazer jornadas de tempos a tempos, para tratar pessoalmente com os seus correspondentes, um dia que um negócio importante o chamara para muito longe de sua casa, montou a cavalo e partiu levando uma pequena mala em que havia metido uma porção de biscoitos e tâmaras, porque tinha de atravessar um deserto, onde não acharia com que se sustentar.

Chegou sem acidente ao ponto onde tinha de tratar o seu negócio, e logo que o terminou, montou novamente a cavalo para voltar para casa.

No quarto dia de jornada, achou-se por tal modo incomodado com o calor, que se afastou do caminho que seguia, para gozar da fresquidão dumas árvores que viu no campo.

Ali junto duma grande nogueira, achou ele uma fonte de água muito límpida e corrente. Apeou-se, prendeu o cavalo a uma árvore, e sentou-se ao pé da fonte, depois de haver tirado da mala uns biscoitos e algumas tamaras, cujos caroços atirava para diversos lados ao passo que aí comendo.

Depois desta frugal refeição, como um bom musulmano que era, lavou as mãos, a cara e os pés e principiou as suas orações.

O lavatório antes da reza é de preceito divino na religião musulmana. «Ó vós, crentes! quando

A estas palavras, tomou-o por um braço, deitou-o no chão, e levantou o sabre para lhe cortar a cabeça.

Entretanto o mercador, chorando muito e protestando a sua inocência, lamentava a mulher e os filhos, e soltava as mais sensibilisadoras palavras O génio, sempre com o sabre levantado, teve a paciência de esperar que o desgraçado acabasse as suas lamentações, mas não se enterneceu.

— São supérfluos todos esses queixumes, exclamou: ainda que derramasses lágrimas de sangue; não impediriam elas que eu te matasse como mataste meu filho.

— Quê! respondeu o mercador, nada pode sensibilizar-vos! Quereis absolutamente tirar a vida a um pobre inocente?...

— Sim, replicou-lhe o génio, estou resolvido. E acabando estas palavras...

Neste ponto, Scheherazada, vendo que era dia e sabendo que o sultão se levantava muito cedo para fazer as suas orações e ir para o conselho, calou-se.

— Grande Deus! disse então Dinazarda, quão maravilhoso é o vosso conto, minha irmã!

— Mais surpreendente ainda é a continuação, respondeu Scheherazada; concordareis, se o sultão houvesse por bem deixar-me viver ainda hoje, e permitir-me que vo-la contasse na próxima noite.

Schahriar, que havia escutado Scheherazada com prazer, disse consigo: Esperarei até àmanhã; terei o cuidado de a mandar matar quando tiver ouvido o fim do conto. Tendo pois tomado a resolução de não mandar tirar a vida a Scheherazada naquele dia, levantou-se para fazer as suas orações, e ir para o conselho.

Durante muito tempo, estava o grão-vizir numa cruel inquietação. Em vez de gosar as delicias do sono, havia suspirando e lamentando a sorte de sua filha, de quem deveria ser algoz.

Mas, se nesta triste espectativa ele temia a vista do sultão, ficou agradavelmente surpreendido ao ver que este príncipe entrava no conselho sem lhe dar a funesta ordem que esperava.

Segundo o seu costume passou o sultão o dia a dirigir os negócios do seu império, e, quando chegou a noite, tornou a deitar-se com Scheherazada. Antes de amanhecer Dinazarda não deixou de se dirigir a sua irmã, se não dormis suplico-vos que, esperando o dia que em breve romperá, continueis o conto de ontem.

Scheherazada tomou pois a palavra, e continuou o conto nestes termos:

Quando o mercador viu que o genio lhe ia cortar a cabeça, soltou um grande grito, e disse-lhe! — suspendei! mais uma palavra, por favor; tende a bondade de me conceder uma espera: dai-me tempo para me despedir de minha mulher e de meus filhos, e de lhes partilhar meus bens por um testamento que ainda não fiz, para que não sofram processos depois da minha morte; quando tudo estiver assim disposto, virei imediatamente a este mesmo local submeter-me a tudo quanto de mim quizerdes.

— Mas, replicou o genio, receio que não voltes, se te conceder a espera que pedes.

— Se acreditais no meu juramento, disse o mercador, juro-vos pelo Deus do céu e da terra, que aqui virei encontrar-me convosco sem falta alguma.

— De quanto tempo queres que seja a espera? perguntou-lhe o genio.

— Peço-vos um ano, respondeu o mercador, não me chega menos tempo para pôr em ordem os meus negócios, e dispôr-me para renunciar sem pena ao gosto que se acha em viver. Assim prometo-vos que de ámanhã a um ano sem falta, virei entregar-me ás vossas mãos debaixo destas árvores.

Toma Deus por testemunha da promessa que me fazes ordenou-lhe o genio.

— Sim, respondeu o mercador, mais uma vez o tomo por testemunha, podeis descansar no meu juramento.

A estas palavras, o genio, deixou-o ao pé da fonte e desapareceu.

O mercador, tornando a si de susto, montou a cavalo e continuou a jornada. Mas se por um lado estava contente por se ter livrado de um tal perigo, por outro ficava numa tristeza mortal, quando pensava no fatal juramento que havia feito.

Quando chegou a sua casa, mulher e filhos o receberam com todas as demonstrações de completa alegria; mas em vez de os abraçar da mesma maneira, pôs-se a chorar tão amargamente, que eles conheceram logo ter-lhe acontecido alguma coisa de extraordinário. Preguntou-lhe a mulher a causa das suas lágrimas e da viva dôr que manifestava. —Todos nos regosijamos á vossa chegada, dizia ela, e entretanto assustais-nos pelo estado, em que vos vemos.

Explicai-nos, vo-lo peço, a causa dessa tristeza.

— Ai de mim! respondeu o marido, como não estareis assim? só tenho um ano para viver. Então lhes contou o que se tinha passado entre ele e o genio, e disse-lhes que havia dado palavra de voltar no fim dum ano para receber a morte.

Ao ouvir tão triste notícia, começaram todos a chorar. A mulher soltava gritos lastimosos, batendo no rosto e arrancando os cabelos; os filhos desfaziam-se em lágrimas e a casa resoava com os seus queixumes, e o pai cedendo á força do sangue, misturava ás deles as suas lágrimas. Era, numa palavra, o espectáculo mais sensibilisador que dar se pode.

Logo no dia seguinte o mercador tratou de pôr em ordem os seus negócios, e aplicou-se principalmente a pagar as suas dividas. Fez presentes aos seus amigos e grandes esmolas aos pobres, deu liberdade aos escravos de ambos os sexos, repartiu os bens pelos filhos, nomeou tutores para os que ainda não tinham idade própria; e, entregando á sua mulher o que lhe pertencia, segundo o contrato

Meus filhos... — lhes disse

de casamento, deu-lhe de mais, tudo que as leis lhe permitiam.

Finalmente, passou o ano, e foi preciso partir. Preparou a mala, na qual meteu o pano que devia ser amortalhado; mas, quando quiz despedir-se da mulher e dos filhos, nunca se viu dôr mais viva,

Não podiam resolver-se a perdê-lo. Queriam todos acompanhá-lo e ir morrer com ele. Contudo como era preciso tomar forças e deixar os queridos entes;

— Meus filhos, lhe disse, obedeço á ordem de Deus, separando-me de vós. Imitai-me: submetei-vos a esta necessidade, e pensai em que é destino dos homens morrer.

Tendo dito estas palavras, arrancou-se aos gritos e lamentações de sua familia, partiu, e chegou ao mesmo local onde tinha visto o genio, no próprio dia que havia ali achar-se. Apeou-se imediatamente, e sentou-se ao pé da fonte, onde esperou o genio com toda a tristeza que se possa imaginar.

Pensava esperando tristemente, quando apareceu e se aproximou dele um bom velho, que trazia uma corça amarrada. Cumprimentaram-se mutuamente, e o velho disse-lhe: — Meu irmão, poder-se-á saber porque vieste a este lugar deserto onde só há espíritos malignos, e onde se não está seguro? Ao vêr estas belas árvores, julgar-se-á habitado; mas é uma verdadeira solidão onde é perigoso deter-se muito tempo.

O mercador satisfez a curiosidade do velho e contou-lhe a aventura que o obrigava a achar-se ali. O velho ouviu-a com admiração e tomando a palavra:

— Eis, exclamou, o caso mais surpreendente que dar se pode; e estais ligado pelo juramento mais inviolavel. Quero, acrescentou, ser testemunha da vossa entrevista com o genio.

Enquanto o mercador e o velho que conduzia a corça conversavam, apareceu outro velho seguido de dois cães pretos. Chegou-se a eles e cumprimentou-os, perguntou-lhes o que faziam naquele sítio. O velho da corça, contou-lhe a aventura do mercador, do genio, o que tinha passado entre eles, e o juramento do mercador; acrescentou que este era

o dia aprazado e que estava resolvido a ficar al para vêr o que aconteceria.

O segundo velho, achando o caso digno da sua curiosidade, tomou igual resolução. Sentou-se ao lado dele, e apenas começara a tomar parte na conversação, chegou um terceiro velho, o qual, dirigindo-se aos dois primeiros, lhes perguntou porque parecia tão triste o mercador que com eles estava. Disseram-lhe a causa, que lhe pareceu tão extraordinária, que desejou tambem ser testemunha do que teria de passar-se entre o genio e mercador; neste intuito sentou-se tambem.

Em breve distinguiram no campo um vapor espesso, como, que turbilhão de poeira levantada pelo vento. Avançou este vapor até eles e, dissipando repentinamente, lhes deixou ver o genio que, sem os saudar, aproximou-se do mercador com a espada na mão e tomando-o por um braço:

— Levanta-te, lhe disse, quero matar-te como mataste meu filho.

O mercador e os três velhos, assustados, começaram a chorar, soltando gritos de angustia.

— Quando o velho que conduzia a corça viu que o genio tinha agarrado o mercador e se dispunha a matá-lo desapiedadamente, lançou-se aos pés desse monstro, e beijando-lhos: — Príncipe dos genios, lhes disse, mui humildemente vos suplico que suspendeis a vossa cólera e me façais a graça de escutar-me. Vou contar-vos a minha história e a desta corça que aqui vêdes; mas se achardes mais maravilhosa e surpreendente do que a aventura deste mercador, a quem decidiste arrancar a vida, poderei esperar que vos dignareis perdoar a este infeliz o seu crime?

O genio, ficando por algum tempo pensativo como que consultando-se, respondeu enfim:

— Pois seja, consinto.

História do velho e da corça

Começarei pois a minha narração, disse o velho; escutai-me atentamente, vo-lo peço. Esta corça que vêdes é minha prima e de mais minha mulher. Tinha ela apenas doze anos quando casámos: deste modo posso dizer que não deveria menos considerar-me seu pai do que como seu parente e seu marido.

Vivemos juntos trinta anos sem ter filhos: mas a sua esterilidade não obstou a que com ela tivesse muita complacencia e amizade. O unico desejo de ter filhos, me levou a comprar uma escrava de quem tive um que muito prometia.

Gerou-se o ciume em minha mulher que tomou aversão á mãe e ao filho e tão bem ocultou os seus sentimentos, que só muito tarde os conheci. Entretanto meu filho crescia, e contava já dez anos, quando fui obrigado a fazer uma viagem.

Antes de partir, recomendei a minha mulher, de quem não desconfiava, a escrava e o seu filho, e pedi-lhe que cuidasse deles durante a minha ausência, que durou um ano.

Aproveitou ela este tempo para satisfazer o seu ódio.

Dedicou-se á magia, e, quando soube bastante desta arte diabolica para executar o horrível designio que meditava, a malvada levou meu filho a um lugar afastado. Ali, pelos seus encantamentos metamorfoseou-o em bezerro, deu-o ao meu feitor co ordem de o su tentar, dizendo que o havia

comprado. Não se limitou a sua malvadez a esta acção abominável: transformou a escrava em vaca, e deu-a igualmente ao feitor.

Á minha volta, perguntei-lhe pelo filho:

Príncipe dos genios

— A vossa escrava morreu, me disse, e quanto a vosso filho há dois meses que o não vejo, nem sei o que é feito dele.

Senti muito a morte da escrava, mas como meu

filho havia desaparecido, apenas, resignei-me com a esperança de que poderia vê-lo em breve.

Não obstante, oito meses se passaram sem que voltasse, e não tinha notícia alguma dele quando chegou a festa do grande Bairam. Para a celebrar, ordenei ao meu caseiro que me trouxesse uma vaca das mais gordas para ser imolada. Assim o executou ele. A vaca que me trouxe era a própria escrava, a desventurada mãe de meu filho. Prendia-a, mas no momento em que me preparava a sacrificá-la soltou ela os mais sensibilisadores rugidos, e notei que de seus olhos corriam lágrimas.

Pareceu-me isto muito extraordinário, e, sentindo-me a meu pesar condoído do animal, não pude resolver-me a matá-la. Ordenei ao meu feitor que me fosse buscar outra.

Minha mulher que estava presente, tremeu ao vêr a minha compaixão, e opondo-se, a uma ordem que tornava inutil a sua maldade:

— Que fazeis, meu amigo? exclamou ela, imolai a vaca; não há outra tão bonita, nem que tão própria seja ao uso que dela queremos fazer.

Por complacência para com minha mulher, aproximei-me da vaca, e, combatendo o dó que suspendera o sacrificio, ía descarregar o golpe mortal, quando a vítima redobrando de lágrimas e mugidos, me desarmou segunda vez. Então passei o malho para as mãos do feitor, dizendo-lhe:

— Tomai, e sacrificai-a vós mesmo; os seus mugidos e as lágrimas partem-me o coração.

O feitor, menos condoído do que eu imolou-a. Mas ao tirar-lhe a pele, viu-se que só tinha ossos, apesar de nos haver parecido muito gorda, tive verdadeira pena: — Guardai-a para vós, disse ao feitor eu vo-la abandono, fazei dela presente e esmola a quem quizerdes, e se tendes um bezerro bem gordo trazei-mo em seu lugar.

Não me informei do que ele fez da vaca, mas

pouco tempo depois de a ter mandado levar de diante de mim, vi-o chegar com um bezerro muito gordo.

Ainda que ignorasse que este bezerro era meu filho, nem por isso me senti menos comovido á sua vista. Quando ele, apenas me avistou, fez tão considerável esforço para vir ter comigo, que partiu a corda. Lançou-se-me aos pés com a cabeça de rojo como querendo excitar-me compaixão, e implorar-me que não tivesse a crueldade de lhe arrancar a vida, advertindo-me quanto possível, de que era meu filho.

Mais surpreendido fiquei ainda, e comovido desta acção, do que o tinha sido pelas lágrimas da vaca. Senti que um terno dó me interessava por ele: ou antes foi o sangue que em mim fez o seu dever.

— Ide, disse ao feitor, tornai a levar esse bezerro. Tratai bem dele e não vos demoreis em trazer outro em seu lugar.

Logo que minha mulher me ouviu assim falar, não deixou de exclamar de novo:

— Que fazeis, meu marido? Crêde-me, não sacrifiqueis outro bezerro senão aquele.

— Mulher, respondi, não imolarei este; quero usar de piedade para com ele. Peço-vos que vos não oponhais a isso.

A perversa mulher pouco caso fez dos meus rogos, ela odiava muito meu filho, para o deixar que o salvasse. Pediu-me o sacrificio dele com tal instancia, que fui obrigado a conceder-lho. Atei o animal, e tomando a funesta marreta...

Scheherazada deteve-se neste ponto porque viu ser dia.

— Minha irmã, disse então Dinazarda, estou encantada com este conto, que tão agradàvelmente prende a minha atenção.

— Se o sultão me deixar viver ainda hoje, re-

plicou Scheherazada vereis que o que amanhã contar, vos divertirá muito mais.

Lançou-se-me aos pés

Schahriar curioso de saber o que sucederia ao filho do velho que conduzia a corça, disse á sultana que teria muito gosto em ouvir, na próxima noite, a continuação do conto.

Pelo fim da quinta noite, Dinazarda chamou a sultana e disse-lhe:

— Minha querida irmã, se não dormis, suplico-vos que esperando o dia, que em breve romperá, continueis aquele belo conto que ontem começastes.

Scheherazada, depois de ter obtido a permissão de Schahriar, prosseguiu desta maneira:

Senhor, o primeiro velho que conduzia a corça, continuando a contar a sua história ao genio, aos dois outros velhos e ao mercador.

Tomei pois a marreta, lhes disse, e ía descarregá-la em meu filho, quando ele, voltando para mim os seus olhos arrazados de lágrimas, enterneceu-me a tal ponto, que não tive força para o matar.

Deixei-a caír e disse a minha mulher que queria absolutamente matar outro vitelo. Nada poupou ela para me fazer mudar de resolução; mas apesar, de quanto me disse, conservei-me fírme, e prometi-lhe, unicamente para a apaziguar, que o sacrificaria para o Bairam do ano seguinte:

No outro dia de manhã, o meu caseiro pediu para me falar em particular:

Venho, me disse, dar-vos uma notícia da qual espero me ficareis agradecido. Possuo uma filha que é dotada de algum conhecimento de magia: ontem, quando eu conduzia para o curral o bezerro, que não quizeste sacrificar, notei que ela ria ao vê-lo e que instantes depois se pôs a chorar. Perguntei-lhe porque fazia ao mesmo tempo duas coisas tão contrárias:

— Meu pai, me respondeu, este bezerro que conduzis é filho de vosso amo. Ri de alegria ao vê-lo ainda vivo, e chorei ao lembrar-me do que ontem se fez á mãe, que estava transformada em vaca. Estas duas metamorfoses foram operadas pelos feitiços da mulher do nosso amo, a qual aborrecia a mãe e o filho, por diversos motivos.

Eis o que me disse a minha filha, prosseguiu o feitor, e venho-vos trazer esta notícia.

— A estas palavras, o genio continuou o velho, deixo-vos pensar qual seria a minha surpresa. Imediatamente parti com o feitor, para eu mesmo falar a sua filha. Fui primeiro ao estábulo onde estava meu filho. Não pôde ele corresponder aos meu

abraços, mas recebeu-os de um modo que acabou de me persuadir de que era meu filho.

Chegou a filha do feitor:

— Menina, lhe disse, podeis restituir a meu filho a sua primeira fórma?

— Posso sim, me respondeu.

— Ah! se o conseguirdes, lhe tornei, fazer-vos-ei senhora de todos os seus bens.

Respondeu-me então, sorrindo: — Sois nosso amo, e sei muito bem o que vos é devido; mas advirto-vos que não posso tornar o vosso filho ao seu primeiro estado, senão com duas condições. É a primeira, que haveis de dar-mo por esposo, e a segunda que me será permitido punir a pessoa que o transformou em bezerro.

— Quanto à primeira condição, respondi, aceito-a de boamente; ainda mais, prometo dar-vos muitos bens, independentemente dos que destino a meu filho. Vereis enfim, de que modo reconhecereis o iminente serviço que de vós espero. Pelo que toca á condição, que diz respeito a minha mulher, tambem me decido a aceitá-la. Quem pôde cometer uma acção tão criminosa, merece castigo. Abandono-vo-la: fazei dela o que quizerdes, só vos peço que lhe não tireis a vida.

— Vou, replicou a rapariga, tratá-la do mesmo modo, porque ela tratou o vosso filho.

— Consinto respondi, mas primeiro restitui-me meu filho.

Então, a rapariga tomou um vaso cheio de água sobre o qual pronunciou palavras que não ouvi, e dirigindo-se ao bezerro:

— O bezerro, disse, se foste criado pelo Todo Poderoso e Soberano Senhor do mundo tal qual neste momento pareces, fica sob essa forma; mas se és homem, e que por encantamento estejas mudado em bezerro, de novo toma tua natural figura, com permissão do Soberano Criador.

Pronunciadas estas palavras, lançou a água sobre ele, ao mesmo tempo ele retomou a sua primeira forma.

Meu filho! Meu querido filho!

— Meu filho, meu querido filho! exclamei logo abraçando-o com transporte de que não pude ser senhor. Foi Deus quem nos enviou esta rapariga para quebrar horrível encanto em que estáveis envolvido, e vingar-vos do mal que a vós e a vossa mãe fizeram. Não duvido, que, como prova do reconhecimento que lhe deveis, a tomareis por esposa, e já me comprometi a que o fareis.

Nisso consentiu com alegria; mas antes de casarem, a fada mudou a minha mulher em corça, e aqui a vêdes. Desejei que tivesse esta fórma de preferência a outra menos agradável, para que a vissemos na família sem repugnância.

Meu filho enviuvou em pouco tempo e foi viajar. Como há anos não tenho tido notícias suas, puz-me a caminhar para sabê-las, e não querendo confiar minha mulher ao cuidado de pessoa alguma enquanto o procurasse, julguei acertado levá-la comigo para toda a parte. Eis pois a minha história e a desta corça. Não a achais das mais surpreendentes e maravilhosas?

— Convenho disse o genio, e em honra disso te concedo a graça deste mercador.

O sultão que achava encantadoras as histórias de Scheherazada, deixou-a contar a nova história que disse ser quais surpreendente ainda do que a anterior.

História de Sindbad, o marinheiro

Vivia no reinado do Kalifa Haroum Alraschild, em Bagdad, um pobre mariola, por nome Hindbad. Um dia de calor, transportava duma extremidade á outra da capital, pesada carga. E, cansado do largo caminho, quando chegou a uma rua onde corria fresca aragem, e cujo chão fora há pouco tempo regado com água rosada, não pôde achar melhor sítio para descansar e tomar novas forças. Atirou ao chão a sua carga e sentou-se sobre ela, em frente duma casa de magnifica aparência.

Não tardou muito tempo para que se alegrasse pelo belo lugar que havia escolhido, porque o seu olfacto foi agradavelmente regalado pelo perfume superlativo dos aloes e de outras matérias odoriferas que saía pelas janelas daquela casa, misturando-se como da água rosada, que embalsamava a atmosfera. Juntamente os seus ouvidos disfrutavam os sons harmoniosos de vários instrumentos a que se juntava o mavioso trinar de grande número de rouxinois e de outros pássaros próprios do clima de Bagdad; esses sons igualmente partiam do interior da casa.

Aquela harmonia deliciosa e o cheiro dos exquisitos manjares, o persuadiram de que havia ali grande banquete.

Desejou saber quem habitava ali naquela casa, pouco acostumado a passar por aquele sítio, não tivera acasião para se informar. Para satisfazer a curiosidade, aproximou-se dos criados que estavam à porta, ricamente vestidos, e perguntou a um deles quem era o dono daquela casa.

— Pois quê! respondeu o criado, habitando em Bagdad, ignorais que seja esta a morada do ilustre Sindbad, o marítimo que percorreu todos os mares que o sol alumia?

O mariola, que mais duma vez ouvira falar das grandes riquezas de Sindbad, não pôde conter a inveja, considerando a felicidade dum homem tão opulento, enquanto ele era um miserável; impressionado por estas reflexões, levantando os olhos ao céu, falou bem alto para ser ouvido:

Poderoso criador de todas as coisas, disse, vêde que diferença há entre mim e esse ditoso Sindbad; sofro todos os dias fadigas e trabalhos, e ainda assim custa-me a sustentar a minha família com triste pão de cevada, enquanto que o feliz Sindbad gasta com profusão imensas riquezas e gosa uma vida cheia de delícias. Que fez ele para que lhe concedeis

uma sorte tão agradável? e porque razão me destes a mim um destino tão rigoroso?

E dizendo isto, bateu com o pé no chão, como um homem entregue à mais violenta dor e possuído de desespero.

Continuava engolfado nos seus tristes pensamentos, quando um criado, saindo da casa para onde dirigira as imprecações, chamou-o e tomando-o por um braço:

— Vinde, segui-me, disse-lhe, o ilustre Sindbad, meu amo, pretende falar-vos.

Poderão imaginar qual foi a surpresa de Hindbad, à vista daquela intimação. Por causa das palavras que pronunciara, tinha motivo para recear que Sindbad desejaria castigá-lo; e pretextando desculpas para escusar-se, alegou que era muito perigoso deixar a sua carga na rua sem ter quem a vigiasse. O criado, porém, assegurando-lhe que tomaria cuidado no que lhe pertencia, teimou, em consequência da ordem que recebera, e o mariola teve de ceder às suas instâncias.

Foi introduzido numa grande sala, onde à roda duma comprida mesa, coberta de guisados dos mais esquisitos, estava numerosa companhia. Ocupava o lugar de honra um indivíduo de aspecto grave, bem afigurado, e respeitável pela sua longa barba, toda branca; colocados na rectaguarda, estava um grande número de criados em disposição de o servir.

O mariola, perturbado na presença de tanta gente e de tão magnífico banquete, saudou, tremendo, a companhia. Sindbad fez-lhe sinal para se aproximar e mandando que se sentasse à sua direita, o serviu pela sua mão, e ordenou que lhe dessem dum vinho generoso, do que estava abundantemente guarnecido o aparador.

No fim do banquete, vendo Sindbad que os seus convivas não se serviam de mais coisa alguma, tomou a palavra dirigindo-se a Hindbad, ao qual deu

o tratamento de irmão, segundo o costume dos árabes, quando se tratam com familiaridade, e perguntou-lhe como se chamava e qual a sua profissão.

—Senhor, respondeu aquele, chamo-me Hindbad.

— Estimo muito conhecer-vos, disse Sindbad, e asseguro-vos que esta sociedade vos vê também com prazer; desejamos, porém, ouvir o que há pouco dizieis na rua.

Sindbad houvera escutado, antes de ir para a mesa, todo o discurso do mariola, a uma das janelas, e fôra por esse motivo que o chamara.

Àquela pergunta, Hindbad, de todo confundido, abaixou a cabeça e respondeu:

— Senhor, confesso que a grande fadiga e o enfado com que suporto uma existência penosa, fizeram que há pouco soltasse algumas palavras indiscretas; suplico-vos que me perdoeis.

— Oh! não imagineis, disse Sindbad, que fosse tão injusto, que por tal motivo conservasse contra vós o menor ressentimento. Tomo em consideração os vossos desgostos, e em vez de arguir-vos de tais murmurações, compadeço-me da vossa sorte; quero porém livrar-vos dum erro em que julgo estais a meu respeito. Imaginais talvez que adquiri, sem custo e sem trabalho, os bens e o descanço que hoje disfruto. Enganai-vos. Não cheguei a um estado tão venturoso, senão depois de ter sofrido por muitos anos os maiores trabalhos de corpo e de espírito que podem imaginar-se. E esses trabalhos, meus senhores, acrescentou, dirigindo-se à companhia, posso assegurar-vos que foram de tal ordem, que bastariam para tirar aos homens mais ambiciosos de riquezas, o desejo de atravessarem os mares para adquiri-las. Tendes ouvido apenas superficialmente a história das minhas aventuras e dos perigos que afrontei sobre o mar, durante as sete viagens que empreendi; oferece-se, porém, agora a ocasião para vo-las narrar circunstanciada e fiel-

mente. Acredito que não vos arrependereis de as ouvir.

Querendo Sindbad contar a sua história, especialmente por causa de Hindbad, ordenou que levassem a carga que este deixara na rua ao destino que indicara; e depois continuou nos seguintes termos:

Achei-me no mundo herdeiro de consideráveis riquezas, das quais dissipei a maior parte nas estravagâncias e devassidões da mocidade; depois reconsiderei e emendei-me. Reconheci a infalibilidade dos bens mundanos, e que depressa se exaurem quando os homens os administram tão pèssimamente como eu o havia feito: reconheci também que gastava na ociosidade o tempo, o capital mais precioso concedido ao homem; reflecti que era a pior e mais desagradável das posições, ser pobre na velhice; recordei as palavras de Salomão, que tantas vezes ouvira pronunciar a meu pai: «é melhor morrer do que viver pobre.» Pensei sèriamente sobre o meu estado, e apurando tudo o que restava do meu património, vendi em leilão toda a mobília que possuía; travei relações com alguns carregadores de navios, que julguei capazes de me aconselharem e resolvi-me finalmente a negociar com o pouco dinheiro que me restava. Dirigi-me a Balsora, e juntando-me aí com alguns mercadores, saímos em um navio equipado à nossa custa.

Navegamos com direcção às Indias Orientais, pelo Golfo Pérsico que é formado à direita pelas costas da Arábia Félix e à esquerda pelas da Pérsia, e cuja largura compreende, segundo a melhor opinião, setenta léguas de largura. Depois deste golfo segue-se o mar do Levante, que é o mesmo que o das Indias, também muito espaçoso, cercado dum lado pelas costas da Abissínia, e abrangendo quatro mil e quinhentas léguas de comprimento até às ilhas Valvack. Sofri logo a moléstia, a que vul-

garmente chamam «enjôo»; porém, restabelecida em pouco tempo a minha saúde, não fiquei mais sujeito a essa terrível doença.

Sofri logo a moléstia a que chamam «enjôo»

Durante a nossa viagem aportamos a diferentes ilhas, onde vendiamos a carregação que levavamos e recebiamos outra.

Um dia, em que dificilmente navegavamos por causa da grande calmaria, ficamos estacionários em frente duma pequena ilha, cuja perspectiva, quási à flor da água, semelhava-se um lindo prado de

verdura. O capitão, mandando amainar as velas, permitiu à tripulação e passageiros, que a quizessem, licença para desembarcar. Eu fui dos que aceitaram essa licença.

Quando nos entretinhamos, comendo, bebendo e descansando das fadigas da viagem, a ilha tremeu repentinamente e parecia sacudir-nos com violência.

A gente que ficára no navio, observando o tremor da ilha, gritaram para que embarcassemos prontamente, aliás morreriamos, pois o que haviamos tomado por uma pequena ilha, não era senão o costado duma baleia.

Dos meus companheiros os mais ágeis salvaram-se no escaler, outros deitaram-se a nadar; eu, porém, infelizmente estava ainda sobre a baleia quando esta, mergulhando-se, apenas me deu tempo para me agarrar a um grosso madeiro dos que haviam levado para queimar.

Ao mesmo tempo o capitão, aproveitando o vento que de repente refrescara, e porque havia já recolhido o escaler e a gente que vira nadando, mandou largar velas. Então perdi totalmente a esperança de alcançar o navio.

Fiquei à mercê das ondas, que me impeliam, ora para um, ora para outro lado, e disputei-lhes a vida em todo o resto desse dia e na noite seguinte.

Quando era outra vez dia, já não tinha forças e arrependia-me de ter conservado a vida; então sobreveio furiosa vaga, que me arrojou, felizmente contra uma ilha, que a não poderia ter subido, se alguns troncos de velhas árvores, pendidos quase até tocar na água, que não servissem de apoio, segurando-me a êles para trepar.

Estendi-me sobre o chão, e assim fiquei como morto, até que o sol, aquecendo-me com o seu calor, me restituiu, por assim dizer, a vida.

Ainda que bastante enfraquecido pela luta que

sustentara com as ondas e pela falta de alimento, não deixei de arrastar-me, procurando ervas que podesse comer; felizmente encontrei algumas, assim como uma nascente de água, que contribuiu para restabelecer-me.

Achando-me ainda com parte das minhas forças físicas, entranhei-me na ilha sem rumo certo. Cheguei a uma linda planície, onde avistei um cavalo que pastava. Dirigi-me para ali, vacilando entre o receio e a alegria, porque ignorava se iria encontrar a morte ou a salvação de meus dias.

À medida que me ia aproximando, reconheci que era uma égua presa a uma pequena estaca. A beleza daquele animal atraiu a minha atenção; ao mesmo tempo que a examinava senti uma voz humana que saia debaixo da terra, e passados poucos instantes, vi aparecer um homem que, aproximando-se de mim, perguntou-me quem era.

Referi-lhe a minha aventura, e o homem, tomando-me pela mão, conduziu-me a uma gruta onde estavam outros, que não ficaram menos admirados de me ver, do que eu dos encontrar.

Comi de algumas provisões que me ofereceram, e perguntando-lhes depois quem eram e o que faziam naquele deserto, responderam que eram palafreneiros do sultão Mibrago, senhor daquela ilha; que todos os anos, naquela estação costumavam ali trazer as éguas pertencentes a seu amo, e as prendiam pelo modo que vira, afim de as castiçarem com um cavalo marinho que costumava sair das ondas, o qual depois daquela acto se enfurecia a ponto de as querer devorar, porém à força de gritos e pedradas o faziam entrar novamente no mar; que depois de conduzidas dali as éguas, os cavalos que davam à luz eram chamados hipopótamos e guardados especialmente para o serviço do sultão. Depois desta narração, acrescentaram que na manhã imediata partiriam, e se ele tivess· chegado um dia mais

verdura. O capitão, mandando amainar as velas, permitiu à tripulação e passageiros, que a quizessem, licença para desembarcar. Eu fui dos que aceitaram essa licença.

Quando nos entretinhamos, comendo, bebendo e descansando das fadigas da viagem, a ilha tremeu repentinamente e parecia sacudir-nos com violência.

A gente que ficára no navio, observando o tremor da ilha, gritaram para que embarcassemos prontamente, aliás morreriamos, pois o que haviamos tomado por uma pequena ilha, não era senão o costado duma baleia.

Dos meus companheiros os mais ágeis salvaram-se no escaler, outros deitaram-se a nadar; eu, porém, infelizmente estava ainda sobre a baleia quando esta, mergulhando-se, apenas me deu tempo para me agarrar a um grosso madeiro dos que haviam levado para queimar.

Ao mesmo tempo o capitão, aproveitando o vento que de repente refrescára, e porque havia já recolhido o escaler e a gente que vira nadando, mandou largar velas. Então perdi totalmente a esperança de alcançar o navio.

Fiquei à mercê das ondas, que me impeliam, ora para um, ora para outro lado, e disputei-lhes a vida em todo o resto desse dia e na noite seguinte.

Quando era outra vez dia, já não tinha forças e arrependia-me de ter conservado a vida; então sobreveio furiosa vaga, que me arrojou, felizmente contra uma ilha, que a não poderia ter subido, se alguns troncos de velhas árvores, pendidos quase até tocar na água, que não servissem de apoio, segurando-me a êles para trepar.

Estendi-me sobre o chão, e assim fiquei como morto, até que o sol, aquecendo-me com o seu calor, me restituiu, por assim dizer, a vida.

Ainda que bastante enfraquecido pela luta que

sustentara com as ondas e pela falta de alimento, não deixei de arrastar-me, procurando ervas que podesse comer; felizmente encontrei algumas, assim como uma nascente de água, que contribuiu para restabelecer-me.

Achando-me ainda com parte das minhas forças físicas, entranhei-me na ilha sem rumo certo. Cheguei a uma linda planície, onde avistei um cavalo que pastava. Dirigi-me para ali, vacilando entre o receio e a alegria, porque ignorava se iria encontrar a morte ou a salvação de meus dias.

À medida que me ia aproximando, reconheci que era uma égua presa a uma pequena estaca. A beleza daquele animal atraiu a minha atenção; ao mesmo tempo que a examinava senti uma voz humana que saia debaixo da terra, e passados poucos instantes, vi aparecer um homem que, aproximando-se de mim, perguntou-me quem era.

Referi-lhe a minha aventura, e o homem, tomando-me pela mão, conduziu-me a uma gruta onde estavam outros, que não ficaram menos admirados de me ver, do que eu dos encontrar.

Comi de algumas provisões que me ofereceram, e perguntando-lhes depois quem eram e o que faziam naquele deserto, responderam que eram palafreneiros do sultão Mibrago, senhor daquela ilha; que todos os anos, naquela estação costumavam ali trazer as éguas pertencentes a seu amo, e as prendiam pelo modo que vira, afim de as castiçarem com um cavalo marinho que costumava sair das ondas, o qual depois daquela acto se enfurecia a ponto de as querer devorar, porém à força de gritos e pedradas o faziam entrar novamente no mar; que depois de conduzidas dali as éguas, os cavalos que davam à luz eram chamados hipopótamos e guardados especialmente para o serviço do sultão. Depois desta narração, acrescentaram que na manhã imediata partiriam, e se ele tivess• chegado um dia mais

tarde, pereceria infalivelmente, porque a povoação era muito distante, e seria impossível lá chegar sem guia.

Enquanto nos demoravamos com estas narrações, o cavalo marinho saiu do mar, entreteve-se com a égua e quando pretendia devorá-la, acudiram os palafreneiros fazendo grande burulho, o que o obrigou a largar a presa e voltar para o fundo das ondas.

No dia seguinte tomaram os palafreneiros o caminho da capital com as éguas e companheiros. Quando chegámos fui apresentado ao sultão Mibrago, o qual me perguntou quem era e a razão porque viera aos seus estados; satisfiz a sua curiosidade, e declarou-me que se compadecia da minha desgraça; ordenou que tivessem cuidado por mim e me prestassem tudo que me fosse necessário.

Estas ordens foram tão pontualmente executadas, que tive razão bastante para louvar a exactidão e generosidade dos oficiais do seu palácio.

Na minha qualidade de mercador, comecei a frequentar as lojas dos que tinham a minha profissão procurando especialmente os estrangeiros que chegavam, não só para saber notícias de Bagdad, como para indagar se alguns deles para ali voltavam; havia para isso belas proporções porque a capital do sultão Mibrago é situada à beira-mar e tem um excelente porto, a onde diàriamente arribam navios de todas as partes do mundo.

Procurando também a companhia dos sábios das Indias, ouvia com prazer os seus discursos.

Nada disto, porém, me impedia de fazer a corte ao sultão com muita regularidade, e de entreter conversações com os seus emires e com os régulos tributários que estavam na cidade.

Faziam-me imensas perguntas àcerca da minha pátria, às quais respondia; e querendo instruir-me nos costumes e leis dos seus estados, indagava tudo o que me parecia mais curioso.

Há uma ilha chamada Cassel, que é tributaria ao sultão Mibrago. Assegura-me que nessa ilha se ouve em todas as noites o som de tambores, o que deu lugar a que os marítimos julgavam que Deglial faz ali a sua residência. Desejei ser testemunha deste prodígio, e vi, durante a viagem, peixes do comprimento de cem e duzentos côvados, que causam mais medo do que mal, pois são tão tímidos, que fogem apenas os tocam. Vi outros peixes que não tinham mais do que um côvado de comprimento, e que pelas cabeças pareciam mochos.

Depois de regressar daquela digressão, estava um dia no porto quando entrou um navio, o qual apenas ancorado começou a descarga das fazendas que trazia, e os mercadores, a quem pertenciam mandavam-nas transportar para os armazéns. Por acaso, lançando a vista sobre os fardos, vi em alguns deles o meu nome; passei a examiná-los com atenção, e reconhecia que eram os mesmos que mandara embarcar comigo no navio em que me dirigira a Balsora. Reconheci igualmente o capitão, o qual estava persuadido de que eu morrera; cheguei-me a ele e perguntei-lhe a quem pertenciam aqueles fardos.

— Vinha a bordo do meu navio — respondeu — um mercador de Bagdad, chamado Sindbad, quando chegámos próximos de uma ilha, ao que parecia, aquele com outros passageiros desembarcaram na suposta ilha, que era, afinal, uma baleia de enorme tamanho, a qual adormecera à tona da água. Apenas sentiu o calor do fogo que para cosinhar haviam acendido sobre o seu costado, começou a mover-se e a submergir-se a maior parte dos indivíduos que estavam sobre ela afogaram-se, e o desgraçado Sindbad foi desse número. Pertenciam-lhe estes fardos, que resolvi negociar afim de entregar o capital e o lucro que tiver obtido à primeira pessoa de família que encontrar.

— Capitão, respondi-lhe, eu sou esse Sindbad que julgais morto, mas que está vivo, como vedes; esses fardos contém as minhas mercadorias, que são todos os meus bens.

Quando o capitão me ouviu falar daquele modo:

— Grande Deus! exclamou, haverá hoje em quem nos possamos confiar? Acabou-se a boa fé entre os homens! Eu vi com os meus próprios olhos morrer Sindbad, os passageiros e tripulação do meu navio o viram também como eu, e atreveis-vos a dizer que sois esse Sindbad! Que audácia! Pela aparência pareceis homem honrado, e contudo usais da falsidade para apossar-vos de um cabedal que vos não pertence!

— Tende paciência, repliquei, escutai o que preciso dizer-vos.

— Muito bem, respondeu, que podereis dizer-me? eu vos escuto com atenção.

Contei-lhe a maneira como me salvaram; o meu encontro com os palafreneiros de Mibrago e as boas maneiras como fora recebido na corte deste sultão.

Ficou muito admirado do que referi, e começou a persuadir-se de que eu não era impostor, e ao mesmo tempo, aparecendo no lugar onde estavamos alguns dos tripulantes do navio, os quais me reconheceram e testemunharam alegria por me encontrarem, depois de supor que morrera, acabaram por fazer capacitar o capitão, o qual abraçando-me:

— Deus seja louvado, disse, pois permitiu que escapasseis de tão grande perigo! Não posso assás explicar-vos quanto prazer sinto. Aí tendes as vossas fazendas, recebei-as: fazei delas o uso que vos aprouver.

Agradeci-lhe e louvei a sua honradês; e querendo mostrar-lhe o meu reconhecimento, roguei-lhe que aceitasse algumas mercadorias de presente; porém recusou obstinadamente.

Escolhi o que havia de mais primoroso nos meus fardos, e fiz com isto um presente ao sultão Mibrago.

Sabendo este príncipe qual fora o desastre que me reduzira à miséria, estranhou que pudesse ter adquirido mercadorias tão raras.

Despedi-me do soberano e embarquei naquele barco

Contei-lhe o acaso a que devia te-las recuperado, e teve a bondade de mostrar-me muita satisfação; aceitou o meu presente e obsequiou-me com outros ainda mais consideráveis.

Depois disto, despedi-me do soberano e embarquei no navio. Antes, porém, de ir para bordo, troquei as fazendas que me restavam por outras do país, tais como: pau de alóes, sandalo, canfora, noz moscada, cravo, pimenta e gengibre.

Durante a viagem abordámos a diversas ilhas,

e finalmente chegámos a Balsora, donde saímos para esta cidade, trazendo á minha parte o valor de cem mil sequins.

Fui recebido pela minha família com todas as demonstrações de prazer, que pode inspirar a amizade mais viva e sincera. Comprei escravos de ambos os sexos, terras produtivas e mobilei com sumptuosidade a minha casa. Foi assim que me restabeleci, procurando esquecer os infortunios passados e gosar vida tranquila e feliz.

Sindbad, chegando a esta conclusão, ordenou aos musicos que continuassem o concerto interrompido pela narração da sua história.

A sociedade prosseguiu, comendo e bebendo até á meia noite; quando porém os convivas mostraram desejos de se retirarem, Sindbad mandou que os criados lhes trouxessem uma bolsa com cem sequins, e dando-a a Hindbad:

—Tomai, disse-lhe, ide para vossa casa, e voltai ámanhã para ouvir a continuação das minhas aventuras.

O mariola retirou-se, confundido com tanta honra e pelo presente que recebera. A relação que de tudo o que se passara fez á mulher e aos filhos, acarretarem sobre Sindbad mil bençoes, e á Providência muitas graças, pela fortuna que lhes deparara, pela intervenção daquele bom homem numa hora feliz.

No dia seguinte Hindbad vestiu-se o mais asseadamente que os seus meios permitiam, e foi a casa do generoso viajante, que o recebeu com muita afabilidade e demonstração de estima.

Tendo comparecido o resto dos convidados, passou-se ao banquete que durou largo tempo, e no fim dele, Sindbad, tomou a palavra, dirigindo-se á companhia:

—Meus senhores, disse, peço a vossa atenção, para a narrativa das aventuras da minha segunda

viagem: são um pouco mais curiosas do que as da primeira.

Todos se calaram, e Sindbad falou pela maneira seguinte:

*

*

Resolvera no fim da primeira viagem, passar tranquilamente o resto dos meus dias em Bagdad, como ontem tive a honra de dizer-vos:

Porém, não foi preciso muito tempo para que me enfastiasse daquela vida ociosa; os desejos de viajar e fazer negócio assaltaram-me o espírito; comprei fazendas para o tráfico que projectara, e juntando-me segunda vez a alguns vendedores, cuja probidade era notória, embarcámos depois de nos havermos encomendado a Deus e encetamos a nossa viajem.

Navegámos de umas ilhas para outras, fazendo em todas, comércio e efectuando rótas com pouca vantagem.

Em uma das vezes que desembarcámos, achámo-nos em uma ilha, cujo terreno estava coberto de toda a casta de árvores frutiferas, porém era um deserto quanto a gente e a habitações.

Fomos espraiar a vista pelos prados e á beira dos riachos que os regavam.

Enquanto alguns dos meus companheiros se divertiam colhendo flores, e outros arrancando frutos das árvores, peguei nas provisões e vinho que havia trazido e fui assentar-me junto dum regato no meio de grandes árvores que formavam deliciosa sombra.

Banqueteei-me apetitosamente com o que tinha, e depois veiu o sono apoderar-se dos meus sentidos. Não sei por quanto tempo dormi, porém quando acordei já não vi o navio ancorado.

Foi grande o meu susto e consternação, conti-

nuou Sindbad, vendo que o navio já não estava no ancoradouro.

Levantei-me e olhei para todos os lados, e não vi nem um dos meus companheiros. Vi sòmente ao mar largo o navio que velejava, afastando-se cada vez mais, até que desapareceu de todo.

Deixo-vos imaginar quais seriam as minhas reflexões em tão desgraçado aperto. Julguei sucumbir á dôr; soltei gritos desesperados, bati na cabeça, rojei-me pela terra, e fiquei longo tempo abismado na confusão mortal de pensamentos que se me aglomeravam uns sobre os outros, qual mais aflitivos; arrependi-me cem mil vezes de não me haver contentado com a primeira viagem, que fora suficiente para não ter mais desejos de embarcar.

Era porém tardio o meu arrependimento.

Resignei-me com a vontade de Deus, e sem sasaber o que fizesse, subi a uma alta árvore, donde olhando para todas as partes, procurava pretexto para conceber alguma esperança. Estendendo os olhos pela superficie do mar, não avistei senão água e céu; porém volvendo-os para o lado da terra, descobri um ponto branco que me inspirou um pensamento favorável.

Desci da árvore, e encaminhei-me em direcção a esse objecto côr de neve, que por estar longínquo não podia distinguir o que seria.

Quando estava a distância proporcionada, percebi que era uma espécie de bola de altura e grossura prodigiosa. Chegando-me perto, toquei-lhe, e acheia-a de branda consistência. Procurei em redor se teria alguma abertura, mas era toda fechada. Lembrei-me de subir ao cume, porém achei grande a elevação e muito lisa e subida, não tendo por isso a que me segurasse. Assentei que aquele globo teria cincoenta passos de circunferência.

Estava o sol quasi chegando ao seu acaso, quando isto se passava. Pareceu-me porém que ca-

minhava com grande velocidade, porque a atmosfera ía-se escurecendo de maneira espantosa; julguei então vêr grandes nuvens negras aglomeradas, que avançavam do ocidente. Aproximando-se o que eu reputava por nuvens, vi com grande surpreza um

Fui assentar-me junto dum regato

enorme pássaro de penas escuras e uns grandes pés que voava em direcção ao sítio em que me achava. Lembrei-me então de um grande pássaro de que ouvira falar aos marinheiros, e de pasmo, que era uma passarola de tamanho incrível e prodigioso, à qual davam o nome de «rochedo», e reconheci igual-

mente que aquela bola, que tanto havia admirado, era um ovo desse pássaro. E com efeito, descendo pousou sobre o ovo, como para o cobrir. Antes disso, porém, tinha-me abaixado junto dele de tal forma, que fiquei exactamente colocado por detrás de um dos pés do pássaro, que era tão grosso como o tronco de uma grande árvore.

Liguei-me pelo meio do corpo àquele pé com a larga cinta do meu turbante, na esperança de que o «rochedo», tomando novamente o voo, poderia transportar-me daquela ilha deserta para algum lugar habitado ou donde descobrisse mundo conhecido. Assim aconteceu; depois de ter passado a noite naquela posição, apenas veio o dia o pássaro levantou voo, elevando-se a tal altura donde eu já não podia ver a terra; depois descendo repentinamente, e com tão incrível rapidez que perdi os sentidos. Pousou; e logo que me vi em terra, desatei prontamente a ligadura com que estava preso ao seu pé. Então dando com o bico em uma serpente de comprimento extraordinário, tomou-a, e de novo voou.

O lugar aonde fiquei era um profundo vale, cercado por todos os lados de montanhas tão altas, que se perdiam de vista, e quase tocavam nas nuvens, e tão escarpadas que era impossivel subi-las. Foi isto para mim novo embaraço, e comparando este lugar com aquele que havia deixado concordei comigo que não havia ganhado na troca.

Andando por este vale, vi que estava coberto de diamantes, alguns de tamanho extraordinário; recreei-me examinando-os, porém avistei logo os outros objectos que chamavam mais a minha atenção e que não pude ver sem grande susto. Era um grande número de serpentes, de tal comprimento e grossura, que nenhuma teria dificuldade de engulir um elefante, as quais se recolhiam de dia às suas covas, para não serem surpreendidas pelo «rochedo», seu inimigo. Aproveitavam a noite para então sair.

Passei o dia passeando no vale e descansando às vezes nos sítios mais cómodos; quando, porém, o sol desapareceu, recolhi-me a uma pequena gruta, cuja entrada era muito baixa, e aonde julguei ficar em segurança, tapando-a com uma grande pedra que o acaso me deparou, tendo apenas o suficiente espaço para receber a claridade. Ceei o resto das minhas provisões ao som do sibilar das serpentes, que começavam a sair dos esconderijos; os horriveis assobios que soltavam produziam em mim um susto de morte, e podeis imaginar com que sossego passaria a noite.

Quando amanheceu, as serpentes recolherem-se, e eu saí tremendo do meu asilo: andei muito tempo sobre diamantes sem ter vontade de pegar em nenhum deles.

Finalmente assentei-me; e apesar da inquietação em que estava, como tinha passado a noite sem fechar os olhos, prontamente adormeci. Pouco tempo depois fui despertado pelo ruido que fizera alguma cousa caindo próximo de mim. Era um pedaço de carne fresca; e sucessivamente vi cair de cima das montanhas muitos outros bocados.

Sempre tinha julgado fábula, composta para fazer rir, o que alguns marítimos e outras pessoas diziam àcerca do vale dos diamantes e ainda tambem dos artifícios de que os mercadores se serviam para haverem dali pedras preciosas. Nessa ocasião porém acreditei que falavam verdade.

Efectivamente os mercadores aproximam-se daquele vale na estação em que as águias teem os filhos recolhidos nos ninhos. Cortam carne em pedaços que atiram para o vale, e os diamantes sobre que esses pedaços caem ficam a eles pegados. As águias, que nesse país são mais corpulentas e fortes do que em outros, vão agarrar os bocados de

carne e os levam, aos ninhos, para sustento dos filhos, assentes nas pontas dos rochedos. Os mercadores ocorrem a esses lugares, e afugentando com alarido as águias sobem aos ninhos e tiram os diamantes que estão presos aos bocados de carne.

E com eles enchi o saco de couro

Servem-se deste meio engenhoso para obter as pedras que existem naquele vale, precipício aonde ninguem se atreve a descer.

Antes de tal acontecimento julgara eu impossível sair deste abismo, que considerava como minha sepultura; mudei, porém, de opinião depois do que

acabava de ver, e concebi a esperança de salvar a vida.

Principiei, continuou Sindbad, a ajuntar os maiores diamantes que se apresentavam a meus olhos, e com eles enchi o saco de couro que servira para guardar as minhas provisões alimentícias. Tomei depois o pedaço de carne que julguei maior e atando-o sobre as costas com o pano do meu turbante, deitei-me com o ventre unido à terra e o saco bem amarrado à cintura para que não caísse.

Pouco depois de estar naquela posição, vieram as águias e agarrando cada uma, uma peça de carne que lhe convinha, a mais possante de todas, tomando a que estava presa ao meu corpo, levou-me até ao alto do rochedo onde estava o seu ninho.

Os mercadores principiaram então a gritar para espantar as águias, que fugiram largando as presas; um deles aproximando-se à que estava unida a mim, ficou assustado vendo-me.

Sossegou depressa, e em vez de informar-se acerca da aventura por que ali me encontrava, enfadou-se contra mim, perguntando que direito tinha eu para roubar o que lhe pertencia.

— Falar-me-eis, respondi-lhe com mais humanidade, quando melhor me conhecerdes. Alegrai-vos, todavia, porque tenho diamantes para vós e para mim em maior número do que podem ter todos os outros mercadores reunidos. Os que possuís, os deveis ao acaso; porém, os que trago neste saco fui eu pessoalmente apanhá-los mesmo ao fundo do vale, estes lindos diamantes.

E ao mesmo tempo mostrava-lhe os que tinha em meu poder.

Os outros mercadores, não estranhando menos a minha presença, cercaram-me admirando a quantidade e qualidade dos diamantes, e o seu pasmo redobrou depois que lhes contei a minha aventura, e o ardil que empregara para salvar a vida.

Conduziram-me ao lugar onde costumavam alojar-se, e abrindo novamente o meu saco viram com surpresa o tamanho e grossura dos meus diamantes, asseverando que em todas as suas excursões nunca haviam alcançado um que se parecesse àqueles.

Dirigindo palavra ao mercador, a quem pertencia o ninho a que fora transportado (porque cada um deles tinha o seu), pediu-lhe que escolhesse para si os diamantes que quisesse; tirou apenas um, e não era dos maiores; e insistindo eu para que aceitasse mais, sem receio de que me fizessem falta.

—Não, respondeu, estou satisfeito com o que escolhi; é de valor bastante para me indemnizar dos incómodos que tenho sofrido nestas viagens, e para fazer a minha futura felicidade.

Passei a noite em companhia desta boa gente, a quem referi por segunda vez a minha história, satisfazendo assim a curiosidade daqueles que não a tinham ainda ouvido.

Não podia moderar o júbilo, excitado pela lembrança de que estava livre dos perigos a que me vira exposto.

Julgava o meu estado presente como um sonho, e custava-me a acreditar que tivesse algum a temer.

Havia já muitos dias que os mercadores ali se demoravam, e julgando-se cada um satisfeito com a quantidade de diamantes que alcançara, resolveram a partida para a manhã seguinte.

Na companhia deles, atravessei altas montanhas, onde encontrámos serpentes de tamanho extraordinário, que tinhamos o cuidado de evitar.

Chegando ao primeiro porto, embarcámos para a ilha de Roka onde se cria a árvore que produz a cânfora, que é tão grossa e frondosa, que cem homens podem abrigar-se à sua sombra.

O suco é extraido por meio duma incisão feita no alto do tronco da árvore, e depois de guardado num vaso, toma consistência convertendo-se no que se chama cânfora. A árvore de que tirou o suco, seca e morre logo depois daquela operação.

Há também nesta ilha muitos rinocerontes, que são animais mais pequenos do que os elefantes, porém maiores que os búfalos; tem apenas um corno no meio da testa, do comprimento dum côvado, pouco mais ou menos, o qual é sólido e aberto pelo meio duma extremidade à outra. O rinoceronte briga com o elefante, e servindo-se daquela arma para o espetar no ventre, leva-o sobre a cabeça; porém o sangue e a gordura do próprio inimigo, caindo-lhe nos olhos, cega-o e o faz cair. O que é então mais para admirar é que vindo o «rochedo», toma ambos nas garras e os leva para sustento dos filhos.

Deixo em silêncio muitas particularidades desta ilha, para não cansar a vossa atenção.

Saí dali depois de efectuar a troca de alguns dos meus diamantes por fazendas negociáveis.

Passámos a diferentes ilhas, onde fizemos bom comércio, e finalmente depois de abandonarmos a Balsora, onde pouco me demorei, voltei a Bagdad.

Distribuí muitas esmolas aos pobres, e estabeleci-me honradamente com o resto das riquezas que havia trazido, ganhas com tantos trabalhos e fadigas.

Assim concluiu Sindbad a narração da sua segunda viagem.

Mandou dar outros cem sequins a Hindbad recomendando-lhe que voltasse no dia seguinte para ouvir a narração da terceira viagem.

Os convidados sairam com igual recomendação e foram pontuais à mesma hora no dia imediato, assim como o mariola, que parecia ter esquecido a miséria por que passara.

Foram para a mesa, e no fim do banquete Sin-

dbad começou do seguinte modo a história da sua terceira viagem.

* * *

Bem depressa esqueci nas doçuras da vida pacífica e opulenta os trabalhos e perigos por que passara nas duas viagens. Estando na flor dos anos, aborreci a ociosidade; e atraído pela ambição de nova fortuna, esqueci os perigos passados; embarquei, levando comigo grande porção das mais ricas fazendas do país e dirigi-me a Balsora. Dali segui viagem com outros mercadores, e durante uma longa navegação aportámos a várias ilhas, nas quais efectuámos comércio vantajoso.

Navegando no alto mar, fomos acometidos por tão terrível tempestade, que depois de perdermos o rumo nos levou à vista de uma ilha aonde o capitão tinha pouca vontade de abordar; contudo, depois de ter mandado ferrar os panos, reuniu-nos e falou-nos pelo seguinte modo:

— A ilha que vamos tocar, assim como outras circunvizinhas, são povoadas de selvagens de pêlo comprido, que não se demoram em vir atacar aqueles que aí desembarcam. Posto que sejam de uma estatura de anões, é contudo conveniente não lhes opôr resistência, porque são tão numerosas como gafanhotos; e se tivéssemos a infelicidade de matar um só dentre eles, viriam todos sobre nós e suplantar-nos-iam pelo número.

O discurso do capitão, continuou Sindbad, produziu o maior desalento na tripulação, e bem depressa conhecemos que falara verdade.

Vimos aparecer na praia uma imensidade de selvagens hediondos, cobertos em todo o corpo de um pêlo pardo, e em pouco tempo cercavam o navio; falavam muito, porém não entendíamos o que diziam. Agarraram-se ao costado e às cordas do navio e treparam por todos os lados, até à borda da embarcação, com incrivel agilidade e presteza.

Presenceámos esta manobra com o susto que podeis imaginar; não ousámos tomar a defensiva, nem dirigir-lhes uma só palavra, para os não incitar aos seus desejos, que julgámos serem funestos; finalmente despregaram as velas, cortaram a amarra da âncora e depois de terem conseguido aproximar o navio à terra, nos obrigaram a desembarcar numa ilha próxima, levando em seguida o navio para aquela de onde tinham saído.

Todos os viajantes evitam com grande cuidado aportar a esta ilha em que ficámos, porque temem os perigos que ides saber; porém tivemos de resignar-nos ao nosso destino com a paciência possível.

Afastando-nos da praia, entranhámo-nos na ilha, onde encontrámos alguns frutos e ervas, das quais comemos para prolongar os momentos da vida, que todos receávamos não fossem longos.

Continuando a caminhar avistámos ainda muito distante, um grande edifício, e para aí dirigimos os passos.

Era um palácio bem construído com uma grande porta de ébano de dois batentes, que abrimos, empurrando-a. Entrámos no páteo e vimos em frente um vasto alojamento com vestíbulo num dos lados, onde estava um montão de ossadas humanas e no outro muitos espetos de assar carne.

Esta perspectiva foi mais que suficiente para assustar-nos, o que, junto ao cansaço proveniente da caminhada, nos influiu uma falta de forças a tal ponto, que caímos e ficámos por muito tempo imóveis.

Aproximou-se a noite; estávamos ainda na mesma posição, quando sentimos abrir-se com grande estrondo a porta do alojamento e em se-

guida sair dali um horrendo homem negro da altura de uma palmeira.

Esta figura quase in-humana tinha apenas no meio da testa um só olho vermelho e abrazado como um carvão aceso; os dentes dianteiros tão compridos e agudos, que saíam muito além da boca, tão rasgada como a dum cavalo e com o beiço infe-

Tinha apenas no meio da testa um só olho

rior caido sobre o peito. As orelhas eram quase do tamanho das do elefante, e quase lhe cobriam os ombros; tinha as unhas compridas e encurvadas como as garras dos pássaros carnívoros.

A' vista de tão espantoso gigante, perdemos o uso da razão e ficámos como mortos.

Quando recuperámos os sentidos, vimos aquele antropófago sentado junto do vestíbulo, contemplando-nos atentamente com o seu único olho.

Depois de bem nos examinar, aproximou-se e, estendendo a mão, pegou em mim pelo pescoço e virando-me de todos os lados com tanta agilidade como um magarefe o faria à cabeça de um carneiro, vendo que eu estava tão magro que só teria aproveitável a pele e o osso, largou-me. Pegou depois nos meus companheiros em cada um por sua vez, examinou-os e virou-os do mesmo modo; concluindo no seu pensamento que o capitão era de todos o mais gordo, segurou-o com uma das mãos, como qualquer de nós seguraria um pardal, com a outra pegou num espeto e atravessou-o pelo meio do corpo, colocando-o depois sobre o lume; quando estava assado mandou que lho servissem à ceia, a qual teve lugar dentro da casa que já disse.

Acabado o banquete, voltou para junto do vestíbulo, deitou-se e em pouco tempo dormia, roncando com tanto estrondo como o de um trovão; durou o seu sono até ao amanhecer do dia seguinte.

Nós passámos a noite sem gozar descanso algum e no maior desassocego que se imagina. Quando o gigante despertou, ergueu-se e saiu deixando-nos no palácio.

Voltou às horas da ceia, e repetiu-se em tudo o espectáculo da noite precedente, ficando nós sem outro dos nossos companheiros.

Quando amanheceu, igualmente saiu.

Era tão desesperada a nossa situação, que alguns dos meus infelizes camaradas estavam antes resolvidos a irem precipitar-se nas ondas, do que esperarem a morte tão certa e tão horrorosa.

Excitando-se mùtuamente para este fim, um deles tomou a palavra:

— Não é lícito, disse, que nos demos a nós mesmo. E se o fosse, não era mais razoável dar primeiro fim, à vida de um bárbaro que nos reserva para suplício tão cruel.

Tendo-me subido ao cérebro um pensamento àquele respeito, comuniquei-o aos meus companheiros, que prontamente o aprovaram.

— Meus irmãos, disse-lhes, sabeis que há nesta praia muita madeira. Se quereis tomar o meu conselho, construiremos algumas jangadas capazes de nos sustentarem por alguns dias sobre as águas, e depois de prontas deixá-las-emos na costa até que nos sejam precisas; depois executaremos o projecto que vos indicarei para ficarmos livres do gigante. Se tivermos bom êxito, poderemos aqui esperar que algum navio passe ao largo, e se aproxime para nos levar desta ilha tão fatal; se pelo contrário formos mal sucedidos, com o recurso das nossas jangadas fugiremos para o mar. Confesso que o perigo que corremos, expondo-nos ao furor das águas, porém, ainda que tenhamos de perecer aí, melhor será ficarmos sepultados no mar do que nas entranhas desse monstro, que já devorou dois dos nossos companheiros.

Foi, como disse, aprovado o meu conselho, e em pouco tempo construimos jangadas, cada uma própria para levar três pessoas.

Antes da noite chegámos ao palácio, e pouco depois veiu o gigante. Forçoso foi resignarmo-nos a ver assar mais um dos nossos companheiros. Eis porém a maneira como nos vingámos do nosso inimigo.

Tendo concluido o seu carnívoro banquete, deitou-se de costas e adormeceu. Logo que ouvimos roncar estrondosamente na forma do costume, eu e dez dos mais valentes camaradas pegámos em dez espetos e os puzemos com as pontas sobre o fogo. Apenas estiveram em braza cravámos-lhos ao mesmo tempo no olho, que ficou atravessado.

A dor repentina fez soltar ao gigante um uivo espantoso: ergueu-se precipitadamente, e estendendo as mãos procurou por todos os lados, ansioso de encontrar algum de nós que sacrificasse a sua raiva. Tivemos o cuidado de nos afastar, e deitarmo-nos no chão, de maneira que nem com os pés pudesse encontrar-nos. Depois de ver que baldadamente nos procurava às apalpadelas achou a porta e saiu dando gritos horrorosos.

Saimos logo a seguir ao gigante, continuou Sindbad, e corremos às nossas jangadas; deitámo-las à água, e esperámos que amanhecesse para nós embarcarmos, se antes não viesse o gigante em nossa perseguição, guiado por alguém. Não era esta, porém, a nossa esperança, porque supunhamos que tivesse perecido, pois não continuámos a ouvir seus gritos.

Quando chegou o dia, conhecemos o êrro, dos nossos cálculos! avistamos o cruel inimigo guiado por dois gigantes quási do seu tamanho, e precedido por outros mais pequenos, que com eles corriam precipitadamente.

A' vista disto não vacilamos; lançamo-nos sobre as jangadas e começamos a remar com todas as forças.

Os gigantes, vendo a nossa resolução preveniram-se com pedras, correram até à praia, cintura, começaram um tiroteio de pedradas tão acertadas, que exceptuando aquela em que eu estava, todas as jangadas foram despedaçadas.

Quanto a mim e aos meus dois companheiros na jangada em que procuravamos a salvação, fugiamos tão ràpidamente, remando com fôrça quase sobrenatural, que em poucos momentos nos achamos fora do alcance das pedras dos nossos inimigos.

Já no alto mar, começamos a andar à mercê das ondas que, nos impeliam ora para um, ora para outro lado; passamos desta sorte o resto daquele dia e a noite que lhe sobreveiu.

Na manhã seguinte fomos levados pelo ímpeto das vagas de encontro à praia de uma ilha, onde

nos salvamos com grande prazer; encontramos aí algumas frutas, que nos serviram de amparar a a vida, reanimando as forças que tinhamos quase extintas.

Pelo decurso da tarde, tendo adormecido, fomos acordados pela bulha que fazia uma enorme serpente, tão comprida como uma palmeira a qual, arrastando pela areia o seu enorme corpo coberto de escamas, produzira o motim que nos despertara.

Chegou-se tão perto de nós, que pôde engulir um dos meus companheiros; apesar dos gritos e esforços que este empregara para livrar-se, foi por ela sacudido por algumas vezes, até que, esmagando-o contra o chão, acabou por engoli-lo.

Fugimos imediatamente, eu e o outro meu companheiro; e, já bem distante, ouvimos ainda um ruido que nos fez supor que a serpente vomitava os ossos do desgraçado que surpreendera.

Não nos enganaramos; no dia seguinte vimos com horror a desgraça que assim acontecera.

Grande Deus, exclamei então, a que perigos estamos expostos!

Ontem julgavamo-nos felizes por havermos fugido à crueldade de um gigante feroz e escapando à fúria das ondas; e hoje eis-nos a lutar com outros perigos cada vez maiores e sem explicação alguma.

Descobrimos uma arvore de grande altura, e calculamos a utilidade de passar nela a noite.

Pouco antes do fim do dia comemos ainda algumas frutas, e em seguida subimos ao cume do asilo que o acaso nos deparou.

Não havia muito tempo que ali estavamos, quando pressentimos a serpente, que assobiando horrivelmente, se dirigia para aquele lugar, erguendo-se, enroscada ao tronco da árvore, encontrou o meu ultimo companheiro, que ficara abaixo de mim; num momento o engoliu, e retirou-se.

Conservei-me no meu lugar até ser dia, e só então desci quase sem forças nem ânimo; e com efeito não tinha a esperar outra sorte que não fosse igual à dos meus companheiros.

Bastava este pensamento para que estremecesse de horror; no auge deste desespero cheguei a correr até à praia para lançar-me às ondas, porém, a lembrança de que o homem deve prolongar a sua existência, que só Deus tem direito de arrancar-lha, fez com que resistisse aquele impulso.

Que pôde engulir um dos meus companheiros...

Tratei de arranjar ramos de árvores, silvas e espinhos secos; e depois de formar vários feixes, fui colocá-los em roda da árvore, guardando outros para que, presos aos pequenos troncos, me cobrissem o corpo.

Depois de concluída a tarefa, apenas anoitecera fechei-me naquele círculo com a única e triste consolação de nada ter esquecido do que estava ao alcance para a conservação da vida.

A serpente veiu; e formando continuados giros

em torno da árvore, procurava abraçá-la e erguer-se para devorar-me; opunha-se-lhe porém o reduto que eu havia formado, e debalde fez, até amanhecer, o exercício de um gato que espreita o rato, posto em sitio a onde não pode chegar.

Finalmente, quando apontava o dia, retirou-se; porém, não me atrevi a sair do meu asilo antes de nascer o sol.

Achava-me tão fatigado pelo trabalho que me impuzera, e aturdido pelo habito pestilento que o monstro durante toda a noite me fizera respirar, que esquecendo a resignação que me sustivera no dia precedente, corri à praia com a intenção de precipitar-me no mar.

Quiz a Providência, prosseguiu Sindbad valer-me por mais uma vez.

Quando estava prestes a entregar-me à voragem das ondas, avistei, muito ao longe, um navio mercante.

Gritei com todas as forças dos meus pulmões, agitando ao mesmo tempo um pedaço de pano do meu turbante. Não foi baldado este esforço, porque toda a tripulação me viu, e imediatamente o capitão mandou uma lancha à terra, na qual fui recebido.

Chegando a bordo do navio, passageiros e tripulação todos me interrogaram com anciedade sobre o motivo porque estava em uma ilha tão deserta.

Depois de os haver informado àcerca da minha falsa aventura, disseram-me os mais velhos dentre eles, que por muitas vezes tinham ouvido falar dos gigantes que ali habitavam, os quais eram antropófagos e comiam homens tanto crús como assados; respectivamente à serpente acrescentaram pouco mais do que eu sabia, isto é, que as havia de grandes dimensões, em abundância, e que se recolhiam de dia às suas cavernas, de onde só saiam no curso da noite.

Depois de manifestarem grande contentamento pela fortuna de me haverem salvado daqueles horrores, ofereceram-me de comer, o que aceitei, regalando-me com o melhor que tinham; e o capitão, vendo que o meu vestido estava esfarrapado, teve a generosidade de dar-me um dos seus.

Navegamos durante alguns dias, aportando a diferentes ilhas, chegando finalmente à de Salabat,

... mandou uma lancha a terra

de onde é oriundo o pau sândalo, objecto de grande consumo na medicina.

Ancoramos naquele porto, e os mercadores que vinham connosco, começaram a mandar conduzir para terra as suas fazendas, afim de as venderem ou trocarem.

Enquanto isto tinha lugar, o capitão do navio chamou-me de parte e disse:

— Irmão, trago em depósito alguns fardos de fazendas que pertenciam a um mercador, que por largo tempo nos acompanhou nesta embarcação;

esse mercador morreu, e eu continuei negociando por conta de seus herdeiros, a quem entregarei lucros e capital logo que os encontre.

Os fardos de que o capitão falava estavam já sobre a tolda; mostrou-mos, acrescentando:

— Eis aqui as fazendas em questão. O que desejo é que vos encarregueis agora de comerciar com elas, mediante alguma comissão pelo vosso trabalho.

Aceitei o encargo, agradecendo o favor de proporcionar-me meios de adquirir algum interesse.

Segundo a prática, o escrivão do navio registava todos fardos da carregação, adicionando-lhes o nome dos donos; em consequência disto, perguntou ao capitão com que nome queria que fossem registados aqueles de que me encarregara.

Inscrevei-os, respondeu o capitão, debaixo do nome Sindbad, o marítimo.

Não pude, sem comoção, ouvir pronunciar o meu nome.

Encarei atentamente o capitão, e reconheci-o por aquele que na minha segunda viagem me deixára na ilha em que à borda do rio adormecera, fazendo-se à vela sem ter o cuidado de mandar-me procurar. Não o havia reconhecido, quando entrara no navio, por causa da grande mudança operada na sua fisionomia.

Ele, persuadido de que eu morrera, fàcilmente deixára tambem de reconhecer-me.

— Capitão, preguntei-lhe, chamava-se Sindbad o mercador a quem pertenciam estes fardos?

— Exactamente, respondeu, era esse o seu nome. Filho de Bagdad, embarcára no meu navio em Balsora. Um dia em que saltamos numa ilha para refrescar e para fazer aguada, não sei que motivo houve para levantar ferro subitamente, não reparamos porque motivo esse passageiro ficára em terra. Só depois de quatro horas de viagem, foi que notámos a sua falta; tinhamos, porém, vento em pôpa,

e tão fresco, que impossível se tornou virar de bordo para ir buscá-lo.

— Julgais então, disse-lhe eu que esse homem tenha morrido?

— Certamente.

— Então, repliquei, olhai-me com atenção, e reconhecei esse Sindbad que deixastes na ilha de-

Seja louvado o poder de Deus; disse abraçando-me

serta. Adormecendo á borda de um rio, quando despertei não vi junto de mim nenhum daqueles que haviam desembarcado comigo.

O capitão, ouvindo isto, encarou-me com espanto.

O capitão, depois de ter olhado para mim com a maior atenção terminou por me reconhecer.

— Seja louvado o poder de Deus; disse, abraçando-me; quanto prazer tenho, em dever a um acaso feliz, a restituição do que não me pertence! eis aí as fazendas que legitimamente são vossas; entregovo-las depois de haver, como vêdes aumentando o seu valor por meio de transacções que operei.

Aceitei o que me pertencia, e agradeci ao capitão os bons serviços de que me tornára devedor.

Saímos da ilha de Salabet, e aportamos a outra onde comprei uma boa partida de cravo, canela e outras especiarias.

Navegando já a bastante distância deste último porto, encontrámos no alto mar tartarugas de vinte covados de comprimento e altura cada uma; vimos também um peixe muito parecido com a vaca, que dava leite e tinha a pele tão dura, que era empregada em fazer broqueis; além disto, observámos outro peixe cuja figura e côr eram semelhantes às do camelo.

Finalmente, passados alguns dias, chegámos á Balsora, e daí voltei para esta cidade, trazendo tão extraordinária porção de riquezas, que ignorava o valor da sua totalidade.

Reparti ainda com os pobres, avultadas esmolas e aumentei as minhas propriedades com grande número de outras aquisições.

Deste modo terminou Sindbad a história da sua terceira viagem.

Mandou aos seus famulos que dessem outros cem sequins a Hindbad, convidando-o a voltar no dia imediato, para assistir ao banquete e ouvir a narração da quarta viagem.

O mariola retirou-se, e igualmente toda a companhia.

No dia seguinte foram pontuais, e depois de jantar continuou Sindbad a narração das suas aventuras.

*

* *

Os prazeres e as delícias dos divertimentos, assim como o gôso de todas as comodidades não foram desta vez capazes de oferecer-me atractivos poderosos para que me determinassem a não voltar á mania das viagens.

A paixão pelo comércio e o desejo de vêr novas coisas e novos países, avassalaram o meu espírito.

Fiz as disposições necessárias, prevenindo-me com um grande sortimento de fazendas vendaveis nos portos aonde destinava ir, e parti.

Tomei caminho em direcção à Persia, e atravessei quasi todas as províncias deste reino, e tendo chegado a um porto de mar embarquei.

Durante a viágem aportámos a diferentes portos do continente e a algumas das ilhas orientais; porém, um dia fomos acometidos por tão grande vendaval, que foi o capitão obrigado a amainar as velas e a dar as ordens necessárias para evitar um perigo eminente.

Este expediente, porém, surtiu efeito sinistro, por quanto, sendo a manobra demorada, um tufão fez em farrapos todas as velas, o navio perdeu o leme, e foi dar em um baixio onde se despedaçou afogando-se a maior parte da tripulação e passageiros, e perdendo-se toda a carga.

Tivemos a fortuna, eu e alguns dos meus companheiros, de nos agarrar-mos a uma grande tábua, e sobre ela fomos levados pela corrente a uma ilha, que a pequena distância estava em frente de nós.

Achámos aí felizmente o recurso ordinário para os que naufragam em tais lugares; frutos selvagens e água.

Com isto restabelecemos as forças e adormecemos na praia, sem que houvessemos deliberado sobre o destino que tomaríamos.

Acordando no dia seguinte, e descobrindo ao longe algumas pequenas habitações, para aí nos dirigimos.

Indo já a pouca distância, vieram ao nosso encontro grande multidão de negros que nos cercaram, e apossando-se de nós, dividiram-se em dois grupos, levando-nos para as suas habitações.

Eu fui, com cinco dos meus companheiros, conduzido para um lugar onde negros, a quem parecia pertencer-nos de facto, nos mandaram sentar e ofereceram uma certa erva, excitando-nos com gestos para que comêssemos.

Os meus camaradas, sem consultarem mais do que a fome que os incomodavam e a cubiça do apetite, comeram á vontade não reparando que os negros não os imitavam naquele banquete.

Pelo contrário, eu presentindo nisto uma traição abstive-me sequer de provar o que me incitavam a comer e em breve conheci que tinha obrado com muita prudência, porque os meus companheiros pareciam estonteados, e querendo falar não sabiam o que pronunciavam.

Apresentaram-nos pouco depois, arroz preparado com azeite de côco, do qual me servi em pequena quantidade; porém, os meus camaradas, como fôra do uso da razão, comeram desproporcionadamente.

Era o caso; os negros haviam-nos dado a comer aquela erva, a fim de nos embriagarem, para não conhecermos o horror da sorte que nos esperava, e ao mesmo tempo o arroz preparado com o azeite serviam para que engordássemos, e então com mais prazer, nos comeriam, porque eram antropofagos; foi isso o que aconteceu aos meus companheiros, que possuídos pela embriaguês, mal conheceram os destinos porque passaram.

Quanto a mim, conservando o uso da razão pela minha abstinencia, como já vos disse, em vez de

deixar-me engordar, emagrecia cada vez mais: atormentava-me a expectativa da morte, e era isso o bastante para olhar com horror para toda a casta de alimentos.

... corri com toda a velocidade...

Sobreveiu-me uma languidez que me valeu a vida, pois que tendo os negros matado e comido todos os meus companheiros, e continuando a vêr-me sêco, descarnado e doente, não tinham por mim apetite, e íam esperando para que estivesse gordo.

No entanto gosava de toda a liberdade e quási que não reparavam nas minhas acções:

Isto favoreceu-me, para que um dia me fôsse afastando das habitações dos negros, com o intento de escapar-lhes.

Um deles, bastante velho, percebendo o meu desígnio, gritou para que parasse e voltasse para junto deles; porém, em vez de obedecer-lhe, corri com toda a velocidade até estar fóra do seu alcance e da sua vista.

Não ignorava que naquele dia não estava al- mais do que esse velho, pois os outros negros ha- viam-se ausentado, como era de costume amiudada vezes; e portanto estava certo de que, voltando, e sabendo da minha fuga, não teriam tempo para me alcançarem. Caminhei pois até á noite, e só então parei para tomar descanso e algum alimento das provisões que com este propósito preparava.

Descansei, porém, pouco; e, continuando a caminhar, no decurso de sete dias, pelos atalhos e caminhos que me pareciam menos transitáveis, sustentava-me de côcos que ao mesmo tempo me forneciam de comer e de beber. No oitavo dia cheguei ás proximidades do mar, e avistei muito próximo gente branca como eu, que se ocupavam em colher pimenta, de que havia ali grande abundância.

Agourei bem desta gente pela ocupação a que se entregavam, e não hesitei em aproximar-me deles.

Os homens que andavam colhendo pimenta, disse Sindbad, vieram ao meu encontro, e preguntaram-me em linguagem árabe, quem era e donde vinha.

Fiquei contentíssimo ouvindo-os falar naquele idioma, e com a melhor vontade respondi ás suas preguntas, relatando o meu naufrágio e a queda em poder dos negros.

Esses negros, disseram, comem gente; como podeste escapar á sua voracidade?

Satisfiz a essa nova pregunta com narração igual á que acabei de fazer-vos.

Demorei-me com eles até que adquiriram a quantidade de pimenta que desejavam; e depois embarcámos todos num navio que ali os trouxera e nos conduzia á sua ilha.

Apresentaram-me ao sultão, que era um príncipe estimável e me recebeu com toda a benevolência, dignando-se ouvir a narração da minha aventura, que bastante admiração lhe causou.

Recebi dele alguns vestidos, e por sua ordem nada me faltava.

A ilha era muito populosa e abundante em produtos da natureza, e a capital, residência do sultão, era cidade de grande comércio.

A fortuna de ter encontrado tão bom asilo consolava-me das desgraças passadas.

As bondades que o generoso sultão me dispensava, concorria para a minha satisfação; e com efeito, havia-me tornado como um seu válido, e por esta circunstância ninguém havia na côrte que não ambicionasse a minha amizade, procurando ocasiões de me agradarem.

Era considerado não como estrangeiro, porém como filho do país.

Entre diversas observações que por ali fiz, notei com admiração, que todos naquela terra, incluindo o próprio sultão, montava sem que os cavalos tivessem freio nem estribos.

Tomei a liberdade de preguntar ao sultão qual o motivo porque não usavam daquelas comodidades.

Respondeu-me que ignorava de que objectos eu queria falar.

Calei-me, e dirigindo-me a casa dum carpinteiro, ordenei-lhe que fizesse uma armação de cela, segundo o modelo que apresentei; quando a armação estava pronta, guarnecia de crina e coberta de sola, que enfeitei com bordados de oiro; fui depois a um serralheiro, que, pelos moldes que lhe dei, fabricou o freio e os estribos.

Depois de tudo concluido, fui apresentar ao príncipe estes objectos, para ele desconhecidos, e os experimentei num dos seus cavalos.

O sultão montou também, servindo-se deles, e achando maravilhosa esta invenção, manifestou a sua alegria remunerando-me largamente.

Não pude esquivar-me a fazer iguais ornatos para os cavalos que pertenciam aos emires, assim como aos grandes da côrte e de vários outros personagens, e todos me recompensaram largamente.

Depois fui instado pelas pessoas mais abastadas da cidade e tive de prestar-lhes os meus serviços a troco de grandes interesses.

Tudo isto grangeou-me dos habitantes a mais alta consideração e fama.

Continuava fazendo diàriamente visitas ao sultão; este me disse quando nos entretinhamos conversando.

— Sou teu amigo, Sindbad; os meus subditos amam-te e respeitam-te, porque conhecem a deferência que uso contigo, tenho, pois, um favor a pedir-te, e conto que sereis condescendente.

— Senhor, respondi-lhe, qual será a coisa em que não estarei pronto a obedecer-vos, para mostrar a minha gratidão ao vossos benefícios? Tendes sôbre mim vontade absoluta.

Desejo que cases, continuou o sultão, para que êsse laço te detenha nos meus estados e esqueças a tua pátria.

Não ousei resistir à vontade do sultão, e recebi em casamento uma dama da sua corte, nobre, bela e rica.

Depois das nùpcias passei a viver em casa da minha consorte disfrutando perfeita união.

Contudo não estava contente com a minha nova condição, e projectava escapar-me na primeira oca- favorável, e voltar para Bagdad, que não podia

esquecer apesar de todas as honras e opulência de que estava rodeado.

Conservava este firme desejo, quando a mulher dum dos meus visinhos, com o qual travára estreita amisade, adoecendo repentinamente, morreu.

...e os experimentei num dos seus cavalos

Dirigi-me à sua casa para o consolar, e encontrando-o na mais pungente aflição:

— Deus vos guarde e alivie, bom amigo, lhe disse, para que dilate a vossa vida.

— Ai de mim! respondeu; como é possível que obtenha de Deus o benefício que desejais? Resta-me apenas uma hora para viver.

— Não, repliquei-lhe, não deixeis entranhar em vosso espírito tão funesto pensamento; espero que

não aconteça o que dizeis, e que possuirei por largo tempo a vossa amisade.

Desejo, respondeu, que o céu conserve por muito tempo a vossa existência; quanto a mim, tudo está concluído. Serei hoje enterrado com minha mulher. Esta é a lei imposta pelos nossos antepassados na nossa ilha, e que religiosamente observamos: o marido vivo é enterrado com a mulher morta, da mesma sorte que a mulher viva acompanha à sepultura o marido defunto. Nada pode valer-me, é esta a lei á que estamos sujeitos.

Quando acabava de relatar esta original barbaridade, da qual eu não houvera tido até então conhecimento e que me assustou em extremo, entraram os parentes, amigos e vizinhos do viúvo, que vinham assistir ao funeral. Ataviaram o cadáver com os seus melhores vestidos iguais ao do dia do noivado; enfeitaram-no com todas as jóias que possuíra; e depois de o colocarem num esquife descoberto, pôs-se em marcha o cortejo fúnebre.

O marido caminhava à frente dos anojados, seguindo de perto o corpo da mulher. Tomando o caminho de uma alta montanha, quando chegaram ao cume, ergueram uma lage que cobria a embocadura de um largo e profundo poço, para onde, por meio de cordas, desceram o esquife, sem nada tirar ao cadáver dos enfeites que levava.

Depois o marido abraçou parentes e amigos, e deixou-se meter noutro esquife, levando por companhia uma bilha com água e sete pequenos pães; e foi descido à profundidade pelo mesmo modo por que fora a mulher. A lage foi então colocada no mesmo lugar.

Tive então ocasião de ver essa grande montanha, que ocultava no seu ventre o cemitério de milhares de vítimas.

Era de extensão admirável, e terminava de um lado servindo como de barreira às ondas do mar.

E' escusado, senhores, pintar-vos a tristeza com que assisti àquele funeral, ao tempo que todos os outros concorrentes não davam sinais da menor comoção.

Tal era o hábito de assistirem repetidas vezes a iguais espectáculos! Na primeira ocasião que visitei o sultão não pude deixar de dizer-lhe alguma coisa:

— Senhor, é realmente para espantar o inaudito costume, inveterado neste país, o de enterrarem os vivos e conjuntamente os mortos! Tenho viajado muito, visitado e assistido em diferentes nações do mundo, e nunca tive notícia de lei tão extraordinária e cruel!

— Pois que queres, Sindbad? respondeu o sultão, é aqui lei comum, a que também estou sujeito; se a sultana, minha esposa morrer primeiro, serei com ela enterrado vivo.

— Porém, senhor, repliquei, ouso perguntar a vossa magestade, se igualmente os estrangeiros estão sujeitos a essa prescrição.

— Sem dúvida, respondeu sorrindo, por entender a causa da minha pergunta, dela não são isentos logo que hajam casado aqui.

Voltei para casa melancólico e pensativo.

O receio de que minha mulher morresse primeiro do que eu em consequência do que seria enterrado vivo, oprimia-me com desconsoladoras reflexões.

Porém de que modo remediar esse mal? Forçoso era ter paciência e resignar-me à vontade de Deus.

Tremia à menor indisposição de que minha mulher era acometida, e cercava-a de todos os meus cuidados.

Alguns sustos que por vezes senti, tornaram-se um dia em realidade funesta.

Minha mulher adoeceu gravemente, e morreu.

Imaginai qual seria a minha aflição, continuou Sindband; ía ser enterrado vivo com minha mulher, e este fim da minha vida considerava-o mais deplorável do que se houvesse sido devorado por antropofagos.

Não era possível fugir á força do destino.

O sultão, acompanhado de toda a côrte, dignou-se honrar com a sua presença o meu préstito funebre, e as pessoas mais notáveis da cidade ocorreram também a assistir ao meu entêrro.

Quando tudo estava pronto para a cerimónia, depositaram o corpo da minha mulher com todas as suas joias, e melhores vestidos em um rico esquife, e começou então a marcha.

Como segundo personagem desta lastimosa tragédia, eu caminhava junto ao esquife, com os olhos banhados de lágrimas, chorando o meu infeliz destino.

Antes de chegarmos á montanha, quiz fazer uma tentativa sobre o espírito dos que me acompanhavam.

Dirigi-me primeiramente ao sultão e logo os que estavam mais perto de mim, e prostrando-me até beijar a extremidade dos seus vestidos, supliquei que tivesse de mim compaixão;

Considerai, disse-lhes, que sou estrangeiro, e não devo estar sujeito a uma lei tão rigorosa; considerai que tenho mulher e filhos no meu país, para quem devo conservar a vida.

Por mais enternecido que pronunciasse estas e outras palavras, ninguém me entendia nem mostrava compadecer-se; pelo contrário, apressaram-se em descer ao poço o corpo de minha mulher, e passado um instante, desceram também o meu dentro dum esquife, e acompanhado com a competente bilha de água e sete pequenos pães.

Terminada a cerimónia, tão funesta para, mim, colocaram a lage sobre a abertura do poço, apesar

de excesso da minha aflição e dos gritos agudos e lastimosos que eu soltava.

... sentado no meu esquife comi e bebi do que ali tinha...

A' proporção que me aproximava do fundo deste abismo, ía conhecendo, com a ajuda da fraca luz que vinha de cima o horrível lugar que me esperava.

Era como uma gruta vastissima, que teria cincoenta covados de profundidade.

Aspirei logo um fetido insuportável, exalado de inumeros cadáveres, colocados á direita e á esquerda; e julguei ouvir os últimos arrancos de alguns ali descidos havia poucos dias.

Cheguei finalmente abaixo, saí logo do meu es-

quife, e afastei-me dos cadáveres quanto mais pude, tapando com as mãos o nariz.

Deitei-me no chão e assim fiquei chorando por largo tempo; passei pela mente todo o rigor do meu destino.

— É bem, certo pensava, que só Deus dispõe de nós pelos altos mistérios da sua Omnipotência; porém, desgraçado Sindbad, não és tu culpado de ter a esperar a morte tão estranha? Antes mil vezes tivesse perecido durante os naufrágios que sofrestes que não sucumbirias a morte tão lenta e tão terrível por todas as circunstâncias de que é rodeado! Foi com tua avareza maldita que a ti proporcionaste. Desgraçado; não podias ficando em tua casa, gosar a vida e a paz o fruto dos teus trabalhos.

Eram estas e outras as lamentações que fazia, ressoar por todo aquele recinto, exclamações inuteis que acompanhava aplicando murros sobre a cabeça e sobre o peito no centro do maior desespero.

E todavia... ousarei dizer-vos? não chamava a morte em meu socorro; não, pelo contrário, ainda procurei dilatar a existência.

Levantei-me, fui com uma das mãos apalpando, enquanto que com a outra tapava o nariz, em procura do meu esquife, para tomar o pão e a bilha que alí estavam; no meio de toda aquela escuridão pude encontrá-los; comi e bebi do que ali tinha, e pelos objectos em que tropeçava, julguei maior a quantidade de cadáveres do que ao princípio supozera.

Pude, durante poucos dias, alimentar fracamente a vida com o meu pão e a minha água.

Tendo-se acabado estes recursos, dispuz-me a morrer.

Esperava pelo momento da extinção da vida, continuou Sindbad, quando ouvi que levantavam a pedra que tapava a minha sepultura. Um cadáver

foi descido, e com ele um ente vivo; era uma mulher.

Aproximei-me do lugar onde calculei que seria colocado o novo esquife, quando fugiu a claridade, porque haviam tapado a entrada do poço, apliquei sobre a cabeça da mulher três fortes pancadas com um grande osso que encontrára, por modo tal que a deixei atordoada, ou para melhor dizer, assassineia-a.

Não praticando eu esta má acção com outro fim, senão o da conservação da existência própria, eram pequenos os remorsos, e foi grande a utilidade, porque tive pão e água para mais alguns dias.

Quando este novo recurso estava quási a exaurir-se, desceram uma mulher morta e um homem vivo; matei o homem do mesmo modo e para o mesmo fim.

Aconteceu haver por esse tempo grande mortandade na povoação, e por isso os mantimentos graças á minha indùstria.

Um dia, quando acabava de aviar uma mulher, percebi, não sei que fôlego vivo, que parecia andar e ao mesmo tempo soprava.

Adiantei-me para o lugar donde vinha aquela bulha, e então senti soprar com mais violência, e até julguei entrever uma coisa que fugia de mim.

Segui essa espécie de sombra, que mais soprava e mais fugia, quanto mais eu andava; até depois de ter caminhado por muito tempo, avistei uma pequena luz: seguia, perdendo-a algumas vezes pelos obstáculos que encontrava na passagem, porém tornava de novo e vê-la.

Servindo-me daquele guia, persisti em acompanhar, até que finalmente ultrapassando uma larga abertura existente no rochedo, desapareceu da minha vista; aquela abertura era assás suficiente para eu caber por ela.

Em presença deste inesperado descobrimento,

parei para respirar o ar que a fadiga me roubara; e depois transpondo aquele vácuo por onde a luz fugira, achei-me à borda do mar.

Imaginai qual poderia ser a minha alegria.

Dificilmente coordenei ideias para poder compreender que não lutava com uma ficção.

Convencido, enfim, de que tudo o que se passava era real, reuni os sentidos, e conclui pensando, que o objecto que de mim fugira e do qual os olhos me fantasiaram uma luz, era algum animal marinho que, saíndo das ondas, fazia excursões até à cavidade da montanha, para sustentar-se de cadáveres.

Examinando a montanha, vi que estava naturalmente colocada entre a cidade e o mar, e por nenhum dos flancos era acessível em razão do seu escarpado declive.

Prostrei-me sobre a praia, rendendo graças à Providência pela mercê que acabava de conceder-me.

Depois dirigi-me à gruta para buscar o pão que ainda ali houvesse, e vim comê-lo á claridade do dia, e com melhor gosto do que no lugar tenebroso donde acabara de saír.

Passado tempo, tornei a entrar naquela sepultura de vivos e mortos; mais foi para procurar, às apalpadelas, o mais precioso que houvesse nos esquifes, com efeito, encontrei, rubis, pérolas, ricos adornos de ouro e magníficos estofos, que tudo trouxe para a praia.

Formei com isto alguns balotes, atados com as cordas que haviam servido para descer os esquifes; e como não temia que a chuva os danificasse, porque estavamos então na quadra calmosa, deixei-os ficar na praia, e junto deles estive de dia e de noite, nutrindo-me com o pão que ainda me restava, e esperando pela decisão da sorte.

Felizmente ao fim de três dias avistei um na-

vio, que saíndo do porto, passava a pouca distância do lugar onde eu estava.

Agitei com um pano do meu turbante, gritando ao mesmo tempo com todas as forças para que fosse ouvido.

Ouviram-me com efeito, e logo deitaram ao mar uma lancha para levar-me.

A' pergunta de um dos marinheiros, que queriam saber a causa porque ali estava, respondi que dois dias antes tinha escapado a um naufrágio salvando comigo as fazendas que estavam presentes.

Aquela boa gente, sem ao menos reparar, por fortuna minha, o lugar onde estava, consultaram apenas a sua compaixão, e conduziram-me para o navio em companhia dos meus balotes.

Chegando a bordo, o capitão, contente pela boa obra que praticara, e entregue aos cuidados do comando do navio, teve também o bom senso de acreditar no simulado naufrágio.

Quiz obsequiá-lo com algumas das minhas pedras preciosas, porém, negou-se a aceitá-las.

Seguindo viagem, passámos em frente de algumas ilhas, e entre elas avistámos a dos Sinos, que fica a dez dias de boa navegação afastada da de Keba, aonde aportámos.

Existem ali muitas minas de chumbo, abundância de canas da India e excelente cânfora.

O sultão da ilha de Keba é imensamente rico e muito poderoso, e estende a sua autoridade até às ilhas dos Sinos, que fica a dois dias de jornada, e cujos habitantes são ainda bárbaros e comem carne humana.

Depois de havermos feito ali vantajoso comércio, continuámos a nossa derrota, aportando a mais alguns pontos e cheguei felizmente a Balsora possuidor de inumeráveis riquezas das quais seria ocioso fazer-vos a descrição.

Agradecendo a Deus os favores que lhe devia,

dispendi avultadas esmolas, tanto para o culto e conservação de várias mesquitas, como para subsistência dos pobres.

Entreguei-me depois aos meus parentes e amigos, divertindo-me e gozando com eles todos os prazeres de uma boa vida.

Terminou Sindbad a história da sua quarta viagem entre o pasmo dos circunstantes, que acharam estas aventuras mais extraordinárias de que as das três primeiras viagens.

Foi Hindbad novamente presenteado com cem sequins, e convidado, assim como toda a companhia a voltar no dia imediato, para ouvirem a narração da quinta viagem, depois do que se despediram.

Voltando no dia seguinte Hindbad e os convivas do costume, concluido o banquete, principiou Sindbad a falar da maneira seguinte.

*

* *

Os gozos duma vida cheia de prazeres foram poderosos para riscar da minha lembrança os trabalhos e sofrimentos por que havia passado, porém não para matarem o desejo de empreender nova viagem.

Portanto tratei de comprar e enfardar fazendas preciosas; e carregando alguns carros, parti com eles em direcção ao primeiro porto de mar.

Chegando aí, quis ser independente dos capitães dos navios; mandei por isso construir uma embarcação, que foi aparelhada à minha custa; e tive, depois de pronto, um navio às minhas ordens.

Embarquei, e como não tivesse com que completar a carga, admiti na minha companhia alguns mercadores de diversas nações.

Saímos do porto logo que o vento foi propício e velejámos ao largo.

Depois de longa viagem, a primeira parte aonde abordámos foi a uma ilha deserta, onde encontrámos um ovo «rochedo», igual em tamanho àquele de que já vos falei; esse ovo continha um pequeno «rochedo», o qual principiava a picar a casca.

Sindbad, o marítimo, continuou a narração da sua quinta viagem.

— Os mercadores, passageiros do meu navio, e que naquela ocasião haviam desembarcado comigo, intentaram partir aquele ovo, e conseguindo-o à força de muitos golpes de machado, tiraram dele o pequeno «rochedo» aos pedaços, que assaram e comeram, apesar de eu os ter avisado muito sèriamente do que tinhamos à vista.

Haviam apenas acabado o seu banquete quando percebemos no ar duas grandes nuvens que se aproximavam.

O capitão que eu tinha a meu soldo para governar o navio, conhecendo perfeitamente tais nuvens, declarou que eram o pai e a mãe do «rochedo» morto, e instou para que embarcássemos, a fim de evitarmos a desgraça que previa.

Adoptámos o seu conselho, e com toda a presteza largámos velas.

Os «rochedos» continuavam voando ràpidamente até ao lugar onde estava o ovo; quando porém ali chegaram e o viram partido, e não encontrando o seu filhinho, soltaram gritos espantosos.

Depois, como seguindo um intento, de novo tomaram o voo e desapareceram da nossa vista; nós, no entanto faziamos a maior força de vela, com o fim de nos afastarmos o mais que possivel fosse.

Passado pouco tempo, vimos aparecer novamente os dois pássaros, e observámos que cada um deles trazia entre as garras um enorme pedaço de

rocha. Susp enso no ar, e precisamente em direcção ao navio, largaram um grande pedaço de pedra, porém pela destreza de quem governava o leme, o navio ladeou, e o pedregulho caiu no mar, abrindo entre as vagas tão grande vácuo, que julgámos ver o fundo do abismo. Imediatamente o outro «rochedo» largou a pedra que trazia, com tal acerto que, caindo sobre a embarcação, a fez em mil pedaços. Da tripulação e dos marinheiros, os que não foram esmagados, morreram afogados. Eu fui dos submergidos, porém, voltando logo ao lume da água, pude agarrar-me a uma tabua. Assim, lutando com as ondas, ora com uma, ora com outra mão, para não largar a esperança de salvação a que me agarrara, empurrado pelo vento e pelas vagas, andei por muito tempo ao acaso, até que finalmente fui arremessado de encontro a uma ilha, cuja costa era bastante escarpada; contudo pelos esforços da agonia pude galgar a subida e salvei-me.

Sentei-me no chão para descansar da longa fadiga; e depois caminhei, internando-me pela ilha, a fim de reconhecer terreno. Achei-me num delicioso jardim; por toda a parte avistei árvores carregadas de frutos verdes e maduros, pequenos riachos e fontes de água cristalina em abundância. Tratei de comer daqueles belos frutos, e bebi da água, a qual achei fina e saborosa.

Quando chegou a noite, procurei o lugar mais cómodo e deitei-me sobre a relva. Não pude porém, gozar do sono que este não fosse interrompido amiudadas vezes pelo susto de achar-me sòzinho em lugar tão estranho. Deste modo passei a maior parte da noite, considerando e arrependendo-me da imprudência que cometera por ter abandonado a minha casa a fim de empreender esta nova viagem. Tais considerações levaram-me a ponto de pensar em pôr termo à existência; mas veiu então o explendor do dia dissipar a minha desesperação.

Ergui-me e caminhei por entre um arvoredo que era muito espesso.

Traçou em volta do meu pescoço as duas pernas

Caminhando já bastante adiantado pelo interior da ilha, avistei um velho, que, sentado à borda de um rio, parecia exausto de forças; lembrei-me de que seria algum dos que comigo naufragara.

Cheguei-me a ele e cortejei-o, porém apenas respondeu à minha civilidade com um movimento de cabeça. Perguntei-lhe o que havia por ali; pediu-me por gestos que o passasse aos ombros para além do rio, dando a entender que desejava frutos.

Vi que precisava do meu socorro e levei-o às costas para o lado que me indicou.

— Descei, disse-lhe depois, abaixando-me para lhe poder facilitar a descida.

Porém, em vez de executar o que eu lhe dizia (ainda riu quando me recordo desta aventura) aquele velho que eu julgava sem vigor, traçou com ligeireza em volta do meu pescoço as duas pernas, que vi então que eram de pele tão rija como a de um boi, e com elas, apertando-me fortemente, parecia querer afogar-me. Apoderou-se de mim o terror e desmaiei.

Não obstou a minha queda, prosseguiu Sindbad, para que o velho se conservasse na sua posição; afastou apenas um pouco as pernas, para que eu pudesse recuperar os sentidos e logo que viu isto, aplicou com força um dos pés ao meu estômago, e com o outro, batendo com violência em uma das minhas ilhargas, obrigou-me assim a erguer-me. Depois de estar de pé, forçava-me a caminhar e a ir para onde lhe convinha para escolher os frutos que encontrava.

Assim andava, pois, de dia; e quando a noite se aproximava e eu me estendia por terra para descansar, o meu bom companheiro dormia também, sempre agarrado ao meu pescoço. Ao amanhecer, acordava-me por meio de empurrões; fazia com que me levantasse e impelia-me a caminhar apertando-me com os pés.

Imaginai, meus senhores, qual seria a minha fadiga, continuamente carregado com este fardo que não podia largar.

Um dia achei no caminho algumas cabaças secas, que haviam caído da árvore que as produzira. Agarrei uma das maiores, e depois de a ter limpo, espremi dentro alguns cachos de uvas, frutas que a ilha produzia em abundância e que encontrávamos a cada passo.

Tendo enchido todo o vácuo da cabaça guardei-a em um sítio aonde passados dias voltei com o meu velho às costas.

Tomei aquele meu depósito, e levando à boca bebi um excelente vinho, que me fez esquecer os trabalhos e a aflição que me oprimiam. Recuperei novas forças, e alegrei tanto com isto que comecei a cantar, saltando e correndo, em vez de caminhar no passo costumado.

O velho, conhecendo o bom efeito que em mim produzira aquela bebida, porque agora o conduzia com mais velocidade do que nunca, indicou com gestos impacientes o desejo de beber também.

Entreguei-lhe a cabaça; e achando o vinho agradável, bebeu até à última gota.

A quantidade era suficiente para embriagar, e assim aconteceu.

Os vapores do vinho subiram-lhe ao cérebro, cantava desatinadamente, remechia-se e saltava sobre os meus ombros; os pulos e trejeitos fizeram com que vomitasse tudo quanto tinha no estômago, faltaram-lhe as forças, descolou do meu pescoço as pernas e aproveitei a ocasião para o atirar a terra, onde ficou sem movimento.

Então agarrei uma grande pedra, e com todas as minhas fôrças descarreguei-lhe sôbre a cabeça.

Foi sem limites a minha alegria, vendo-me para sempre livre daquele pesadelo maldito.

Caminhei para a praia, e aí encontrei gente pertencente a um navio que ali aportara afim de fazer águada.

Maravilharam-se, vendo-me e ouvindo a narração da minha aventura.

— Oh! disseram eles, estivestes nas mãos do chamado — velho do mar —; podeis gabar-vos de ser o primeiro a que ele não tenha afogado; depois de se apossar de qualquer, não o deixa senão depois de o matar.

Tinha-se tornado célebre esta ilha pelo número de pessoas que por ele foram sacrificados, os marinheiros e mercadores, que vinham aqui não ousavam percorrê-la, ao menos que não fossem bem acompanhados.

Depois destas informações, retirando-se, levaram-me para o navio; o capitão estimou a minha presença, e quiz ouvir a narração do que me acontecera.

Continuou a viagem, e depois de alguns dias entramos no porto de uma cidade grande e magnífica, cujas casas eram construidas de boa pedra.

Um dos mercadores, a quem me afeiçoara durante a viagem, obrigou-me a ir com ele a terra, conduziu-me ao alojamento destinado ali para os mercadores estrangeiros. Deu-me depois um grande saco; e recomendando-me a algumas pessoas da cidade, que também como eu levavam sacos, pediu-lhes que consentissem que fosse na sua companhia apanhar côcos.

— Ide, disse-me, segui-os, e praticai o mesmo que eles praticarem: não vos apartei da sua companhia, aliás correreis perigo de vida.

Recebi mantimentos para a jornada, e parti com os meus novos companheiros.

Chegámos a um bosque semeado de muitas árvores de grande altura, todas direitas e com o tronco tão liso que era impossível subir por ele até aos ramos aonde estavam os frutos. Todas essas árvores ersm coqueiros, e com os frutos deles é que pretendíamos encher os nossos sacos.

Ao mesmo tempo que vimos grande número de macacos grandes e pequenos, que á nossa aproximação fugiam, subindo até ao cume daquelas árvores, com uma agilidade espantosa.

Os mercadores com quem eu estava, continuou Sindbad, ajuntaram grande porção de pedras, e começaram a arremessá-las ao cume das árvores.

Segui este exemplo, e vi então os macacos empenhados em luta comnosco, colheram côcos com grande ardor e atirarem contra nós.

Apanháva-mos com presteza as balas inimigas, e de quando em quando não deixáva-mos de desafiar o apetite dos macacos, enviando-lhes as nossas pedras.

Com tal astucia conseguimos encher os nossos sacos com aqueles frutos, quando de outra maneira não os teríamos podido obter.

Voltamos para a cidade, cada um com o seu saco bem cheio de côcos e pela minha parte recebi do mercador que me enviára áquela descoberta o valor em dinheiro, de fazenda que trazia.

Continuai, disse-me, nesse género de negócios; ide todos os dias praticar como hoje, até que chegueis a adquirir dinheiro suficiente para voltar á vossa pátria.

Agradeci o bom conselho, e adoptando-o, quási sem sentir ajuntei tão grande porção de côcos, que valiam uma soma considerável.

O navio que ali me trouxera, havia já saído do porto carregado de côcos por conta dos mercadores que nele seguiram viagem. Resolvi esperar por outro, que não tardou em demandar aquela paragem com o intento de abastecer se do mesmo género. Mandei para bordo dele todos os meus côcos; e quando estava pronto a fazer-se de vela, fui despedir-me do mercador a quem devia tantas obrigações, o qual não podia acompanhar-me por não ter ainda term inado os seus inúmeros negócios.

Saíndo daquele porto, tomámos a direcção da ilha de Comari, onde se encontra a melhor espécie

de pau de alois, e cujos habitantes observam com inviolabilidade a abstinencia do vinho, e por lei não consentem casas de devassidão. Aí troquei os meus côcos por pimenta e pau de alois, e fui com alguns mercadores á pesca de pérolas, onde fiz provimento de excelentes buzios; e encontrámos pérolas das mais grossas e valiosas.

Alguns dias depois embarquei-me com bastante jubilo, e chegando a Balsora, passei daí a Bagdad, onde obtive grandes lucros com a pimenta, o alois e as pérolas. Dispendi em esmolas a décima parte desse lucro, como fizera no termo das outras viagens, e procurei descansar das fadigas no centro de toda a casta de comodidades e divertimentos, então conhecidos.

Acabando de proferir estas palavras, mandou Sindbad entregar cem sequis a Hindbad, o qual se retirou com toda a companhia. No dia imediato voltaram os mesmos convidados a casa do opulento Sindbad, que depois de os regalar com um banquete, igual aos precedentes, pediu atenção para narrar as aventuras da sexta viagem pelo modo seguinte:

*

* *

Desejais, sem dùvida, meus senhores, saber como depois de ter naufrago por cinco vezes, depois de me ter exposto a tantos perigos, resolvi ainda tentar fortuna e procurar novas desgraças! Era talvez uma fatal estrela que me arrastava. Fôsse o que fôsse, ao fim de um ano preparei-me para empreender a sexta viagem, despresando rogos e suplicas de parentes e amigos que tentavam dissuadir-me de tal propósito.

Não segui a derrota do Golfo Persico; atravessei algumas províncias da Persia e das Indias, e

chegando a um porto de mar, embarquei num navio, cujo capitão intentava fazer uma longa viagem.

E na verdade foi em extremo longa, e tão desgraçada, que dentro de poucos dias, o capitão e o piloto perderam o rumo a ponto de ignorarem as alturas em que se achavam. Finalmente, poderam reconhecê-lo, porém, não foi isso para nós, motivo de alegria, mas sim de terror, porque vimos o capitão abandonar o seu posto dando gritos de desespero. Arremessou ao chão o seu turbante, arrancou parte das barbas e batia na testa como um louco.

Preguntámo-lhes qual o motivo de tanta aflição; respondeu-nos anunciando que estávamos na mais perigosa passagem que o mar tem.

— Uma corrente vertiginosa arrasta o navio, continuou, e em menos de um quarto de hora, todos morreremos. Pedi a Deus que nos livre de tão funesto perigo, pois só a sua clemência fará com que possamos evitá-lo.

Dizendo isto, mandou largar todas as velas, porém no acto da manobra, foram despedaçadas; assim como as enxarcias, e, sem que podessemos remediar este acidente, foi o navio impelido pela corrente até á falda de uma montanha, onde se despedaçou; todavia tivemos ainda tempo, para salvar as nossas pessoas: provisões e mercadorias.

Depois disto, disse-nos o capitão:

— Está feita a vontade de Deus; pode cada um de nós abrir a própria cova, e dar o último abraço, porque estamos em lugar tão fatal, que de todos os que aqui foram arrojados, ainda nenhum pôde voltar á sua pátria.

Este discurso colocou a todos em profunda aflição; abraçamo-nos chorando pela nossa infeliz sorte.

A montanha a cujos pés estávamos, formada a encostas de uma ilha comprida e vastíssima, o seu chão estava coberto de inumeraveis destroços de

navios ali naufragados, e de infinidade de ossadas humanas que se encontravam de espaço a espaço, o que demonstrava, aumentando-nos o horror, a quantidade de gente que ali perdera a vida.

Tornava-se também notável a porção de mercadorias e riquezas que por toda a parte se nos apresentavam aos olhos. Todavia estes belos objectos agora, só serviam para aumentar a nossa consternação.

Nos outros países, os rios, saíndo do seu leito, vêm lançar-se no mar; aqui, ao contrário, afasta-se do mar um rio de água doce, que penetra na costa atravessando uma gruta assás escura, cuja entrada é bastante alta e larga: É também de notar naquele lugar, que as pedras da montanha são de cristal, de rubis e de outras qualidades preciosas. Vê-se igualmente a nascente de uma espécie de pês ou betume que escorre para o mar, e os peixes vêm engulir, e que depois vomitam convertido em ambar, que as vagas acarretam para a praia. Há igualmente árvores, a maior parte das quais são de aloes, não inferior em qualidades, aos de Comari.

Acabando a descrição deste sítio, que mais propriamente poderia chamar-se sorvedouro, pois que dali nunca saíu coisa que houvesse para lá entrado; direi que não é possível aos navios, que se aproximem em certa distância, afastarem-se dele. Se são levados pelo vento na corrente do mar, aquele os perde, se ali se acham e o vento sopra da terra podendo assim afastá-los, a altura da montanha os impede, e dá lugar a uma calmaria, que deixa de operar a corrente, levando-os contra a costa, onde se despedaçam, como aconteceu ao nosso.

Para completar a desgraça dos que ali são levados, têm contra si o não poderem subir ao cume da montanha, e salvarem-se por alguma vereda.

Ficamos pois na praia como loucos, esperando todos os dias a morte.

Haviamos a princípio repartido as nossas provisões em quinhões iguais; e assim cada um viveu mais ou menos do que os outros, conforme o seu temperamento, e o uso que fez das suas provisões.

Os que primeiro iam morrendo, eram enterrados pelos restantes, prosseguiu Sindbad; prestei as honras fúnebres a todos os meus companheiros; e não deve ser isto de admirar, porque, além de ter poupado mais do que eles o que me coubera em quinhão, tinha também guardado particularmente algumas provisões.

Todavia, quando enterrei o último, restava-me tão diminuta porção de alimentos, que julguei não me ser possível sobreviver por muito tempo; e por isso tratei de ir abrindo a minha cova, resolvido a deitar-me dentro dela, visto que não havia quem me enterrasse.

Confesso-vos que, ocupando-me daquele trabalho, não deixava de lembrar-me de que era culpado da má sorte que sofria, e arrependi-me sinceramente por haver tentado sexta viagem. Após as reflexões, o desespero levou-me a ponto de morder as mãos e ensanguentá-las, pouco faltando para que antecipasse a morte que esperava.

Deus, porém, ainda desta vez teve compaixão de mim, e inspirou-me o pensamento de ir até ao rio que se perdia por baixo da abóbada da gruta.

Examinei-o com toda a atenção, dizendo comigo:

— Este rio, posto que se esconda debaixo da terra, deve necessàriamente sair para alguma parte. Construindo uma jangada, e indo sobre ela, a corrente levar-me-á talvez a alguma terra habitada, ou aliás morrerei no caminho; neste último caso não faço mais que variar o género de morte, porém, se pelo contrário, saio deste funesto lugar, não só evitarei o triste destino dos meus companheiros como até terei encontrado nova ocasião de me en-

riquecer. Quem sabe se a fortuna esperando-me à saída deste horrivel precipício, quererá indemnisar-me com usura do desastroso naufrágio?

Pensando desta maneira, dispus-me com vontade à formação da jangada, que foi preparada de boa madeira, e cabos assás grossos, porque tinha por onde escolher; atei tudo com bastante segurança, construindo assim uma pequena embarcação de bastante solidez; acarretei para ela alguns balotes que continham rubis, esmeraldas, ambar, cristal de rocha e estofos preciosos.

Depois de arrumar toda a carga com a conveniência de equilíbrio, e bem segura às pranchas, embarquei na minha jangada, prevenido de dois remos que me lembrara fazer, e deixando-me levar pela corrente do rio, entreguei-me à mercê de Deus.

Em poucos momentos encontrei-me no meio das trevas, debaixo da abóbada, aonde a corrente me conduzia.

Por alguns dias aí voguei sem ver o menor raio de luz; cheguei até a um lugar tão baixo, que a minha cabeça tocava quase no tecto; foi preciso ter toda a atenção para que não a ferisse.

Durante todo aquele tempo não comí dos alimentos que levava, senão o mais preciso para entreter a vida; apesar porém de toda a minha economia, vi terminar as provisões; e a fome entregando-me a um desfalecimento, trouxe-me um doce sono que se apossou dos meus sentidos.

Não posso dizer por quanto tempo dormi.

Quando acordei, vi com pasmo, que estava numa vasta campina junto à margem dum rio, onde fôra presa a minha jangada, além disso, encontrei-me cercado de grande número de pretos.

Lavei-me sem demora e cortejei os que me rodeavam.

Falaram-me; porém não entendi a sua linguagem.

No entanto, estava tão arrebatado de alegria, que duvidava ainda de estar acordado.

Persuadindo-me enfim de que não dormia, adorei a Deus, repetindo os seguintes versos árabes: «Invoca o Ente supremo, e ele virá em teu socorro»; não tens precisão de cuidar de outras coisas.

Fecha os olhos, e enquanto dormires, Deus mudará a «tua sorte de má para boa».

Um dos pretos que entendia a língua árabe, aproximou-se de mim, e disse:

Meu irmão, não vos assusteis, vendo-nos aqui. Habitamos a campina que estais vendo, e tendo hoje de regar os nossos campos, viemos aqui buscar água que sai da montanha visinha dividida por diferentes canais.

Observámos que a corrente levava consigo alguma coisa de grande vulto; corremos para ver o que era, e encontrámos aquela jangada; um dos meus companheiros deitou-se logo a nado, e trouxe-a para aquele local, onde a temos conservado presa, esperando que despertásseis.

Agora pedimos que nos conteis a aventura que para aqui vos conduziu e o motivo por que vos arrojastes a sulcar estas águas sòzinho e em tão frágil batel.

Deve ser uma narração curiosa.

Roguei-lhes que primeiro me dessem alguma coisa de comer, e que depois satisfaria a sua curiosidade.

Apresentaram-me algumas qualidades de alimento, e apenas saciada a fome, narrei fielmente tudo o que me acontecera e ouviram-me com grande admiração.

Apenas terminara:

E' tudo isso uma história maravilhosa, disseram-me pela boca do seu intérprete, o qual lhes explicara o que ouvira.

«E' preciso virdes informar o sultão de tais acontecimentos, pela vossa própria voz; porque, na verdade, acontecimentos tão extraordinários, relatados por outros que não seja o que sofreu, perderiam todo o valor».

Respondi-lhes que estava pronto a fazer o que desejavam.

Aqueles bons pretos mandaram logo buscar um cavalo, no qual montei a instância deles.

E marchando uns adiante de mim, como para guiar-me pelo caminho, outros mais robustos carregaram aos ombros a minha jangada, com todos os objectos que tinha dentro, e seguiram após a mim.

Caminhámos assim, prosseguiu Sindbad, até à cidade de Serendib, pois era este o nome da ilha em que eu estava.

Fui pelos pretos apresentado ao sultão.

Aproximando-me do trono onde ele estava sentado, saudei-o da maneira que é costume saudar os sultões das Índias, prostrando-me aos seus pés e beijando a terra.

Mandou que me levantasse, e recebendo-me com afabilidade, quis que tomasse assento ao seu lado.

Perguntou-me primeiramente como me chamava.

E tendo eu respondido que o meu nome era Sindbad, o marinheiro, assim apelidado em consequência das muitas viagens que havia empreendido, concluí, dizendo que era natural de Bagdad.

—Mas, replicou o sultão, por qual caminho chegastes aos meus estados?

Não ocultei coisa alguma, fazendo a descrição de todas as minhas aventuras. Ouviu-me com pasmo, e com tal satisfação, que logo ordenou que a minha história fosse escrita com letras de ouro, para ser conservada nos arquivos do seu reino!

Trouxeram também à presença daquele príncipe a minha jangada, e aí abriram os balotes por mim feitos.

Admirou a qualidade do aloés e do ambar, porém especialmente os rubis e esmeraldas, porque não tinha nos seus tesouros outros iguais.

Vendo eu que reparava com gosto nas minhas pedras e examinava uma a uma as mais notáveis, ajoelhei e atrevi-me a dizer-lhe:

—Senhor, não só a minha pessoa vos pertence, como igualmente a jangada e a carga que ela contém; podeis dispor de tudo como vos aprouver, eu vo-lo suplico.

Respondeu-me sorrindo:

—Sindbad, livrar-me-ei de ter o menor desejo de tirar-vos coisa alguma do que Deus vos deixou adquirir. Bem longe de diminuir as vossas riquesas, pretendo aumentá-las, não saíreis dos meus estados sem levar provas da minha liberalidade.

Respondi a tais palavras, fazendo votos pela prosperidade de tão bom príncipe, e louvando a sua generosa complacência.

Ali mesmo encarregou um dos seus oficiais de que tivesse cuidado de mim, ordenando também que pusessem à minha disposição gente para me servir.

O oficial executou com pontualidade as ordens do seu amo; fui conduzido a um bom alojamento com todos os balotes pertencentes à minha jangada.

Diàriamente, a horas certas, ia visitar o sultão, e o tempo restante empregava-o passeando pela cidade e vendo o que nela havia de mais notável.

A ilha de Serendib está justamente colocada sob a linha equinocial, e por conseguinte ali, assim os dias como as noites são de doze horas: tem oitenta quilómetros de comprimento e outros tantos de largura.

A capital é situada no extremo dum excelente

vale, formado por uma montanha, que é sem dúvida a mais alta do mundo.

Dali descobre-se o mar em longitude de três dias de viagem. Encontram-se ali rubis e várias qualidades de minerais; as rochas quase todas são de esmeril, pedra metálica que serve para lavar as outras pedras.

Há também árvores de toda a espécie, especial-

Aceitei com todo o respeito o presente e a carta

mente cedros e coqueiros, plantas riquíssimas; pescam-se também excelentes pérolas ao longo e nas extremidades dos rios, e em alguns vales encontram-se diamantes.

Por devoção empreendi a jornada da montanha para onde Adão foi desterrado depois de expulso do paraíso terreal, e tive a curiosidade de subir até ao cume.

Voltando para a cidade, supliquei ao sultão que me permitisse retirar para o meu país; concedeu-me o que pedia com maneiras honrosas e cheias de bondade.

Obrigou-me a aceitar um rico presente, que me mandou tirar dos seus tesouros; e quando fiz as minhas despedidas, entregou-me outro mais considerável, com uma carta para o comendador dos crentes, nosso soberano e senhor, dizendo-me:

— Encarrego-vos de oferecer, da minha parte, este mimo e esta carta ao Califa Alraschid, e de certificar-lhe a minha amizade.

Aceitei com todo o respeito o presente e a carta, prometendo a sua magestade cumprir fielmente as suas ordens que me honravam.

Antes de ir para bordo, o sultão mandou que viessem à sua presença o capitão do navio e os mercadores que comigo tinham de embarcar, e ordenou-lhes que me tratassem com todas as atenções e respeito que lhes devia merecer.

A carta do sultão de Serendib era escrita na pele amarelada de certo animal de grande custo pela sua raridade; os caracteres eram azuis.

Eis o que em língua indiana dizia essa carta:

«O sultão das Indias, à frente do qual marcham mil elefantes que habita em um palácio, cujo tecto brilha com esplendor de cem mil rubis; e que possui no seu tesouro vinte mil corôas enriquecidas de diamantes — ao Califa Aroum-Alraschid».

«Posto que o presente que nós vos enviamos enviamos seja de pouca consideração, não deixeis contudo de o aceitar, como irmão e como amigo, em atenção à amizade que por vós guardamos no nosso coração, e da qual em dar-vos uma demonstração nos alegramos muito. Nós vos pedimos que guardeis igual parte de amizade no vosso, pois nos

presamos de merece-la. Como irmão, assim vo-lo pedimos. Adeus».

O referido presente constava; primeiro, dum só rubi, lavrado; de meio pé de altura e de um dedo de grossura, cheio de pérolas muito redondas e de meia drachma de peso; segundo, de uma pele de serpente coberta de escamas do tamanho de uma moeda de ouro ordinária, e que tinha a propriedade de preservar de doenças os que nela se deitassem; terceiro, de cinquenta mil drachmas de pau de alois e cem grãos de cânfora, da grossura de físticos.

E finalmente em tudo isto acompanhado duma escrava extraordinàriamente bela e cujos vestidos se recamavam de pedras das mais preciosas.

O navio fez-se de vela; e depois de longa mas felícissima viagem chegámos a Balsora, donde passei a Bagdad.

Depois de entrar nesta cidade, o meu primeiro cuidado foi cumprir a missão de que vinha encarregado.

Com a carta do sultão de Serendib, prosseguiu Sindbad, fui apresentar-me à porta do palácio do comendador dos crentes, acompanhado pela interessante escrava e pelos condutores dos presentes que trouxera. Anunciei o motivo da minha presença e sem demora fui conduzido perante o trono do Califa. Fiz a reverência devida, e depois de um breve discurso apresentei a carta e o presente. Acabando o Califa de ler a carta do Sultão Serendib, perguntou-me se realmente este príncipe era tão rico e poderoso como nela indicava.

Prostrei-me segunda vez, e depois de estar erguido:

— Comendador dos crentes, respondi, posso assegurar a vossa magestade que o sultão de Serendib não exagera nada das suas riquezas e magnificência;

fui de tudo testemunho ocular. Nada é mais para admirar do que a grandeza do seu palácio. Quando aquele príncipe quer aparecer pùblicamente, armam um trono sobre em elefante onde ele se senta, e marcha no meio de duas fileiras formadas pelos seus ministros, validos a oficiais da corte. À sua frente, sobre o mesmo elefante, um oficial empunha uma lança de ouro, e na rectaguarda outro oficial de pé sustenta uma coluna do mesmo metal, que tem na extremidade uma esmeralda do comprimento de meio pé e largura duma polegada. O elefante é precedido de uma guarda de mil homens, vestidos de brocado de ouro e seda e montados em elefantes ricamente ajaezados.

Durante a marcha o oficial, que monta no elefante, precede o sultão, diz, de quando em quando, em voz alta: «Eis o grande rei, o poderoso e forte sultão das Indias, que tem o seu palácio coberto de cem mil rubis, e que possui vinte mil coroas de diamantes. Eis o monarca coroado, maior do que foram em outras eras o grande Salomão e o respeitavel Mibrago».

Depois o outro oficial, que vem atrás do trono, grita também: «Este monarca tão grande e tão poderoso, há-de morrer também».

O primeiro que falou continúa: Glória àquele que vive e não morre».

O sultão de Serendib é tão recto, que não precisa de juizes nos seus estados; nem os povos precisam deles; observam rigorosamente entre si as leis da justiça e equidade, que nunca fogem dos seus deveres.

E assim são inuteis ali os tribunais.

O Califa mostrou grande animação em ouvir o meu discurso.

— A sabedoria desse sultão, disse ele, se patenteia na sua carta; e acreditando o que acabais de me referir, a sua circunspecção é digna daqueles

povos, assim como estes merecem um tão digno soberano.

E acabando de proferir estas palavras, despediu-me com um magnifico presente.

Por este modo terminou Sindbad a narração das aventuras da sua sexta viagem. Os convidados retiraram-se, e com eles Hindbad depois de ter recebido mais cem sequins. Voltaram todos no dia que se seguiu, e Sindbad falou da sua sétima viagem pela maneira seguinte:

*

* *

Depois do meu regresso de sexta viagem formei tenção de não tornar a embarcar. Achava-me numa idade que pedia completo descanso e considerava que não devia expôr-me a perigos iguais áqueles porque havia passado. Neste propósito não procurava outra coisa que não fosse gosar sossegadamente o resto dos meus dias.

Certo dia, porém, em que com vários amigos disfrutava os prazeres da mesa, veiu um dos meus criados anunciar-me que um dos oficiais de Califa pretendia falar-me. Levantei-me e fui rscebê-lo.

— O Califa, disse o oficial, encarregou-me de participar-vos que deseja a vossa presença.

Imediatamente acompanhei o mensageiro, e chegando à presença daquele príncipe prostei-me a seus pés para saudá-lo.

— Sindbad, disse o Califa, preciso de ti; desejo que me faças um serviço, levando ao sultão de Serendib a resposta á sua carta, acompanhada de alguns presentes. E' justo que retribua a sua generosidade.

Esta ordem feriu-me como um raio.

— Comendador dos crentes, respondi, estou pronto a executar em tudo as ordens de Vossa Majestade; suplico, porém, que humildemente que vos digneis atender á repugnância que em mim existe de tornar a expôr-me ás fadigas e trabalhos que sofri durante as minhas viagens. Fiz o voto de não tornar a saír de Bagdad.

E em seguida fiz a longa narração de todas as minhas aventuras, a qual se dignou a ouvir com paciência.

Quando acabei de falar:

— Concordo, disse o Califa, que todos esses acontecimentos são assás extraordinários; porém não são bastantes para impedir-vos de êmpreender por meu respeito a viagem que vos indico. Trata-se apenas de ir a Serendib no desempenho de uma comissão minha. Feito isto, podeis voltar para aqui. Porém é necessário ir; bem conheceis que seria faltar aos deveres de cortezia e á minha dignidade ficando em divida para com o sultão daquela ilha.

Vendo a exigência absoluta, manifestei-lhe que estava pronto a obedecer-lhe.

Mostrou muito contentamento, e mandou pôr á minha disposição mil sequins para os gastos da viagem.

Em poucos dias concluí os preparativos para a viagem, e recebi os presentes do Califa e a carta escrita pelo seu próprio punho. Tomei o caminho de Balsora, e chegando aí embarquei-me. Com feliz viagem aportei a ilha de Serendib. Desembarcando, dirigi-me aos ministros do sultão e solicitei deles a audiencia do monarca. Foram prontos em obsequiar-me e levaram-me com distinção ao palácio de seu amo. Em presença deste príncipe prostei-me segundo o costume. Reconhecendo-me com demonstrações de alegria:

— Bem vindo sejas, Sindbad, exclamou; juro-te que muitas vezes ocupaste a minha lembrança depois da tua partida. Felicito-me neste dia por tornar a ver-te.

Dirigi-lhe os meus agradecimentos pela sua bondade, e depois de agradecer as distinções que usava para comigo, apresentei-lhe a carta do Califa, que recebeu com demonstrações de grande satisfação.

... armam um trono sobre um elefante

Eram os presentes do Califa: um leito completo de tecido de ouro, avaliado em mil sequins: cincoenta vestidos de riquíssimo estofo; outros cincoenta de pano branco, do mais fino do Cairo, de Suez, de Cusa e de Alexandria; outro leito de carmezim e ouro, de feitio diferente do primeiro: um

vaso de agata, mais largo do que alto, da grossura de um dedo, representando no fundo, em baixo relêvo, a figura de um homem com o joelho em terra, segurando arco e flexa e pronto a atirar contra um leão; e finalmente uma rica mesa, a qual, dizia a tradição, pertencera ao grande Salomão.

A carta do Califa para o rei de Serendib era concebida nos termos seguintes:

«Saude em nome do soberano, Guia do verdadeiro caminho, ao poderoso e feliz Sultão, da parte de Abdalhah Haroum Alraschid; a quem Deus colocou em alto lugar de honra, sucedendo a seus antepassados.

«Recebemos com prazer a vossa carta, e vos enviamos a presente que é firmada no conselho da nossa porta, jardim dos espiritos celestes. Esperamos que, lançando sobre ela os vossos olhos reconhecereis as nossas boas intenções, o que se tornará para vós um objecto agradável. Adeus».

Foi grande o prazer do sultão de Serendib, vendo que o Califa correspondia á amisade que lhe manifestára.

Passados poucos dias depois desta audiência, solicitei licença para retirar-me, a qual alcancei com bastante custo. Conseguida finalmente, o sultão despediu-me com generosos presentes.

Embarquei em direcção a Bagdad, porém não tive fortuna de chegar aqui, Deus dispôs de mim por outro modo.

Ao terceiro ou quarto dia de viagem fomos assaltados pelos piratas, que pouco trabalho tiveram em apoderar-se do nosso navio; porque não estávamos em estado de nos podermos defender. Alguns da tripulação quizeram ainda, assim, tentar resistência; porém esse arrojo custou-lhes a vida. Os

que, como eu, não se haviam oposto á vontade dos corsários ficaram reduzidos a escravos.

Depois de nos verem, os corsários trocaram os nossos fatos por outros miseráveis e ridiculos, e conduzindo-nos a uma ilha, muito afastada do lugar de onde nos haviam aprisionado, fomos aí vendidos.

Fui comprado por um rico mercador, o qual, levando-me para sua casa, mandou que me dessem de comer, e fez que me substituissem o meu fato por outro de escravo, porém muito aceado. Passados alguns dias, preguntou-me se aprendera algum ofício. Respondi-lhe que não era artista, mas sim mercador de profissão, e que os corsários me haviam roubado tudo o que possuía.

—Porém, diz-me replicou o meu senhor, não sabes atirar com o arco?

Respondi-lhe que fora esse um dos exercicios da minha mocidade, que não havia ainda esquecido Deu-me então um arco e flechas, e mandando que montasse com ele um elefante, fomos a grande distância da cidade e nos entranhámos por um mato vastíssimo.

Mostrando-me uma grande árvore, mandou que subisse a ela, dizendo-me:

Atirai sobre todos os elefantes que por aqui passarem, pois há nestes sítios abundância deles. Se algum cair morto, ide logo participar-mo.

Depois disto deixou-me algumas provisões e voltou para a cidade. Fiquei, pois, no meu posto toda a noite, esperando que viessem os elefantes.

Debalde esperei todo aquele tempo, porque só quando o sol apareceu no horizonte, vi chegar grande número deles. Disparei algumas flechas, até que um caíu por terra. Então todos os outros fugiram precipitadamente, dando-me assim ocasião para ir avisar o meu amo, da caça que acabava de fazer. Por causa desta notícia, obsequiou-me com exce-

lente almoço, louvou a minha destresa, e afagou-me bastante.

Acompanhando-me ao mato, abrimos uma cova, onde o elefante foi enterrado. Era tenção do meu amo deixá-lo ali apodrecer para depois tirar-lhe os dentes e negociar com eles.

Continuei as minhas caçadas por espaço de doze mezes, durante os quais não houve dia em

Caí nas mãos dos piratas

que não matasse um elefante, usando da estratégia, para melhor os iludir, de não estar sempre emboscado na mesma árvore.

Em uma das manhãs em que, como de costume,

esperava a chegada das minhas presas, vi com assombro, que em vez de passarem ante mim atravessando o mato, pararam em frente da árvore, e vinham em direcção a ela em grande número e fazendo espantoso ruído. Aproximaram-se, cercaram-me por todos os lados, e fitavam sobre mim os olhos raivosos, estendendo as trombas.

Perdi o ânimo em vista deste espectáculo e deixei cair das mãos o arco e as flechas.

Não era infundado o meu susto; depois de me olharem por muito tempo, um deles que parecia o mais possante, abraçou com a tromba o tronco da árvore, e fazendo poderoso esforço, a arrancou pela raiz, deitando-a por terra. Caí agarrado a ela, porém o animal ergueu-me com a tromba, e atirando-me para cima do dorso, aí fiquei assentado, ainda com a aljava presa às costas. Colocou-se então à frente de todos e começou a andar seguido por eles.

Caminharam até um sítio, onde aquele que me levava me depositou em terra, retirando-se logo acompanhado pelos demais elefantes.

Imaginai, se podeis, qual seria a minha perturbação; julgava dormir e ser vítima dum sonho.

Depois de ter estado por algum tempo estendido no chão, ergui-me, e observei que o lugar em que me haviam deixado, era um outeiro de grande extensão, e todo coberto de ossadas e dentes de elefantes. Confesso-vos que isto deu lugar a que fizesse uma série de reflexões. Não duvidei de que era ali o cemitério daqueles animais, e admirei o seu instinto, pelo qual me davam a conhecer que não devia persegui-los; e ensinaram-me o lugar aonde podia ir buscar os dentes que deles exigia sem ter necessidade de os matar para esse fim.

Não me demorei ali mais um instante; caminhei para a cidade e depois de um dia e uma noite, cheguei a casa do meu amo. No caminho não encontrei um elefante, pelo que entendi que, afastando-se para o interior do mato, davam-me liberdade para ir ao outeiro sem obstáculo.

Quando meu amo me viu:

O mais possante, abraçou com a tromba o tronco da árvore

— Pobre Sindbad, exclamou, estava ansioso por saber o que teria acontecido.

Fui ao mato, e encontrando uma árvore desarraigada, um arco e flechas no chão, não esperava tornar a ver-te. Dize pois o que sucedeu. A quem deves a vida?

Satisfiz-lhe a curiosidade, e no dia seguinte, foi comigo ao outeiro, e reconheceu a exactidão do que lhe afirmára.

Carregámos o elefante, que então nos conduzira, com a maior quantidade de dentes que podia ser; e quando chegámos a casa:

— Meu irmão, disse-me, pois não quero de hoje avante tratar-vos como escravo, visto o prazer que acabais de dar-me com este descobrimento que faz a minha fortuna. Deus vos prodigalise toda a casta de bens e de prosperidades: declaro perante o Ente Supremo que vos restituo a liberdade. Tinha encoberto o que agora vou relatar-vos:

— Os elefantes que vivem no nosso mato matam em cada ano grande número de escravos que ali mandamos para trazerem dentes daqueles animais. Por maiores que sejam as cautelas que se empreguem, cáem sempre vítimas das astúcias implacáveis do inimigo. Não acrediteis ficar suficientemente recompensado, aceitando a liberdade que vos dei; quero juntar a essa dádiva a de consideráveis bens. Poderia fazer que toda a cidade concorresse para formar a vossa fortuna, porém quero guardar para mim essa glória!

Acabando de ouvir este lisonjeiro discurso:

— Meu amo, respondi, que Deus proteja a vossa vida. A liberdade que me concedeis é bastante para vos desobrigardes a meu respeito; e como recompensa do serviço que fiz à vossa cidade e a vós mesmo, só peço a faculdade de voltar ao meu país.

— Em vista disso, replicou, logo que um bom vento aportar aqui alguns navios que venham carregar-se de marfim, tratarei do vosso embarque e proporcionar-vos-ei as necessárias comodidades para a viagem.

Agradeci de novo a posse da minha liberdade e os bons desejos de meu amo. Fiquei em sua casa, esperando a ocasião propícia que me indicara.

No entanto continuamos as nossas jornadas ao outeiro, e por este modo ficaram cheios de marfim os armazéns do meu amo. Os outros mercadores da cidade, que negociavam com aquele género, não ignorando por muito tempo o nosso segredo, começaram a imitar-nos.

— Os navios, disse ele, chegaram finalmente, e meu amo escolheu aquele em que eu devia embarcar, carregando-o com meia carga de marfim por minha conta; e ainda não contente, obrigou a aceitar valiosos presentes e algumas raridades do país.

Depois de agradecer-lhe quanto podia os benefícios recebidos, embarquei. Largámos velas; e, seguindo viagem, o meu espírito ia sempre preocupado com a singular aventura a que devera a liberdade.

Aportámos a algumas ilhas para refrescar; e como o nosso navio procedia dum porto de terra firme das Indias, foi para esse mesmo porto que se dirigiu. Chegando aí, dispuz-me a evitar os perigos do mar até Balsora; mandei desembarcar o marfim que tinha a bordo, resolvido a continuar a jornada por terra.

Vendi a minha mercadoria por uma grande quantidade de dinheiro; comprei muitas coisas raras e de valor, e finalmente, concluídos os meus negócios reuni-me a uma numerosa caravana de mercadores. Foi longa e penosa jornada, porém sofri todos os incómodos com muita paciência, contentando-me com a ideia de que não tinha já que receiar as tempestades, os corsários, as serpentes, nem todos os outros perigos por que passára.

Terminaram finalmente as minhas fadigas; cheguei a Bagdad.

Fui apresentar-me ao sultão, para lhes dar conta da minha embaixada. Este príncipe disse-me que bastante receio lhe havia causado a minha demora;

contudo tinha sempre nutrido a esperança de que Deus protegeria os meus dias.

Entreguei-me depois aos cuidados da minha família e amigos

Referindo-lhe a aventura dos elefantes, ficou tão maravilhado, que, a não ser o bom crédito que lhe merecia, julgà-la-ía uma fábula. Achou esta e outras aventuras que lhe contei tão extraordinárias, que ordenou fossem escritas com caracteres de ouro e guardadas nos seus arquivos.

Retirei-me satisfeitissimo com tantas honras e com os presentes que dele recebi. Entreguei-me depois aos cuidados e carinhos da minha família, parentes e amigos.

Assim terminou Sindbad a narração da sua sétima viagem, depois, dirigindo a palavra a Hindbad:

— Então, meu amigo, disse-lhe, ouviste já contar que alguém padecesse tanto como eu padeci: ou que algum ser humano se achasse em tão apertados lances? E não será justo que depois de sofrer tantos trabalhos e revezes disfrute agora uma vida tranquila?

Hindbad aproximou-se do seu bem-feitor, e beijando-lhe a mão:

— Devo confessar, senhor, que estivestes exposto a perigos espantosos, e que os trabalhos que eu sofro não são dignos de serem comparados aos vossos, porque se vivo vergando sob o peso, tenho em resultado o ganho preciso para me alimentar.

Sindbad ainda lhe mandou dar por esta vez cem sequins, admitiu-o depois ao número dos seus amigos, e aconselhou-o a que deixasse o emprêgo de mariola, podendo contar enquanto vivesse com a sua mesa; e assim teria motivo para lembrar-se durante a sua existência, de Sindbad, o marinheiro.

*
* *

— Querida irmã, quão lindas são as tuas histórias que me enebriam e dão prazer ouvi-las, porém, gostaria que me contasses uma daquelas histórias que tu sabes, e que tão encantadoras são.

— Sim, minha irmã, contar-te-hei se o sultão e meu senhor o permitir.

O sultão, que achava maravilhosas as histórias de Scheherazada, concedeu o deferimento.

Trepou sem demora a uma frondosa árvore

História de Ali-Bábá e dos quarenta ladrões

A Sultana Scheherazada, despertando pelos cuidados de Dinazarda, sua irmã, dispôs-se para contar ao Sultão das Indias, seu esposo, a história prometida.

Poderoso Sultão, disse ela, numa cidade da Persia, nos confins dos estados de Vossa Majestade, viviam dois irmãos, dos quais um se chamava Cassim e outro Ali-Bábá. Como seu pai lhes deixára muito poucos bens, combinaram eles que a pequena herança devia ser dividida em duas partes iguais, para que iguais ficassem em fortuna. O acaso, porém, não o quiz assim.

Cassim desposou uma mulher, que pouco tempo depois do casamento, foi herdeira de um parente que lhe legou uma grande loja repleta de mercadorias e grande extensão de terrenos cultivados, o que em breve o tornou um dos mais ricos negociantes da cidade.

Ali-Bábá, ao contrário, casára com uma mulher pobríssima como ele; habitavam uma casa térrea e imunda, e o único recurso que o marido tinha para viver com os seus filhos, era ir todos os dias a uma floresta próxima, cortar lenha que dali trazia sobre três jumentos, sua unica fortuna.

Um dia estava Ali-Bábá na floresta, e acabava de carregar os três jumentos, quando viu erguerem-se ao ar grandes nuvens de poeira que vinham em direcção a ele. Aplicou a vista com atenção, através essas nuvens, e viu uma porção de homens a cavalo que galopavam a toda a brida.

Posto que no país não se falasse de ladrões, Ali-Bábá supôs logo que aqueles o eram, e sem lhe importar a sorte dos burrinhos, pensou só em salvar a sua pessoa. Trepou sem demora a uma frondosa árvore, e escondeu-se entre os vastos ramos que a ornavam.

Os cavaleiros, homens robustos, bem montados e bem armados aproximaram-se de um rochedo e aí se apearam. Ali-Bábá pôde então contar o número deles, que eram quarenta; e pelo aspecto e equipamento que apresentavam, ainda mais se convenceu de que eram ladrões. Não se enganara. Eram com efeito ladrões, mas que não exerciam o ofício naquelas proximidades, mas íam para muito longe fazer as suas correrias e pilhagem, e vinham áquele sítio para as suas reuniões e planos.

Cada cavaleiro desaparelhou o seu cavalo, prendeu-o a uma árvore, atou-lhe ao pescoço um saco com cevada, que traziam á garupa, assim como uma mala que puzeram sobre os ombros; a maior parte

das quais eram tão pesadas, que Ali-Bábá acreditou estarem cheias de ouro ou prata amoedada.

O mais imponente dos cavaleiros, que Ali-Bábá, pelos seus modos arrogantes e altivos, julgou ser o capitão da quadrilha, carregado também com a sua mala, encaminhou-se para o rochedo, que era próximo da árvore onde se achava o rachador de lenha, e este ouviu-o pronunciar distintamente estas palavras:

— *Sesamo*, abre-te.

E logo viu abrir uma porta praticada no rochedo. Postou-se ali o capitão, esperando que os seus homens um a um penetrassem nas entranhas da rocha. Depois entrou ele e imediatamente a porta se fechou.

Havia muito tempo que os ladrões estavam dentro da rocha. Ali-Bábá, temendo que alguns deles, ou todos, saíssem dali e o vissem, pensou em saltar da árvore e fugir, mas acometido pela curiosidade ou inveja parecia-lhe melhor esperar com paciência o resultado. Também lhe veiu á ideia montar um dos cavalos, tomar outro pela rédea, e voltar para a cidade com os seus jumentos, mas era também negócio arriscado, podiam os ladrões alcançá-lo no caminho. Depois destas e outras conjecturas, decidiu-se a ficar, partido que lhe pareceu mais seguro.

Duas horas depois abriu-se a porta da rocha, os ladrões saíram, vindo na frente o capitão, para esperar que desfilassem na sua presença. Depois, voltando-se para a porta, disse:

— Fecha-te *Sesamo*.

Cada ladrão tomou o seu cavalo, enfreou-o, colocou sobre ele a sua mala e montou. Quando o chefe viu que estavam prontos, pôs-se á frente deles e tomaram o caminho por onde tinham vindo.

Ali-Babá, não quiz descer logo da árvore, porque fez este raciocínio:

— Pode ter-lhes esquecido alguma coisa e voltarem atrás; se tal acontecesse apanhavam-me e matavam-me.

E foi-os seguindo com a vista, até que de todo desapareceram ao longo das campinas, contudo, ainda se conservou muito tempo sobre a árvore, por cautela. Descendo enfim, foi direito ao lugar onde estava a porta do rochedo, parou em frente dele e repetiu as palavras do capitão: Abre-te *Sesamo*. E a porta abriu-se totalmente. Ali-Babá, que esperava entrar num antro escuro e medonho, ficou pasmado achando-se em frente de um circo, vasto e espaçoso recinto de abóboda, o qual recebia claríssima luz por uma abertura natural que estava no alto do rochedo. Havia abundantes provisões de boca, fardos de ricas fazendas empilhados uns sobre os outros, estofos de seda e brocado, tapetes de grande valor, ouro e prata amoedada enchendo grandes sacos e bolsas de ouro amontoados. Ao ver tudo isto, supôs logo que não havia longos anos, porém, séculos, que aquela gruta servia de esconderijo aos ladrões que tinham sucedido uns aos outros.

Ao ver tudo isso

Ali-Babá não vacilou sobre o partido que deveria tomar; entrou na gruta, e logo a porta se fechou sem que alguém lhe tocasse; isto não o incomodou, sabia o segredo para a abrir. Não fez caso

da prata; tirou-se ao ouro, especialmente ao que era cunhado; foi levando por várias vezes, quando lhe pareceu suficiente para carregar os três jumentos, para fora do rochedo; depois reuniu-os porque andavam dispersos, carregou-os com os sacos, pondo sobre eles alguns feixes de lenha para os ocultar. Acabando isto, colocou-se em frente da porta e mal pronunciou as palavras: Fecha-te *Sesamo*, logo a porta se fechou, porque nas ocasiões em que ele estava dentro da gruta fechava-se sem que lho mandassem, e quando estava de fóra conservava-se aberta.

Então tomou o caminho da cidade, e chegando a casa fez entrar os três jumentos num pequeno pátio e fechou cautelosamente a porta; tirou de sobre eles a lenha, levou os sacos para casa e colocou-os cómodamente na presença de sua mulher. Esta chegando-se a eles e conhecendo que estavam cheios de dinheiro, teve um pressentimento fatal, imaginou que o marido fizera um roubo, e não pôde conter-se, dizendo:

— Ali-Babá, serias tão desgraçado que...

— Sossega mulher, respondeu ele, não faças alarme; eu não sou ladrão, salvo se roubar a ladrões é sê-lo também. Ficarás disto persuadida logo que conte a boa fortuna que tive.

Em seguida despejou os sacos sobre a mesa, e o tinir das belas moedas de ouro entusiasmou a pobre mulher, a quem ele fez a narrativa do maravilhoso sucesso e concluiu recomendando-lhe inviolável segrêdo sobre o caso.

A mulher voltando a si do espanto causado pela presença de tanto dinheiro, congratulou-se com o marido, e dispunha-se a contá lo peça por peça.

— Não sabes o que vais fazer, mulher, disse-lhe Ali-Babá, isso é um trabalho grandiosissimo e inutil, que levaria muitas horas. Vou já abrir uma cova para o enterrar, e não podemos perder tempo.

— Mas, homem, replicou ela, é bom que saibamos o que temos em casa, deixa-me que vá a alguma parte, ao menos procurar uma medida para medirmos tanto dinheiro, o que farei enquanto estiverdes a fazer a cova.

Mulher, tornou Ali Babá, o que queres fazer para nada serve, acredita-me, contudo, visto assim o desejares, vai; mas lembra-te que é necessário o mais absoluto segrêdo a respeito de tudo isto.

E para satisfazer a sua vontade, foi a mulher a casa do Cassim, seu cunhado, o qual morava perto dali. Não estava Cassim em casa, teve de dirigir o pedido á cunhada, o qual lhe perguntou se queria medida grande ou pequena, respondendo-lhe que era suficiente uma das mais pequenas.

— Com todo o gosto, respondeu a cunhada, esperai um momento, vou buscá-la.

Achando a medida, e lembrando-se ao mesmo tempo da extrema pobreza de Ali-Babá, teve a curiosidade de saber qual a qualidade de grão que ele tinha a medir; para o saber, untou com sebo o fundo da medida, e assim a entregou à cunhada, pedindo desculpa de haver-se demorado algum tempo a procurá-la.

A mulher de Ali-Babá voltou para casa, pôs a medida sobre o montão de ouro, encheu-o e foi despejá-la sobre um sofá que estava pouco distante, e assim continuou, até que acabando a tarefa, ficou satisfeitíssima pelo bom número de medidas que vasara, do que deu parte ao marido logo que ele voltou depois de ter aberto a cova.

Enquanto Ali-Babá enterrava o seu tesouro, a mulher querendo provar à sua cunhada que era um modelo de pontualidade, foi entregar a medida que esta lhe emprestara, não vendo, porém, que no fundo dela ia pegada, em consequência do sebo com que fora untada, uma das peças de ouro que medira.

— Agradeço-vos novamente, minha irmã, o favor que me fizestes, e restituo-vos a vossa medida disse ela entrando em casa da cunhada.

Apenas a mulher de Ali-Babá saira de casa de Cassim, logo a mulher deste foi examinar a medida, e vendo pegada ao fundo a moeda de ouro, exclamou no auge da admiração e inveja:

— Pois quê! o senhor Ali-Babá já mede o ouro aos alqueires! Mas aonde foi aquele miserável buscar tanta riqueza?!

Como já disse, àquela hora não estava Cassim em sua casa, mas sim na loja, donde só voltaria à noite. Todo esse tempo pareceu à pobre mulher mais dum século, tal era a impaciência que a dominava para contar ao marido o que se passara.

Logo que chegou Cassim disse-lhe:

— Pensais, meu marido, que sois bastante rico, porém, enganai-vos, porque Ali-Babá é-o muito mais do que vós; não conta o dinheiro como vós o contais, pois mede-o aos alqueires.

Cassim pediu a explicação daquele enigma, que lhe foi imediatamente dada pela mulher, não esquecendo esta de fazer notar o ardil de que se servira para obter aquela descoberta, ao mesmo tempo que mostrava ao marido a moeda de ouro que encontrara, a qual era tão antiga que não hàvia memória do príncipe cujo nome se achava na legenda que a circundava.

Bem longe de alegrar-se pela fortuna do seu irmão, que o arrancava da miséria em que vivera, apoderou-se do seu espírito a maior inveja e um ódio mortal. Na manhã seguinte, logo que se ergueu, dirigiu-se a casa dele, e não o tratou por irmão, nome que havia esquecido desde que desposara a rica viuva.

— Ali-Babá, disse-lhe, entrando em casa, realmente sois bastante reservado nos vossos negocios; fazeis persuadir a todos que sois pobre e miserável, e medis o ouro aos alqueires.

— Não sei de que quereis falar, meu irmão, respondeu Ali-Babá.

— Ah! disfarçais o caso! disse Cassim, mostrando-lhe a peça que tinha ido pegada à medida. Quantas peças tendes por cá, iguais a esta, que foi ontem pegada à medida que minha mulher vos emprestou?

Por estas palavras percebeu Ali-Babá que Cassim e sua mulher, por meio de um astucioso engenho, estavam senhores do segredo que tanto empenho tinha em ocultar. Mas o mal estava feito e não podia reparar-se. Sem mostrar a seu irmão o menor sinal de espanto ou medo, contou-lhe a maneira como o acaso lhe descobrira aquele esconderijo dos ladrões, e ofereceu-lhe, no caso de guardar absoluto segredo, uma parte daquele tesouro.

— Assim o exijo, disse Cassim com modo arrogante, mas igualmente quero saber ao certo, aonde está o tal tesouro, e a maneira como hei-de ali entrar, e se assim não fôr, irei denunciar-vos à justiça. Se recusais a minha proposta, perdido ficareis; não só não tereis mais nada a esperar do tesouro, como também tirar-vos-ão o que dali haveis trazido; porém, eu não terei perdido de todo o meu tempo, porque receberei o prémio de vos ter denunciado.

Ali-Babá, mais pelo seu dom natural, do que por medo das insolentes ameaças de seu irmão, instruiu-o completamente de tudo quanto ele desejava, não esquecendo as palavras de que devia servir-se para entrar ou sair da gruta.

Cassim nada mais perguntou a Ali-Babá. Deixou-o com esperança de apoderar-se de todo o tesouro. Ao romper da manhã, saíu de casa, conduzindo dez possantes machos carregados de outros tantos caixotes que tencionava trazer cheios de di-

nheiro, reservando-se para segunda viagem levar e trazer mais, conforme a abundância que achasse na gruta. Seguiu pelo caminho que Ali-Babá lhe ensinara, chegou perto do rochedo, encontrou todos os sinais que o irmão lhe dera, e viu a árvore em que ele estivera escondido.

Procurou a porta do rochedo, e encontrando-a, pronunciou as palavras «Abre-te, *Sesamo*», às quais ela logo se abriu, e fechou-se por si depois de ter entrado. Dentro do rochedo, Cassim ficou como louco à vista de tantas riquezas que não imaginára apesar da descrição de Ali-Bábá:— e mais crescia a sua admiração ao passo que esquadrinhava todos os cantos da caverna. Avarento e ambicioso de riquezas, passou quase todo o dia sem tirar os olhos de tudo que tinha presente, vendo, mexendo, examinando minuciosamente os objectos, entretido a ponto de esquecer-se de que tinha vindo dali para carregar os seus dez machos.

Tornando, porém, a si, começou a carregar com quantos pôde cheios de dinheiro, para junto da porta; mas era tal o seu estado de preocupação, que na ocasião de querer que a porta se abrisse para lhe dar saída, em vez de dizer «*Sesamo*», disse «Cevada, abre-te». Tinha olvidado a frase. Foi grande o seu espanto, vendo que a porta se não mechia; assim pronunciou por muito tempo outros nomes e a porta sempre imóvel.

Com esta desgraça não contava o pobre Cassim. No auge do desespero arremessou os sacos de dinheiro e pensando no perigo a que estava exposto, continuou a querer arrancar à memória o nome da porta, passeando como louco de um para outro lado da gruta, sem atinar com o que devia fazer.

As mesmas riquezas de que se via cercado, e que ao princípio tanto lhe agradaram agora não podia vê-las.

Deixemos, porém, Cassim, entregue à sua má sorte, porque é indigno de compaixão.

Ao findar do dia vieram os ladrões, a caminho do rochedo, e vendo de longe os dez machos de Cassim perto da gruta pastando em plena liberdade, suspeitaram logo que grande novidade acontecia, e avançando a toda a brida, espantaram os machos,

...que deitou por terra o capitão

que perseguidos fugiram em todas as direcções ao longo dos campos, até se perderem de vista.

Os ladrões não deram sequer um passo para apanhar os machos; importava-lhes mais encontrar o dono deles. Enquanto alguns vão em volta do rochedo para o procurarem, o capitão e outros, apeiam-se, e de alfange em punho vão direitos à porta, e pronunciando as palavras, aquela abre-se de relance.

Cassim que estando no centro da gruta ouvira o tropel dos cavalos, conhecera a chegada dos ladrões, assim como a da morte eminente. Todavia, pensou em fazer até ao último esforço para salvar a vida, arrojando-se para fora da porta, mal esta se abrisse. Com efeito, depois de ter ouvido pronunciar a palavra *Sesamo*, de que tanto se esquecera, viu que tinha saída diante de si, e logo atirando-se para fora da gruta, tão arrebatadamente o fez que deitou por terra o capitão. Mas não pode escapar aos outros ladrões, que também de alfange em punho o acometeram até o deixarem morto; a primeira coisa que então fizeram os ladrões foi entrarem dentro do rochedo; junto à porta acharam os sacos cheios de dinheiro que para ali levára Cassim, com intenção de carregarem os machos; foram logo colocar aqueles no seu lugar, e não deram por falta dos que Ali-Bábá levara.

Reunidos depois em conselho, os ladrões foram todos concordes, no motivo porque o homem ali não tinha podido sair, mas o que não podiam imaginar era o modo como entrára: lembraram-s alguns se teria saltado pela abertura praticada no cume do rochedo, porém a altura era tal que qualquer que dali se precipitasse morreria instantâneamente; que houvesse o visitante entrado pela porta era caso que nem pela ideia lhes passava; só podia ser que alguém os tivesse espreitado e surpreendido o segredo para abrir a porta da gruta.

De qualquer maneira que tivesse acontecido, do que se devia tratar era de que aquelas riquezas, que pertenciam a eles todos, na maior segurança; concordaram em cortar em quatro pedaços o corpo do desgraçado que ali jazia, e colocarem dois desses bocados de cada lado junto da porta, no interior, para desse modo intimidarem qualquer outro homem que ousasse entrar; e não voltarem ali senão depois do tempo necessário para a exalação total

do cheiro fétido que produziria o cadáver. Posta em prática aquela resolução, os ladrões, como não tivessem mais que fazer ali, montaram a cavalo e seguiram caminho para continuarem a sua vida de pilhagem, postando-se nas estradas menos frequentadas, a fim de atacarem os passageiros e as caravanas.

Era noite, e a mulher de Cassim inquieta porque seu marido não aparecia, foi a casa de Ali-Babá e disse-lhe toda assustada:

— Meu irmão, não ignoras, julgo eu, ter ido Cassim à floresta e para que negócio; pois sabei que ainda não voltou, e vai já tão adiantada a noite, que temo alguma desgraça lhe haja acontecido.

Tivera Ali-Babá alguns pressentimentos a respeito da viagem do irmão, por isso se abstivera de ir ao bosque nesse dia, e vendo agora quase realizados esses pressentimentos, não quis fazer reflexão alguma a tal respeito, para não escandalizar a cunhada nem mesmo o irmão, no caso que ainda este estivesse vivo; contentou-se pois em dizer àquela que não estivesse assustada, porque talvez seu marido resolvesse não entrar na cidade senão depois de alta noite.

Com tal opinião concordou a mulher de Cassim, considerando que seu marido só deveria efectuar aquele negócio com as maiores precauções; e voltou para casa, onde esperou até à meia noite com paciência; porém, depois dessa hora aumentou-lhe o susto e a aflição, pois que nem ao menos podia aliviá-la gritando para desabafar, porque de tal modo faria saber à vizinhança o que desejava ocultar. Então arrependeu-se da louca curiosidade que tivera movida pela inveja condenável, de intrometer-se nos negócios de sua cunhada. Passou o resto da noite chorando e arrepelando-se, e logo que amanhaceu o dia, apresentou-se em casa

do irmão de seu marido, anunciando-lhe a causa da sua aflição, mais com lágrimas de que com palavras.

Ali-Babá não esperou que sua cunhada lhe pedisse para ir procurar o irmão. Partiu logo com os seus três jumentos, recomendando àquela que moderasse a sua aflição, pois ia direito à floresta, e esperava não ter havido caso extraordinário.

Quando Ali-Babá se aproximou do rochedoo não tendo encontrado no caminho nem o irmãe nem os machos, ficou passado à vista do sanguu que viu derramado pelo chão junto à porta, e tiro e disso mau agouro. Apresentou-se ante a porta,se pronunciando as palavras do costume, logo esta eu abriu; ficou então petrificado vendo o corpo do sou irmão dividido em quatro pedaços. Não hesitti- sobre o que tinha a fazer, a fim de prestar as úlumas honras àquele cadáver. Carregou um dos jmmentos, cobrindo-o com o corpo em seguida e co - alguns pedaços de madeira. Os outros dois jumentos foram carregados com sacos de oiro, cobertos também com madeira. Estando tudo pronto, depois de fechada a porta, Ali-Babá tomou o caminho da cidade, tendo calculado que só ali entraria de noite. Chegando a casa, introduziu no páteo apenas os dois jumentos que traziam oiro, e dizendo à mulher que os descarregasse, narrou-lhe apressadamente a sorte de Cassim, caminhando logo com o outro animal portador do corpo, para casa de sua cunhada.

Batendo à porta, esta foi aberta por Morgiana, escrava bastante inteligente e fecunda em inventos e ardis, para sair a salvo dos lances mais arriscados. Ali-Babá sabia isto perfeitamente. Entrando no páteo tirou de sobre o jumento a porção de lenha e em seguida os dois pacotes, e chamando Morgiana de parte, disse-lhe:

—Exijo de ti o segredo mais inviolável, e conhecerás quanto esse segredo é necessário por meu respeito e por tua ama; está ali naqueles dois pacotes o cadáver do teu senhor; é necessário que seja enterrado, fazendo supor que morreu de morte natural. Quero falar a tua ama, vem comigo, e toma sentido no que eu lhe disser.

Morgiana foi dar parte a sua senhora, e Ali-Babá entrou no aposento em que estava a cunhada.

—Então, perguntou ela, que novas trazeis de meu marido? Não indicais no rosto motivo para inquietar-me.

—Minha irmã, respondeu Ali-Babá, não posso dizer-vos coisa alguma sem que primeiro jureis ouvir-me sem me interromper. Não tenho menos interesse do que vós em guardar completo segredo àcerca do que aconteceu, pois depende dele o nosso sossego.

—Ah! exclamou a pobre mulher, por esse preâmbulo adivinho que meu marido foi morto, e também conheço a necessidade de guardar esse segredo. Farei sobre mim grande esforço, mas ouvirei o que tendes a dizer-me.

Ali-Babá contou a sua cunhada tudo o que se passara desde que saira de casa em caminho da floresta, até voltar e concluiu, dizendo:

—Como vedes, é isto um motivo para a maior aflição a que podemos chegar, e que menos esperávamos. Para tão grande mal não há remédio; porém, se alguma coisa pode modificar a vossa aflição, será juntar a minha pouca fortuna à vossa, reunindo-nos; e posso assegurar-vos que minha mulher não terá ciumes e viveremos todos contentes; agradando-vos a proposta, resta-nos ter os maiores cuidados em sustentar que meu irmão morreu em consequência da doença que o acometeu. Quem, além de nós, sabe este segredo, é Morgiana, e nessa podemos ter confiança, porque é bastante discreta; eu me encarrego de a sujeitar.

Que melhor partido podia achar a viuva de Cassim, do que o que seu cunhado lhe oferecia? Com os poucos cabedais que aquele marido deixára ia encontrar outro, mais rico e que pela descoberta do tesouso poderia vir a ser muito mais. Não havia portanto razão para recusar; além disso, era uma espécie de consolação para a sua viuvez, estagnando-lhe as lágrimas que começava a derramar, e sufocando-lhe esses gritos agudos com que todas as mulheres costumam atroar os ares quando lhes morrem os maridos. Manifestou ao cunhado toda a sua gratidão, e aceitou a oferta que lhe propunha.

Deixando a viuva nestas boas disposições necessárias naquele caso, despediu-se e voltou com o jumento para sua casa.

Após ele saír Morgiana, dirigiu-se a uma botica que estava perto e pediu pastilhas de certa qualidade, muito uteis para os casos de doenças de perigo. O boticário exigiu por elas uma avultada soma, não esquecendo de perguntar á escrava qual era a pessoa doente em casa de seu amo.

Há! respondeu Morgiana, é ele, o meu bom senhor, e todos ignoramos que doença seja... não come... não fala...

E assim saíu da botica com as pastilhas para o pobre Cassim, que havia muitas horas que os ladrões tinham dispensado de as comer.

No dia seguinte voltou Morgiana á botica e pediu ao boticário uma certa essência que era costume aplicar-se aos doentes, quando estavam em perigo de morrerem a qual, se não operava o milagre era inevitavel a morte.

— Pobre de mim, disse a rapariga ao receber a essência das mãos do boticário, receio que este remédio não produza mais efeito que as pastilhas. Ah! meu querido amo! e hei-de perdê-lo sendo ele tão bom senhor.

Durante o dia, tendo a visinhança visto repetidas vezes Ali-Bábá e sua mulher entrar e saír da casa de Cassim, não lhe causou admiração quando á noite ouviram gritos agudos e penetrantes da mulher do seu visinho, e com especialidade os da escrava; que eram com dobrada força, o que tudo anunciava a morte do pobre Cassim.

No dia seguinte, pouco depois de romper a aurora, Morgiana sabendo que perto dali morava um sapateiro, homem bastante velho, o qual era sempre o primeiro a abrír a porta da loja, dirigiu-se a ele, e depois da competente saudação, introduziu-lhe em uma das mãos luzente moeda de ouro.

Bábá Mustafá, pois era este o nome do velho sapateiro, sentindo o contacto frio da moeda, sobresaltou-se e tratou de vêr, á pouca claridade que o dia ainda apresentava, qual era o objecto com que tão cedo presenteavam, e vendo a moeda exclamou:

— Bravo! que bela estreia! Porém, de que se trata, minha boa menina, qual é o serviço que quereis de mim? Estou todo ás vossas ordens.

— Bábá Mustafá, vinde comigo já, já, e trazei o necessário para coser alguns objectos; sabei, porém, que em chegando a certa distância da casa onde deveis ir, tapar-vos-hei os olhos, e assim vos conduzirei.

O sapateiro mostrando-se contrariado replicou:

— O quê? Tencionais obrigar-me a fazer alguma coisa contra a minha consciência ou contra a minha honra?

A escrava deixando escorregar para as mãos dele outra peça de ouro:

— Deus me defenda! respondeu; não exijo de vós serviço em que perigue a vossa consciência. Vinde comigo e vereis.

A vista disto e das duas peças de ouro, Mustafá deixou-se vencer e acompanhou a escrava até ao sítio onde lhe vendou os olhos, e dali a casa do defunto Cassim, e depois de o conduzir ao quarto

em que estavam os quatro pedaços do corpo de seu amo, desvendou-lhe os olhos.

— É para unir e coser as quatro peças deste corpo, que vos chamei, disse a rapariga. Quando estiver concluído o trabalho dar-vos-hei outra moeda de ouro, andai ligeiro porque assim é necessário.

Logo que Bábá Mustafá acabou a sua tarefa Morgiana tapou-lhe novamente os olhos e levou-o ao sítio onde pela primeira vez lhos vendára, aii entregando-lhe a terceira moeda de ouro, tirou-lhe dos olhos o lenço e deixou-o.

Voltando a casa, Morgiana poz sobre o lume um grande caldeirão com água para lavar o corpo do seu defunto senhor. Ali-Bábá encarregado desta operação, apareceu logo para a efectuar. Depois de bem lavar o corpo, perfumou-o com diversos aromas, e o amortalhou com o ceremonial do costume.

Um carpinteiro trouxe o caixão que Ali-Bábá tivera o cuidado de lhe encomendar, foi Morgiana recebê-lo á porta para que o artista não presumisse do que se passáva. A escrava e o irmão do defunto ajudaram-se para encaixarem o corpo; aquele pregou sòlidamente a tampa, em seguida saíu para ir participar á mesquita que estava tudo pronto para o entêrro.

Veiu a gente da mesquita para levar o corpo, porém, Morgiana não consentiu, dizendo que havia ajustado homens para esse fim.

Quando chegou o iman e outros ministros da religião, quatro visinhos puseram aos ombros o caixão e seguiram o sacerdote, que foi rezando as suas orações até ao cemitério. Morgiana, na qualidade de escrava, acompanhava o préstito com a cabeça descoberta, soluçando, chorando e dando gritos de dôr, batendo no peito e arrepelando os cabelos. Seguia-se Ali Bábá rodeado de muitos visinhos, que assim prestavam as últimas honras ao defunto.

Deste modo a causa da morte de Cassim foi

sabida apenas por sua mulher, o irmão e a escrava. Toda a mais gente da cidade ignorou aquele segredo.

Durante e depois da cerimónia do entêrro a

E.. tapou-lhe novamente os olhos e levou-o ao sítio onde pela primeira vez lhos vendára

viuva, rodeada de quási todas as mulheres visinhas, chorava com elas a morte do esposo, com grande alarido, soluços e lamentações.

Três ou quatro dias depois destes acontecimentos, Ali Bábá transportou os poucos móveis que tinha, juntamente com o dinheiro que trouxera da cova dos ladrões, para casa da viuva de seu irmão, afim de ali se estabelecer. Por este modo ficou toda a gente sabendo que Ali Bábá casára com sua cu

nhada. Ora, como estes duplos casamentos são permitidos pela nossa religião, ninguém teve que censurar o procedimento dos noivos.

Tendo Ali Bábá um filho, que termináca o tempo de caixeiro em casa de certo mercador, portando-se sempre com toda a circunspecção, lembrou-se de entregar-lhe a loja de seu defunto irmão, sob promessa de continuar a conduzir-se bem, para que mais tarde lhe arranjasse um casamento vantajoso relativamente á sua condução.

Deixarei agora de ocupar-me de Ali Bábá, que fica gosando as delícias do seu consórcio e juntamente da fortuna que adquirira, e voltarei a falar dos quarenta ladrões. Passando o tempo que haviam calculado, voltaram eles á caverna da floresta; imagine-se, porém, qual foi o seu espanto, não encontrando os quatro quartos do corpo de Cassim, e ainda mais dando pela falta de grande quantidade de sacos com ouro.

— Estamos descobertos e perdidos, disse-lhes o capitão, se imediatamente não acharmos meio de remediar isto; ficaremos sem as riquezas que nossos avós com tanto trabalho e fadigas adquiriram. O que eu posso conceber é que o ladrão que matámos estava sabedor do segredo para abrir esta porta, e que felizmente chegámos no momento em que ía para sair. Porém, aquele homem não era só na empresa, tinha um cumplice; isto prova-se pelo desaparecimento do corpo e pela diminuição do nosso tesouro. Ora, sendo eles dois, e tendo nós morto apenas um, é forçoso que matemos o outro. Que dizeis a isto, bravos companheiros? Não sois da minha opinião?

A proposta do capitão foi unanimamente aprovada, e todos os salteadores foram de acordo que não deviam entreter-se com outro qualquer negócio, enquanto não conseguissem o bom exito de tão necessária empresa.

— Não havia menos a esperar da vossa coragem e valor, disse-lhes o capitão agradecido. Agora é necessário que o mais astuto de vós se introduza na cidade sem armas nem aparato, com o trajo de viajante estrangeiro, e ali empregue toda a habilidade e diligência para descobrir, no caso que se fale da morte do homem que aniquilámos, onde era a sua morada. É isto o que primeiro importa saber, para não cometermos alguma imprudência, de que resulte em vez de nos vingarmos, descobrir-mos-nos num país, onde como bem sabeis, é ignorada a nossa existência desde tão longo tempo. Mas, para que tenhamos toda a confiança naquele que for escolhido para a empresa, e impedir que se deixe iludir, pela qual poderia causar a nossa total ruina, não julgais a propósito que esse nosso companheiro se sujeite para conosco á pena de morte?

Sem esperar que os outros dessem o seu voto, um de entre eles, apresentando-se ao capitão, disse:

— Eu me sujeito, quero ter a glória de expôr a vida nessa comissão. E se dela saír mal lembrar-vos-heis ao menos que não foi por falta de boa vontade nem de coragem a favor da nossa sociedade.

Este salteador, depois de receber os maiores elogios do capitão, foi vestir os fatos de disfarce, e de tal modo se caracterisou, que ninguém seria capaz de o tomar pelo que era.

Separando se dos companheiros, o astucio salteador partiu a hora adiantada da noite, depois de haver calculado, pelo tempo que gastaria até á cidade, entrar ali ao romper do dia; e assim aconteceu. Chegando à praça principal, viu aberta so uma loja: era a de Bábá Mustafá.

Estava o pobre sapateiro sentado na sua trieça e pegàra já na sua sovéla para começar o trapalho, quando o ladrão entrando na loja o saudou, bevendo que era bastante idoso, lhe disse:

— Bom homem, começais o vosso trabalho muito cedo, parece impossível, com essa idade, poderes ver a estas horas, estando ainda o dia a despontar; mais tarde que fôsse, duvidaria mesmo que podesseis trabalhar sem óculos.

— Oh! oh! replicou Mustafá, não me conheceis! Este velho que vêdes, tem ainda excelente vista; do que não duvidareis, sabendo que há poucos dias cosi um morto em certa casa onde a claridade era muito menos do que esta presentemente.

O ladrão exultou de alegria supondo ter encontrado um homem que talvez lhe daria notícias do que desejava saber, sem lhas perguntar.

— Um morto! replicou com espanto, mas com desejo de ouvir o sapateiro. E para que cosestes um morto? Certamente quereis dizer o lençol em que ele foi envolvido?

— Não, não, acudiu Bábá Mustafá, eu bem sei o que digo. Quereis talvez obrigar-me a falar, porém, não sabereis mais nada.

O salteador já não carecia de mais amplos esclarecimentos, estava convencido de que achára o que procurava. Tirou da bolsa uma moeda de ouro, e metendo-a na mão do sapateiro, disse-lhe:

— Deus me livre de querer penetrar no vosso segredo, posto que possa assegurar-vos, que nada divulgaria se mo houvesseis confiado. O unico favor que tenho a pedir-vos é o de indicar-me ou vir mostrar-me a casa onde cosestes o morto.

— De boa vontade, respondeu Mustafá, querendo entregar a peça de ouro, faria o que me pedis, mas é impossivel, podeis acreditar a minha palavra, e eis a razão: fui daqui com a pessoa que veiu tratar comigo até certo sítio, onde me vendou os olhos, e que dali me levou á tal casa donde voltei, depois de concluído o trabalho, do mesmo modo como até ali. Por isso vêdes que é impossível satisfazer o vosso pedido.

— Ao menos, redarguiu o ladrão, deveis lembrar-vos, pouco mais ou menos, do tempo que caminhaste com os olhos tapados. Vinde pois comigo, tapar-vos-hei os olhos naquele mesmo lugar, e andaremos pelo mesmo caminho e pelos mesmos atalhos, que pelo contacto dos pés vos, pareça ter ido da outra vez, e como o trabalho merece recompensa, eis aqui outra moeda de ouro; vamos, fazei-me este favor.

As duas peças de ouro eram tentadoras. Bábá Mustafá contemplou-as por alguns momentos, pensando consigo o mesmo que devia fazer. Finalmente tirou a sua bolsa do seio, e metendo nela as duas peças:

— Não posso assegurar-vos, disse ao ladrão, se me recordarei ao certo do caminho por onde fui. Mas visto que assim quereis, farei a diligência para lembrar-me.

Ergueu-se Bábá Mustafá com grande alegria do ladrão, e sem fechar a loja, na qual pouco tinha para tentar a cubiça dos gatunos, acompanhou-o até ao lugar onde fora com Morgiana.

Foi aqui, disse ele que me taparam os olhos, e estava com a frente voltada para o mesmo lado, como agora estou.

Então o salteador, que trazia pronto um lenço, vendou-lhe os olhos e caminhou ao lado dele

Fez com ele um sinal na porta

ora guiando-o, ora deixando conduzir-se, até que Mustafá parou.

— Parece-me que não fui mais longe, disse, e efectivamente estava junto á porta da casa de Cassim, onde então habitava Ali Bábá. Antes que lhe desvendasse os olhos, o ladrão, tirando da algibeira um pedaço de giz, fez com ele um sinal na porta, e depois, arrancando-lhe o lenço, perguntou a Mustafá se sabia a quem pertencia aquela casa. Respondeu-lhe o sapateiro que não morava naquele bairro, e por isso não podia informá-lo.

Vendo o salteador que mais nada podia saber de Mustafá, agradeceu-lhe o trabalho, despediu-o, e enquanto o sapateiro seguia caminho para a loja, dirigiu-se ele para a floresta, contente pelas boas novas que levava aos companheiros.

Pouco tempo depois saía Morgiana de casa de seu amo para ir fazer algumas compras; quando porém, voltava, reparou casualmente na marca que o ladrão fizera na porta; parou para examinar atentamente.

— Que significará aquele sinal, disse ela consigo. Quererá alguém fazer mal a meu amo, ou seria feito isto por simples divertimento? Seja como for, a cautela e prevenção nunca fizeram mal a ninguém.

E tomando também um bocado de giz, marcou com o mesmo sinal as duas ou três portas próximas, que em tudo eram iguais áquela. Entrou em casa mas não referiu ao amo e á ama o que acontecera.

Entretanto o salteador continuava o seu caminho, e chegando á gruta onde estavam os companheiros, referiu-lhes e ao capitão tudo quanto se passára. Foi ouvido com grande satisfação de todos, sendo o capitão o primeiro a falar.

— Camaradas, disse, não podemos perder tempo; partamos bem armados, mas sem que se perceba

que o estamos, e depois de entrarmos na cidade, todos separados, uns dos outros para não causarmos suspeitas. Entretanto irei eu com o vosso camarada, incumbido da exploração, reconhecer a casa que por ele foi marcada, tomar as minhas medidas e ver o que mais conveniente nos será.

Este discurso do capitão foi unanimemente aprovado e aplaudido. Os ladrões prepararam-se para a partida. Desfilaram depois a dois ou a três e três, separados a grandes distâncias, e assim entraram na cidade e depois na praça sem causar a menor suspeita. O capitão e o ladrão explorador foram os últimos a chegar ali. Este conduziu o seu chefe á rua onde estava a casa cuja porta marcára, e quando chegaram em frente das portas marcadas por Morgiana, apontou-a ao capitão dizendo ser aquela e continuando logo a caminhar para evitar suspeitas, encontrou o capitão mais portas marcadas com aquele sinal; fez notar isso ao seu condutor, perguntando-lhe qual daquelas era a verdadeira porta. O ladrão, confuso e atemorisado, desfez-se em desculpas e juramentos, de que não tinha assinalado mais de que uma porta.

— Não sei, acrescentou, como podesse haver quem marcasse tão semelhante todas essas portas; pela minha parte juro que marquei só uma, e agora no meio de tantas não posso distinguir qual delas foi.

O capitão, vendo contrariados os seus desejos e abortado o plano que concebera, dirigiu-se á praça onde estava a sua gente, e ao primeiro que encontrou, anunciou-lhe que tinham perdido o tempo e feito uma viagem inutil, portanto não tinham outro partido a tomar senão o de voltarem para a sua gruta. Foi o primeiro a dar o exemplo, que todos imitaram, retirando-se pela mesma ordem que tinham vindo.

Quando chegaram á floresta, explicou-lhe o capitão qual o motivo por que ordenára aquela re-

tirada. Então o guia foi por unanimidade declarado reu da morte, ele próprio se condenou também, reconhecendo as poucas precauções que tomára para o bom exito da empresa, e com a maior firmesa apresentou o pescoço ao que lho devia cortar.

Sendo de absoluta necessidade, para conservação da quadrilha não abandonar a vingança projectada, um outro ladrão, jactando-se de mais esperto e prudente do que o que fora castigado, apresentou-se pedindo o favor de ser preferido. Sendo aceite o seu serviço, marchou para a cidade, subornou Bábá Mustafá, como fizera o seu antecessor, e lá foi o pobre sapateiro com os olhos vendados, indicar segunda vez a porta de Ali Bábá. Agora marcou-a com tinta encarnada e num lugar menos visivel, ficando certo que era esta a melhor maneira para não se enganar na ocasião precisa, porque fàcilmente a distinguiria das que estavam marcadas com branco.

A' mesma hora do antecedente dia saíu Morgiana, e quando voltou não pôde escapar a marca encarnada, como não escapou a branca, aos seus olhos perspicazes. Fez consigo as mesmas reflexões que fizera da outra vez, e marcou de encarnado as portas que ladeavam as de seu amo.

Voltando para os companheiros que o esperavam na floresta, exaltou as precauções que havia tomado, dizendo que desta vez eram infalíveis, e com certeza não se enganaria quando procurasse a porta de Ali-Babá, como acontecera ao seu desastrado companheiro. O capitão e a sua gente consideraram que desta vez estava segura a empresa. Dirigiram-se para a cidade, com a mesma ordem e a mesma cautela que da outra vez, armados do mesmo modo, e prontos para executarem tudo que necessário fosse. O capitão com o novo espia foram à rua onde habitava Ali-Babá, encontraram-se porém na mesma dificuldade que da primeira vez. O

capitão ficou tão indignado e o salteador tão confundido como tinha ficado o da primeira vez.

Novamente foi o chefe dos ladrões obrigado a retirar-se com a sua gente, tão satisfeito como fora da primeira vez. O salteador, como autor do desastre, sofreu castigo igual ao que recebera o seu antecessor.

O capitão vendo a sua quadrilha privada já de dois valentes homens, receiou que ainda fosse preciso sacrificar mais algum para descobrir a casa de Ali-Babá, e conhecendo ao mesmo tempo que aquela gente era boa para arrojados feitos de bravura, assaltos, combates, mas não para pensar em estratagemas; por estas razões resolveu encarregar-se ele próprio do negócio. Foi para a cidade, e aí com a ajuda de Mustafá, que lhe prestou serviço igual ao que prestára aos dois enviados, obteve o que desejava. Sabendo qual a porta de Ali-Babá, não teve necessidade de a marcar, examinou-a muito atentamente, passando várias vezes junto dela, até que foi convencido de que não erraria na ocasião.

Muito satisfeito de si dirigiu-se para a floresta pensando na maneira de concluir a empresa. Chegando ali, disse para a sua gente:

— Camaradas, nada pode no presente impedir-nos de tirar uma vingança da afronta que recebemos. Conheço perfeitamente a habitação do culpado sobre o qual ela deve cair, e durante o caminho pensei na maneira como devemos exercê-la. É preciso que ninguém saiba do lugar do nosso retiro, e muito menos do que possuímos; é este o fim da nossa empresa; e se assim não acontecer, tais riquesas longe de nos serem úteis, servirão só para nos comprometer. Para chegarmos pois ao remate dos nossos desejos, vou dizer-vos o que imaginei, porém, se algum de vós tiver achado melhor expediente do que o meu, deve, depois de eu ter acabado de falar, comunicar-nos as suas intenções.

E seguidamente explicou a maneira como tencionava comportar-se. Aprovados por todos o plano do chefe, este encarregou-os de irem pelas vilas e aldeias próximas, até mesmo à cidade, comprar machos até ao número de dezanove, e juntamente trinta e oito odres grandes para transporte de azeite, vindo apenas um deles cheio e os outros vasios.

Em dois ou três dias estavam feitas todas aquelas compras; porém, como os odres tivessem as bocas um pouco estreitas para o fim que eles os queriam, mandou que lhas alargassem, e depois ordenou a cada um dos seus que se metesse dentro com as armas necessárias, deixando uma pequena abertura para poderem respirar; untou por fora os odres com azeite para melhor simular que estavam todos cheios dele, quando apenas só um o continha.

Tudo assim disposto, os machos foram carregados com os trinta e sete ladrões e com azeite, ficando o capitão para os acompanhar a pé, para simular de mercador de azeite. Seguiram pelo caminho da cidade, e entrara aí uma hora antes do pôr do sol, como o capitão havia calculado; dirigiu-se logo que anoiteceu, o improvisado mercador, à casa de Ali-Babá, onde não teve necessidade de bater, porque este estava tomando o fresco à porta da rua, depois da ceia. O capitão fez parar os machos, e dirigindo-se muito cortêsmente para o dono da casa, disse:

— Meu senhor, trago de bem longe o azeite que vedes naqueles odres, e é a minha tenção vendê-lo no mercado desta cidade, porém como este negócio tem de ficar para àmanhã, e como não tenho onde recolher-me durante a noite, queria pedir-vos o especial favor de dar-me pousada, no caso que isso não incomode muito, e ficar-vos-ei na maior obrigação.

Apesar de Ali Bábá ter já visto aquele homem na floresta, e ouvido aquela voz, nem por sombras

lhe veiu à ideia que ali estivesse o capitão de ladrões metamorfoseado em vendedor de azeite.

— Sede bem vindo, mercador podeis entrar, respondeu Ali-Babá.

E dizendo isto, afastou-se da porta para lhe dar passagem. Depois chamou um dos seus escravos, e ordenou-lhe que descarregasse os machos, os conduzisse à cavalariça onde lhes daria rações de palha e cevada, e arranjasse lugar no pátio para alojar os trinta e oito odres, enquanto ele subia à cosinha para mandar preparar a ceia para o seu hóspede, e um leito no melhor dos quartos disponíveis. Fez mais: quando viu que o mercador se dispunha a arranjar lugar para se deitar junto dos seus odres, foi buscá-lo e conduzi-o à sala das visitas, a despeito das desculpas e oposição que o chefe dos ladrões lhe apresentava. Ali, depois de sentado, esteve entretendo-o com agradável conversação, enquanto Morgiana preparava a refeição; e conservando-se até ao fim da ceia, disse-lhe:

— Agora deixo-vos, meu amigo, retirai-vos para o vosso quarto, e suponde que estais na vossa casa, de tudo quanto carecerdes encontrareis aqui, sem mais incómodo do que chamar qualquer dos meus escravos.

O capitão foi até ao quarto acompanhado por Ali-Babá, mas enquanto este se dirigia a Morgiana, para dar-lhe algumas ordens, desceu ao pátio sob o pretexto de ir ver os machos.

Ali-Babá tendo novamente recomendado a Morgiana todo o cuidado e atenções para com o seu hóspede, ajuntou.

— Previno-te que àmanhã quero ir muito cêdo ao banho, tem cuidado de preparar-me a roupa, e dá-la ao Abdalla (era o nome do escravo favorito) e prepara-me um caldo para quando eu voltar dali.

E depois de dar estas ordens, Ali-Babá recolheu-se ao seu quarto.

O capitão tendo saído da cavalariça, dirigiu-se onde estavam os odres, e à maneira que se aproximava de cada um deles, dizendo-lhes estas palavras:

— Quando eu, da janela do quarto onde estou alojado, atirar sobre o teu odre algumas pequenas pedras, é esse o sinal para o rasgares com a faca de que vens munido, e imediatamente saíres: eu estarei à frente de todos.

... dirigiu-se onde estavam os odres, e á maneira que se aproximava de cada um deles...

E a faca, de que falava o capitão, era de ponta aguda e perfeitamente afiada para o efeito.

Seguidamente subiu para o pavimento superior, mas passando pela porta da cosinha, Morgiana, tomando uma luz acompanhou-o até ao quarto que estava destinado, e ali o deixou depois de haver perguntado se carecia de mais alguma coisa.

Para evitar suspeitas, o capitão apagou a luz e deitou-se vestido sôbre a cama, para despertar logo que fizesse o primeiro sono.

Morgiana não esquecendo as ordens de seu amo, preparou a roupa para o banho, e entregou-a a Abdalla, o qual estava ainda de pé. Depois pondo a panela sobre o lume, afim de preparar o caldo para Ali-Babá, aconteceu apagar-se a lâmpada que a alumiava. Por infelicidade não havia azeite em casa e a lâmpada estava seca.

Que faria? Pensava ela, a luz era indispensável para aprontar o caldo. Nesta aflição queixou-se ao escravo:

— Ora aí estás tu em grande embaraço, respondeu Abdalla, desce ao pátio e vai tirar o azeite de algum dos odres que lá estão.

Morgiana agradeceu o conselho, e logo que Abdalla foi deitar-se perto do quarto de seu amo, a fim de o acordar para o banho, pegou na bilha de azeite e desceu ao pátio. Chegando-se ao ôdre que primeiro encontrou, ouviu uma voz que de dentro lhe perguntava em tom muito baixo:

Já é tempo?

Posto que ladrão falasse baixo, não deixou Morgiana de ficar assustada, e muito mais quando reparou que todos os odres estavam tambem meio abertos, operação que o capitão praticára, para que nenhum dos seus subalternos morresse asfixiado, por falta de respiração.

Outra que não fosse Morgiana, encontrando em vez de azeite um homem dentro do odre, teria feito tal alarme que acordaria não só os de casa, mas até a visinhança, o que teria sido muito fatal, porém, a escrava era rapariga resoluta e de bons pensamentos. Compreendeu logo a necessidade de calar-se, vendo o perigo em que estava o seu amo, toda a família e também ela, e a urgência de dar pronto remédio aquele caso. Por um momento, e sem mostrar na voz grande comoção, respondeu para dentro do odre: «Ainda não, logo». E foi aproximando-se de todos os outros odres, ouvindo em cada um a mesma pregunta, a que dava aquela resposta, até que chegando ao último, achou-o cheio de azeite.

Compreendeu então Morgiana como seu amo, pensando em dar pousada a um mercador de azeite, metera em casa trinta e sete ladrões, não contando com o falso mercador, que necessàriamente devia ser o chefe daqueles. Encheu apressadamente a bilha com o azeite do odre, subiu à cosinha, preparou e acendeu a lâmpada, pegou numa grande caldeira, e voltou ao pátio. Chega-se ao odre que ti-

nha azeite, enche a caldeira, e subindo à cosinha, prepara com muita lenha, um grande lume e põe sobre este a caldeira esforçando-se para que o azeite ferva; fazia isto, pensava ela, para salvar a vida e os bens de seu amo. Logo que o azeite ferveu vem novamente ao pátio, trazendo a caldeira, e no primeiro odre, vasa uma porção de azeite sempre fervendo, e vai assim até ao último, ficando com a certeza de ter queimado e sufocado todos os ladrões.

Estes corajosos actos da escrava foram praticados sem o menor ruído, como projectara. Voltou então para a cosinha com a caldeira vasia fechou a porta, apagou parte da lenha que ainda ardia em largas labaredas, deixando apenas lume necessário para aprontar o caldo. Depois apagou a lâmpada, e ficando tudo no maior silêncio resolveu não se deitar, desejosa de observar o que aconteceria espreitando pela pequena janela da cosinha, tanto quanto a escuridão da noite lho permitisse. Não havia decorrido um quarto de hora, quando percebeu que o mercador se tinha erguido. Viu-o abrir a janela do quarto e olhar por algum tempo para o pátio, depois pareceu-lhe que examinava, se ainda havia alguma luz na casa, e convenceu se de que todos dormiam, reinando absoluto silêncio.

Efectivamente era assim; o capitão tendo a certeza de que não era observado, atirou para o pátio as pedrinhas que tinha consigo, as quais pela maior parte foram cair sobre os odres. Prestou o ouvido, e não percebeu que de dentro deles alguem se mechesse. Inquieto, continua a atirar pedras, duas, três, quatro vezes, elas caem sobre os odres, mas nenhum dos ladrões dá sinais de vida; não pode compreender a razão porque isto acontece.

Inquieto, receioso, desce então ao pátio, pé ante pé, chega-se ao primeiro odre, e perguntando ao ladrão se dormia, em vez de resposta sente apenas

o cheiro do azeite fervido e do queimado que o odre exala. Pensou então que estava perdido o trabalho que empreendera para vingar-se de Ali-Babá, matando-o e saqueando-lhe a casa. Passou a outro odre e assim até ao último, e ficando com a certeza de que todos os seus homens tinham sido mortos pelo mesmo modo. E pela diminuição do azeite que enchia o único odre, mais se convenceu, que tinha sido privado do socorro que esperava. Vendo frustrado o seu plano, e toda a quadrilha morta, no auge do desespero, foge pela porta do pátio que dava para o jardim de Ali-Babá, trepa ao muro donde passa a outros jardins, saltando muros até poder salvar-se estando fora do alcance.

Quando Morgiana não ouviu o mais pequeno ruído, e não viu voltar o capitão, depois de o esperar por algum tempo, não duvidou do partido que ele tomara, fugindo pelo jardim, pois que a porta da casa estava fechada com segurança. Satisfeita pelo bom resultado da sua empresa e vendo que ficava a casa livre de perigo, foi deitar-se mui sossegadamente.

Antes de amanhecer saíu Ali-Babá para ir ao banho, acompanhado pelo seu escravo, ambos não sabendo nem suspeitando nada do que acontecera, porque Morgiana não julgava a propósito revelar-lhe coisa alguma antes do tempo e porque o perigo já passára, reservando-se para mais tarde.

Voltou Ali-Babá do banho, era já dia claro, e entrando no pátio admirou-se por ver ainda os odres no mesmo lugar; perguntou a Morgiana se sabia a razão porque o negociante não fora ao mercado vender o azeite, como dissera na véspera. A escrava, porém, querendo mostrar-lhe a vida e a fortuna, apenas respondeu:

— Meu bom amo, que Deus vos conserve a vida e a de toda a vossa família. Sabereis melhor o que

desejais, se quizerdes vêr o que vou mostrar-vos; tende o incómodo de acompanhar-me.

Ali-Bábá seguiu Morgiana, a qual aproximando-o a um dos ôdres, disse-lhe:

— Espreitai para dentro deste ôdre, e vêde a qualidade de azeite que contém.

Ali-Bábá olhando, e vendo dentro do ôdre um homem, recuou dando um grande grito.

— Não tendes que temer, disse Morgiana, o homem que ali vêdes não vos fará mal, nem a vós, nem a pessoa alguma.

— Morgiana! exclamou Ali-Bábá, que quer dizer tudo isto? Explica-te...

— Eu vos explicarei, respondeu a escrava, moderai primeiro o vosso espanto, para que os visinhos não saibam o que se passou: é muito perigoso o caso se vierem a sabê-lo. Ide entretanto examinar os outros ôdres.

Ali-Bábá foi vêr um a um os ôdres, até ao último que tinha azeite, notando contudo a falta que nele já havia. Ficou imóvel no meio do pátio, calado, ora olhando para Morgiana, ora para os ôdres, tal era o estado de surpresa em que se achava.

Finalmente, como se recuperasse de repente a fala, disse para Morgiana:

— E o mercador onde está?

— O mercador, respondeu Morgiana, é tanto mercador como eu sou. Dir-vos-hei também quem é e o que foi feito dele. Porém ouvireis mais comodamente toda a história no nosso quarto; e mesmo é necessário que ali tomeis o caldo que aprontei, que tão util se torna para a vossa saúde.

Enquanto Ali-Bábá se dirigia ao seu quarto, foi Morgiana, buscar á cosinha o caldo, trazendo-lhe; antes de o tomar disse-lhe:

— Agora, Morgiana, é ocasião de satisfazeres a minha curiosidade, contando os acontecimentos que houve em minha casa durante a noite que passou.

Morgiana, obedecendo á ordem de seu amo, narrou todos os acontecimentos da véspera, e que atraz descrevemos.

...e no primeiro ôdre vasa uma porção de azeite

Tendo Morgiana acabado de historiar tudo, Ali-Bábá, comovido pela grande obrigação de que lhe era devedor, respondeu;

— Não morrerei sem ter recompensado o teu zelo, como ele merece. Devo-te a vida. Principiarei, para mostrar o meu reconhecimento, dando-te desde já a liberdade; e prometo beneficiar-te depois generosamente. Estou, como tu, convencido que os quarenta ladrões da floresta foram os autores da cilada de que me salvaste com a ajuda de Deus; espero que continuará a proteger-me contra eles, e que depois de afastado o perigo de sobre a minha cabeça, livrará também o mundo da perseguição, desses malvados. O que devemos fazer, quanto antes,

é enterrar os corpos dessas fezes do género humano, com toda a cautela e segredo, para que ninguém sonhe qual foi o seu destino; eu e Abdalla vamos imediatamente tratar disso.

O jardim de Ali-Bábá era bastante comprido, e terminava por uma alameda de árvores colossais. Dirigiu-se ali com o seu escravo, e começaram a abrir uma larga vala para enterrarem os trinta e sete corpos.

O terreno estava apto para ser escavado por isso o trabalho não levou muito tempo a estar concluído. Foram depois aos ôdres, tiraram deles os corpos, pondo de parte as armas de que cada ladrão fôra munido, levaram-os até á vala, onde os depositaram e cobriram com a terra tirada dali. Ali-Bábá escondeu cuidadosamente os ôdres e as armas; quanto aos machos, dos quais não tinha precisão, mandou por várias vezes vendê-los no mercado por Abdalla.

Enquanto Ali-Bábá tomava tais medidas para evitar que alguém descobrisse os meios por que se tornára rico em tão pouco tempo, ía o capitão dos quarenta ladrões a caminho da floresta, embrenhado nos mais tristes pensamentos, parecendo-lhe talvez um sonho tudo o que se passára naqueles últimos dias; e neste estado de confusão e abatimento achou-se dentro da gruta, sem saber como, e sem ter projectado qualquer meio de vingança contra Ali-Bábá. A solidão em que se achava naquela sombria morada causava-lhe pavôr.

— Valentes amigos, exclamou, companheiros das minhas vigílias, das minhas correrias e dos meus trabalhos, onde estais? e que sou eu sem vós? Reuni-vos a mim, gente escolhida, para eu ser causa da vossa morte, por uma aventura fatal e tão indigna da vossa coragem! Não lamentaria a vossa má sorte se houvesseis perecido de sabre em punho, como bravos que ereis! Quando terei outro grupo

de homens tão corajosos como vós? E se o tivesse, como impediria que tanto ouro, tanta prata e tantas riquezas estivessem á mercê daquele que já enriqueceu com parte delas? Não posso nem devo pensar nisso, sem primeiro tirar a vida a esse homem. Ah! o que não pude fazer com o auxílio tão poderoso, fazê-lo-ei sósinho, e quando tiver a certeza de que este tesouro não está exposto á pilhagem, então trabalharei para que não fique sem sucessores, para que o aumentem na posteridade.

Tomada esta resolução, contra a qual não via razões ou motivos que podessem opôr-se, o capitão cheio de esperança e com o espírito tranquilo, deitou-se e adormeceu. No dia seguinte, o capitão dos salteadores ergueu-se muito cedo, como formára tenção na véspera, vestiu um fato próprio para os intentos que meditára, caminhou para a cidade, alojou-se numa hospedaria, e pensando que se houvesse divulgado o caso sucedido em casa Ali-Bábá, perguntou ao hospedeiro se havia alguma coisa de novo pela cidade. Aquele, porém, respondeu-lhe a respeito de outros casos que nada lhe interessavam. Supôz logo qual a razão porque Ali-Bábá guardaria todo o segrêdo: não lhe convinha saber-se do conhecimento que tinha do tesouro, nem da maneira para entrar nele, sendo por tal motivo que intentavam tirar-lhe a vida. Isto mais animava o capitão a nada recusar para se desfazer do seu inimigo e juntamente inutilizar o segrêdo.

O chefe dos salteadores comprou então um cavalo para o serviço de conduzir ao seu aposento diversas qualidades de estofos e tapeçarias, indo repetidas vezes á floresta, com as maiores precauções, para ocultar o lugar aonde ía buscá-las. Para dar extracção ás fazendas, depois de ter reunido quantas julgou necessárias, procurou uma loja, e depois de alugá-la, guarneceu-a, estabelecendo-se ali definitivamente. Quiz o acaso que essa loja fôsse

fronteira á que pertencera a Cassim, ocupada havia muito tempo pelo filho de Ali-Bábá.

O capitão dos ladrões, que tomára o nome de Cogia Houssan, na qualidade de negociante novo no bairro, foi logo cumprimentar e oferecer os seus serviços aos lojistas mais antigos. De todos o que mais lhe agradou foi o filho de Ali-Bábá. Era um rapaz agradável com bastante espírito, com quem muitas vezes conversava, e tomaram em pouco tempo um pelo outro entranhada amizade, passando juntos grande parte do dia, ora na loja de um, ora na do outro. Aconteceu num desses dias que, estando Cogia Houssan na loja do seu amigo, entrou Ali-Bábá que vinha vêr seu filho, com quem se entreteve conversando por largo tempo, como era de costume quando o visitava: quando Ali-Bábá saíu, o filho disse ao amigo que aquele homem era seu pai. Dali em diante o falso Cogia Houssan redobrou de assiduidade em casa do filho de Ali-Bábá, estreitando, se mais era possível, os laços da amizade com o jovem mercador convidando-o repetidas vezes para jantar em sua casa.

Ao filho de Ali-Bábá já era pesado na consciência não retribuir ao amigo tantos obsequios que recebia: pensou em convidá-lo um dia para cear, porém sendo a sua habitação muito insuficiente para receber visitas, e muito menos para as banquetear falou a seu pai dêsse desejo.

Ali-Bábá encarregou-se com o maior prazer de satisfazer a vontade do filho:

— Amanhã é sexta-feira, dia em que os mercadores de maior trato, como e Cogia Houssan, costumam ter fechadas todas as suas lojas; sáiam ambos, a passeio, e á volta encaminha-o para minha casa, convida-o a entrar, e depois de lá estar oferece-lhe a ceia, teimando para que a aceite: pela minha parte darei ordem a Margiana para que tenha o banquete preparado a horas próprias.

No seguinte dia, o filho de Ali-Bábá reuniu-se com o seu amigo pouco depois da hora de jantar, e foram passear. Quando regressavam, o mancebo conduziu Cogia pela rua onde habitava Ali-Bábá, e chegando á porta da casa do pai, parou e bateu dizendo:

— É aqui a morada de meu pai, o qual, sabendo da sincera amizade que há entre nós e de quantos favores vos sou devedor, deseja ter o gosto de conhecer-vos, pelo que me pediu que vos conduzisse a esta casa.

Posto que tivesse Cogia Houssan chegado ao fim dos seus desejos, que eram introduzir-se em casa de Ali-Bábá, para matá-lo sem risco nem alarme, não deixou por isso de afectar-se que não queria utilizar-se do convite, despedindo-se do mancebo; mas o escravo de Ali-Bábá abrira a porta, e o filho daquele, tomando o braço do capitão, quasi á força o levou pela escada.

Ali-Bábá recebeu aquela visita com todas as demonstrações de jubilo e cortezia, agradecendo-lhe as atenções e obséquios que dispensára a seu filho. Cogia correspondeu com outro cumprimento em que, para lisongear o ânimo do pai, exaltou grandemente os merecimentos do filho.

Depois de alguma conversação sobre diferentes assuntos, Cogia ia a despedir-se, mas Ali-Bábá, detendo-se disse:

— Não consentirei, senhor, que vos retireis tão cêdo, desejo receber a honra de assistirdes á minha ceia. Não terei o gosto de obsequiar-vos como mereceis, contudo espero que me fareis a honra que solicito.

— Senhor, respondeu Cogia, estou plenamente convencido do vosso bom coração, e por isso espero merecer-vos o favor de me permitir que me retire; mas não penseis que assim o deseje, por qualquer causa de despeito ou menos consideração para con-

vosco; não! Sou a isso obrigado por uma razão bastante poderosa.

— E que razão poderá ser essa, consenti que vos pergunte, replicou Ali-Bábá.

— Dir-vo-la-ei, disse Cogia Houssan. Sabeis, pois, que não posso comer carne nem guisados que tenham levado sal. Portanto julgai qual seria a minha abstinência na vossa mesa.

— Se não tendes mais que essa razão, não será ela que me prive do prazer de cear na vossa companhia, insistiu Ali-Bábá; em primeiro lugar, o pão que se come em minha casa nunca leva sal, e pelo que respeita á carne ou a outros guisados, estou a tempo de prevenir a minha cozinheira. Tende a bondade de ficar; eu vou dar algumas ordens e no espaço de poucos minutos volto aqui.

Ali-Bábá foi á cozinha, e deu as suas ordens a Morgiana, relativamente a não deitar sal na comida. A rapariga, que tinha os guizados quasi prontos, admirou-se desta ordem, e respondeu que tinha de preparar outros, porque os feitos estavam já temperados de sal.

— Quem é esse homem, exclamou a escrava, que não gosta de comida com sal? A vossa ceia, senhor, ficará a coisa pior do mundo.

— Não te importes, respondeu o amo; faze o que te ordeno. Trata-se de obsequiar um honrado negociante a quem eu e meu filho devemos especiais favores.

Morgiana tratou de obedecer, posto que com bem má vontade, mas ficou com grandes desejos de vêr o homem que não gostava de sal. Quando a ceia estava pronta, e Abdalla tinha preparado a mesa, quiz Morgiana levar os pratos, para conseguir o intento de vêr o homem. Mal o encarou, reconheceu-o logo pelo capitão dos ladrões que tinham vindo nos ôdres; mirou-o com toda a atenção e viu-lhe meio escondido no cinto um grande punhal.

— Já não me admiro, disse a si mesma, que este malvado não queira comer sal com meu amo, é seu inimigo feroz, e vem para o assassinar; não importa, eu lhe porei os impedimentos.

Quando acabou de servir á mesa, a escrava retirou-se para ir tratar dos preparativos para uma acção das mais audaciosas que podia imaginar-se; terminava justamente quando Abdalla veiu dizer-lhe que era tempo de levar a sobremesa. Foi ela quem quiz fazer esse serviço. Depois colocou ao lado de Ali-Bábá uma pequena mesa e sobre ela três taças para serviço dos magnificos vinhos que também para ali trouxe; saíndo da sala, chamou Abdalla, bem para dar a entender que iam ambos cear, e deixavam ao amo a liberdade de se entender conversando com o seu hospede, ao mesmo tempo que saboreavam o vinho.

Então, o falso Cogia Houssan, ou para melhor dizer, o capitão dos ladrões, pensou que era chegada a ocasião favorável para matar Ali-Bábá, e fez consigo o seguinte raciocínio:

— É preciso embebedar o pai e filho; este, a quem não pretendo tirar a vida, em tal estado não poderá opôr-se a que eu crave no coração do pai o meu punhal; depois saltando para o jardim, salvar-me-ei como da outra vez, enquanto que o escravo e a escrava estarão a cear, ou já a dormir.

Em vez de cear, Morgiana, que advinhára a intenção do falso Cogia Houssan, não quiz dar tempo para a execução do seu malvado projecto. Foi vestir um bonito fato de dançarina, toucou-se convenientemente, cingiu-se com um cinto de prata dourada, ao qual juntou um belo punhal, cuja baínha era metal irmão da folha, e escondeu o rosto sob uma delicada máscara. Assim preparada disse ao escravo:

— Abdalla, toma o bandolim e vamos divertir um bocado o hospede do nosso amo e amigo de seu

filho, como de outras vezes temos feito, estando ele só.

— Abdalla pegou no bandolim e começou a tocar e caminhando diante de Morgiana, entrou na sala. Morgiana chegando á porta fez uma graciosa cortezia, ostentando o seu belo talhe, para se tornar notável, ao mesmo tempo que dava a entender que desejava mostrar a sua habilidade

Vendo Abdalla que Ali-Bábá queria falar, parou de tocar.

— Entra Morgiana, entra, Cogia Houssan apreciará a tua habilidade e dará o seu parecer. E voltando-se para o hospede, acrescentou: Não penseis, meu amigo, que com este divertimento faço a menor despesa. É costume o meu escravo e a minha cosinheira proporcionarem-me este passatempo, que espero não vos desagradará.

Cogia Houssan, não esperando que Ali-Bábá ajuntasse á ceia aquele importuno divertimento, ficou totalmente contrariado, vendo que não podia aproveitar a ocasião para realizar o seu malvado intento. Mas pensou que se lhe falhava desta vez o plano, continuando a sustentar a amizade de Ali-Bábá e de seu filho, apareciam outras ocasiões favoráveis. Portanto em lugar de mostrar o desgosto que lhe causava o divertimento, teve ao contrário de mostrar-se muito satisfeito com ele, e até de o agradecer.

Logo que Abdalla viu que Ali-Bábá e o seu hospede tinham acabado de conversar, começou a cantar acompanhando-se com o bandolim, e Morgiana que não ficáva atrás em habilidade a qualquer dançarina de profissão, dançava de modo agradável.

Depois de haver executado diferentes passos, tirou do cinto o punhal, e com ele na mão direita executava diferentes posições, ora fingindo ferir alguém, ora simulando enterrá-lo no próprio peito,

isto com movimentos ligeirissimos, saltos admiráveis e posições encantadoras.

Parecendo já cansada, tirou o bandolim das mãos de Abdalla e foi com muita graça e gentileza apresentá-lo a Ali-Bábá, como fazem as dançarinas de profissão solicitando a liberalidade dos espectadores.

...tirou do cinto o punhal, e com ele na mão direita executava diferentes posições

Ali-Bábá deitou uma peça de ouro sobre o bandolim. Morgiana dirigiu-se ao filho do amo, o qual deu outra peça. Cogia Houssan esperando que ela se lhe dirigisse também, foi tirando do seio a sua bolsa, e metia-lhe os dedos dentro, no momento em que Morgiana com uma das mãos lhe apresenta o bandolim e com a outra lhe embebe o punhal no peito, atravessando-lhe o coração, com uma coragem e firmeza digna de um homem esforçado.

Ali-Bábá e o filho, espantados pela acção, saltaram ao mesmo tempo um grito estridente.

— Desgraçada! exclamaram, que fizeste! Perdeste-me e a toda a nossa família!

— Não foi para perder-vos, mas para salvar-vos que fiz isto, respondeu sobranceiramente a fiel escrava.

E abrindo no peito o vestido do falso mercador, mostrou a seus amos o punhal que ali trazia quasi oculto.

— Vêde, acrescentou ela, em que mãos de amigos estáveis metidos, reparai bem nesta cara e dizei-me se não reconheceis o falso mercador de azeite que pernoitou aqui, ou para melhor dizer, do capitão dos quarenta ladrões. Não vos lembrais também de que não quiz comer sal convosco? Quereis mais para vos convencer dos seus intentos malvados? Antes que eu o visse, já tinha tido mau pressentimento àcerca de semelhante hóspede. E finalmente, como acabais de ver, o meu pressentimento não foi infundado.

Ali-Babá, vendo a nova obrigação em que ficava devedor a Morgiana, porque pela segunda vez lhe salvara a vida, abraçou-a dizendo:

— Já te dei a liberdade, e nessa ocasião prometi que o meu inteiro reconhecimento não se demoraria muito. Chegou o momento, e quero chamar-te daqui em diante minha filha.

E voltando-se para o filho acrescentou:

— Meu filho, tenho-vos por tão bom homem, que me parece não levareis a mal que escolhesse Morgiana para vossa esposa, sem primeiro consultar-vos. Não lhe deveis menos obrigações do que eu. Percebeste que o falso Cogia Houssan não procurou a vossa amisade senão para mais breve se aproximar de mim e assassinar-me; se o tivesse conseguido, é certo que também não vos pouparia à sua vingança. Deveis pensar que desposando Morgiana, ides unir a vossa sorte à salvadora da

nossa família, e será o sustentáculo da minha vida como depois o apoio da vossa até ao fim.

O filho de Ali-Babá, longe de mostrar descontentamento por aquele enlace, significou quanto lhe agradava, não só por obedecer a seu pai, mas porque também tinha bastante inclinação para Morgiana.

Em seguida tratou-se de enterrar o corpo do capitão na mesma vala onde estavam aqueles que tinham sido seus camaradas, mas com tanta cautela e segredo, que só depois de muitos anos foi que se soube alguma coisa de todos estes factos, quando já não existia pessoa alguma que podesse ser comprometida.

Poucos dias depois Ali-Babá, celebrou o casamento de seu filho com Morgiana, havendo sumptuoso banquete, acompanhado de danças, iluminações e outros divertimentos do costume; tendo a satisfação de ver que os seus parentes e amigos, não tendo conhecimento dos motivos que deram origem àquele casamento, ainda assim o aprovaram pelas excelentes qualidades de Morgiana, a quem todos estimavam muito.

Ali-Babá abstivera-se de voltar à gruta dos ladrões, desde que dali trouxera o corpo de seu irmão, em um dos jumentos, e nos dois a quantidade de ouro que pudera, porque temia ser surpreendido pelos dois que supunha viverem ainda. Mas ao fim de um ano, vendo que ninguém daquela gente o inquietára mais, teve desejos de fazer uma nova viagem à gruta, indo porém com toda a cautela e segurança. Montou a cavalo, e chegando perto da gruta estava satisfeito por não ter encontrado por ali vestígios de gente nem cavalos. Apeou-se prendeu o cavalo a uma árvore, e estando em frente da porta disse as palavras: «Sesamo, abre-te» que nunca esquecera. A porta abriu-se, e pelo modo por que achou todas as coisas dispostas,

convenceu-se que ninguém tinha ali entrado desde que o capitão viera estabelecer loja de mercador na cidade, e portanto que toda a quadrilha dos quarenta ladrões estava extinta; e tinha a certeza que só ele no mundo possuia o segredo para ali entrar, e por isso tudo quanto lá havia considerava seu. Como tinha levado consigo uma grande mala, trouxe-a tão cheia de ouro, que muito custou ao cavalo conduzi-la até à cidade.

Passados tempos, Ali-Babá levou seu filho à gruta e ensinou-lhe o segredo para abrir a porta. Pai e filho aproveitando com moderação aquela fortuna, gosaram o resto dos seus dias, vivendo com grande esplendor, e honrados com a estima das primeiras dignidades da cidade. O segredo dos quarenta ladrões passou em legados à descendência do filho de Ali-Babá».

Acabando a sultana Scheherezada de contar esta história, e vendo que não raiára ainda o dia, principiou a seguinte:

História de Aladim e a sua lâmpada

Na capital dum reino da China vivia, há muitos anos, a viúva dum alfaiate chamado Mustafá.

Esta viúva tinha um filho que lhe dava muitos desgostos. Chamava-se Aladim, passava os dias a brincar na rua com os outros garotos e assim chegara à idade de quinze anos sem ter frequentado nenhuma escola e sem haver aprendido nenhum ofício.

Um dia encontrava-se, como de costume, na rua, no meio dum grupo de pequenos vagabundos, quando um estrangeiro que por ali passava, se quedou a olhá-lo atentamente. Era um mágico célebre, oriundo da Africa.

Depois de ter contemplado Aladim durante muito tempo, informou-se junto dele àcerca da família e de tudo o que lhe dizia respeito, lisongeou-o, amimou-o de tal maneira que em breve alcançou a inteira confiança de Aladim.

Fez-se então passar por um irmão de Mustafá, havia muito considerado morto pela família; e com tal habilidade se houve que, não só o pequeno mas até a mãe acreditou nas suas falsas declarações. Prometeu ocupar-se de Aladim como se fora seu próprio filho, vestiu-o como um príncipe e durante alguns dias passeou com ele pelas ruas da cidade.

Passada uma semana, o mágico propôs ao seu pretenso sobrinho um passeio ao campo. Levou-o sucessivamente a ver magníficos palácios, jardins admiráveis e, pouco a pouco, foi-o conduzindo para longe dos sítios habitados, até chegarem a um vale profundo.

Ali pararam e o mágico ordenou a Aladim que juntasse alguns cavacos; lançou-lhes fogo e um pouco de essência que levava para esse fim. Imediatamente se ergueu no ar um fumo muito espesso que o mágico espalhou com a mão, pronunciando palavras mágicas, das quais Aladim nada compreendeu.

No mesmo instante, a terra tremeu um pouco e deixou a descoberto uma pedra grande colocada horizontalmente no chão e com uma argola de bronze cravada no meio.

— Fica sabendo, disse o mágico a Aladim, que debaixo desta pedra existe escondido um enorme tesouro, que te é destinado e te tornará um dia, mais rico que os maiores reis da terra. Mas para isso, é preciso que executes à risca tudo o que vou dizer-te.

— Muito bem, meu tio, ordene; estou pronto a obedecer-lhe.

— Anda cá, pega nesta argola e levanta a pedra.

— Mas, meu tío, não tenho força bastante para poder levantá-la, se pudesse ajudar-me...

— Pega na argola e pronuncia o nome de teu pai e de teu avô; verás que ela se erguerá sem dificuldade.

Aladim fez como lhe ordenara o mágico e fàcilmente pôde levantar a pedra.

Logo que retirou esta, apareceu um buraco de três ou quatro pés de profundidade, tendo ao fundo uma pequena porta.

— Meu filho, disse então o magico africano a Aladim, repara bem no que te vou dizer e segue à risca as minhas instruções:

Desces ao subterrâneo e abres a porta: encontrarás três grandes salões que deves atravessar sem parar. No fim da terceira sala verás uma outra que te conduzirá a um jardim terminado por um terraço. Nesse terraço verás diante de ti um nicho e no nicho uma lâmpada acesa. Pega nela, apaga-a, deita fora a torcida e o azeite, mete-a no peito e traze-ma.

Aladim pôde levantar a pedra...

Se te apetecerem os frutos do jardim, podes colher quantos quiseres.

Quando acabou de falar, o mágico tirou do dedo um anel, meteu-o num dos dedos de Aladim, disse-

Que queres? Eis-me pronto a obedecer-te...

lhe que aquele anel o preservaria de tudo o que pudesse acontecer-lhe de mal, desde que cumprisse, sem uma falha, as suas prescrições.

Aladim saltou ligeiro para dentro do subterrâneo, desceu os degraus abriu a porta e, depois de executar as ordens do pretenso tio, quedou-se no jardim a olhar para os frutos que, de passagem mal tivera tido tempo de ver.

As árvores dêsse jardim estavam carregadas de frutos extraordinários.

Cada uma tinha-os de côr diferente: havia-os brancos, havia-os transparentes como o cristal, vermelhos, como morangos, verdes, azuis e lilazes; amarelos e brilhantes como pequenos sóis e de muitas outras cores.

Os brancos eram pérolas, os transparentes diamantes, os vermelhos rubis, os verdes esmeraldas, os azuis safiras, os violetas ametistas, os amarelos turquesas e assim por diante. E estes frutos eram dum tamanho e duma perfeição tais como se não vira ainda no mundo.

Aladim, longe de reconhecer o seu imenso valor, julgou que eram de vidro colorido. Contudo achou-os tão belos que teve desejos de levar de todas as qualidades. Encheu as algibeiras, o cinto, e meteu-os nas costas e no peito, entre a camisa e a blusa.

Quando por fim apareceu à saída do subterrâneo, Aladim percebeu que o mágico o esperava cheio de impaciência.

— Meu tio, dê-me a sua mão, para me ajudar a subir, se faz favor.

O mágico porém respondeu:

— Dá-me primeiro a lâmpada que pode embaraçar-te na subida.

— Perdão, meu tio, não me embaraça nada; dar-lha-ei lá em cima.

O mágico teimou em querer que Aladim lhe desse a lâmpada, antes de o ajudar a saír do subterrâneo e Aladim, que tinha misturado a lâmpada com os frutos de que estava atafulhado por todos

...voltou carregado com um grande tabuleiro...

os lados, recusou-se terminantemente a dar-lha sem ter saído do subterrâneo.

Então o mágico africano entregou-se a furiosa

cólera; deitou um pouco de perfume no lume, que tivera o cuidado de conservar aceso e pronunciou algumas palavras mágicas. Imediatamente a pedra que servia para fechar a entrada do subterrâneo foi, por si mesma, colocar-se no seu lugar e a terra cobriu-a, ficando tudo como estava à chegada do mágico e de Aladim.

Amedrontado com o que fizera num movimento de cólera, o mágico fugiu e, sem voltar pela cidade, partiu para África.

Aladim ficou dois dias no subterrâneo sem comer nem beber; por fim no terceiro dia, enfrentando a morte inevitável, ergueu as mãos juntas e com inteira resignação à vontade de Deus exclamou:

— Só Deus é verdadeiramente grande e poderoso!

Ao juntar as mãos porém esfregou, sem querer o anel que o mágico africano lhe tinha metido no dedo e cuja virtude ainda não conhecia.

Sùbitamente um génio, de enorme estatura e medonho olhar, se ergueu diante dele como vindo das profundezas da terra. A cabeça tocava na abóbada do subterrâneo. Então fitando Aladim, disse estas palavras:

— Que queres? Eis-me pronto a obedecer-te como teu escravo, e escravo de todos aqueles que possuirem o anel. Eu e todos os escravos do anel.

Em qualquer outra ocasião, Aladim, que nunca vira semelhantes aparições, teria ficado trânzido de medo e teria perdido o uso da palavra à vista duma figura tão extraordinária, mas, preocupado ùnicamente com o perigo presente, respondeu sem hesitar:

— Sejas quem fores, tira-me daqui para fora, se tens esse poder.

Mal acabára de pronunciar estas palavras, a terra abriu-se e ele encontrou-se fora do subterrâneo, no lugar onde o mágico o tinha trazido. Logo

que se viu livre, quando já perdera toda a esperança, Aladim, morto de fome, arrastou-se até à cidade e entrou em casa da mãe que o julgava perdido para sempre.

Quando a boa mulher o reanimou, dando-lhe alguma coisa de comer, pediu que lhe contasse as aventuras daqueles amargurados dias, o que Aladim fez minuciosamente, insistindo sobre a maldade e a traição do mágico. Depois, ambos admiraram, sem compreender o valor, os frutos que Aladim trouxera. Pelo que respeita à lâmpada não lhes ligaram grande importância de momento, e a mãe de Aladim, pô-la a um canto, disposta a limpá-la mais tarde. No dia seguinte, foi buscá-la com efeito e dispôs-se a limpá-la com um pouco de água e areia fina. Mal começára porém a esfregá-la, surgiu diante dela e de Aladim um génio medonho, de estatura gigantesca que lhe disse com voz de trovão:

...passasse para ir ao banho

Que queres? Eis-me pronto a obedecer-te, como teu escravo, e escravo de todos aqueles que possuem a lâmpada. Eu, e todos os outros escravos da lâmpada.

A mãe de Aladim não lhe pôde responder. Fôra-lhe impossível suportar a visão do terrível

génio; e o mêdo de tal modo se apoderára dela, que ás primeiras palavras do génio, desmaiára.

Aladim porém que já tinha visto no subterrâneo uma aparição semelhante, sem perder tempo, apoderou-se prontamente da lâmpada e respondeu pela mãe, em tom firme:

— Tenho fome: traze-me de comer.

O génio desapareceu e, um instante depois, voltou carregado com um grande tabuleiro de prata com doze pratos do mesmo metal, cheios de excelentes iguarias, seis pães brancos e duas garrafas de delicioso vinho. Pousou tudo em cima duma mesa e desapareceu.

Aladim ocupou-se então em reanimar a mãe que voltou finalmente a si, ficando estupefacta diante do banquete trazido pelo génio. Entretanto os dois sentaram-se à mesa e fizeram grandes honras à refeição.

Depois de terem bebido e comido com apetite, tiveram ainda bastante com que regalar-se no dia seguinte.

Viveram em seguida durante uns poucos de meses com o produto da venda dos doze pratos e do tabuleiro de prata.

Esgotado este recurso, novamente Aladim recorreu à lâmpada e ao génio que o serviu com a mesma prontidão. E assim se manteve a casa, sem dificuldades, até que Aladim se tornou um homem.

Durante esse tempo, Aladim mudara completamente a sua maneira de viver. Deixou de brincar com os garotos da rua, convivendo de preferência, com os negociantes e banqueiros.

Assim adquirira conhecimentos que até então desdenhara e soube, junto dos ourives da cidade, que os frutos que colhera no jardim subterrâneo, e que julgara serem de vidro colorido, eram pedras preciosas de incalculável valor.

Teve o bom senso de não falar disto a ninguém,

nem mesmo a sua mãe. E foi sem dúvida o seu silêncio que o ajudou a alcançar a alta situação que, como veremos, conseguiu obter. Um dia, quando passeava nas ruas da cidade, Aladim ouviu os arautos do sultão proclamarem em alta voz uma ordem do soberano. Mandava esta proclamação que se cerrassem todas as lojas e que toda a gente recolhesse a casa, fechando portas e janelas durante o tempo em que a princesa Badrulbadur, filha do sultão, passasse para ir ao banho e de lá voltasse.

Esta ordem fez nascer em Aladim o desejo de ver a princesa sem o véu.

Para satisfazer a sua curiosidade, lançou mão de um processo que deu os resultados desejados. Foi postar-se atrás da porta do balneário, de maneira a poder ver o rosto da princesa. Não esperou muito tempo. A princesa apareceu e Aladim pôde vê-la, sem ser visto, através a fenda da porta. Quando a princesa estava a uns quatro passos de distância, tirou o véu que lhe cobria o rosto e que muito a incomodava.

...o cortejo dos escravos

Desta maneira, pôde Aladim contemplá-la à vontade, tanto mais que ela caminhava em sua direcção.

A princesa era a mais linda morena que se pode imaginar. Não é, pois, para admirar que Aladim ficasse maravilhado e fora de si, à vista de uma tão formosa mulher.

Ao voltar para casa não pôde esconder a sua perturbação e a mãe inquieta crivou-o de perguntas. Durante muito tempo hesitou em responder-lhe, mas acabou, finalmente, por confessar-lhe o amor que concebera pela princesa, acrescentando que nunca teria repouso enquanto não obtivesse a sua mão.

Grande foi a surpresa da mãe de Aladim que tentou em vão, fazer compreender ao filho a loucura das suas esperanças. Aladim nada quiz ouvir e tanto insistiu junto da pobre mulher que obteve dela a promessa de se apresentar diante do sultão a quem ela levaria de presente os frutos que trouxera do subterrâneo encantado e a quem pediria para ele, seu filho, a mão da princesa Badrulbadur. Durante uma semana, a mãe de Aladim apresentou-se todos os dias no palácio, pedindo audiência ao sultão. Levou-lhe num prato de porcelana, as magníficas pedras preciosas cobertas com um pano de linho. O sultão acabou por notá-la e ordenou que a mandassem avançar até junto do trono.

A boa mulher posternou-se, tocando com a cabeça no tapete que cobria os degraus do trono e assim permaneceu até que o sultão lhe ordenou que se erguesse. Levantou-se então e esperou que o sultão lhe dirigisse a palavra.

— Boa mulher, há muito tempo que vos vejo vir à minha audiência. O que vos trás aqui?

A mãe de Aladim posternou-se uma segunda vez, depois de ter ouvido estas palavras e quando se ergueu novamente, pediu primeiro a graça de falar em particular ao sultão e ao grão vizir, o que bondosamente lhe foi concedido.

Um pouco mais tranquilizada a boa mulher

expôs a louca pretenção do filho, entregando ao mesmo tempo o prato de porcelana que colocara diante do trono, e descobrindo-o diante do sultão.

Não se pode descrever a admiração e o espanto

... num instante o génio o transportou para lá.

do sultão à vista daquelas maravilhosas pedrarias dum tamanho tal como nunca vira.

Depois de se refazer da surpresa, aceitou o presente das mãos da mãe de Aladim, exclamando num grande transporte de alegria:

— Ah! que belesa! Como tudo isto é rico!

Depois de ter admirado, apalpado e revirado todas as pedras, voltou-se para o grão-vizir e disse-lhe, apontando o prato de porcelana:

— Confessai que não pode haver no mundo nada mais rico nem mais belo.

O vizir estava encantado.

— Então — preguntou o sultão — que me dizes de um tal presente?

Não é digno da princesa minha filha e não poderei dar a sua mão a quem me proporciona o prazer de possuir estas maravilhosas pedras?

O vizir, no entanto, aconselhava o seu amo e senhor a maior prudência e reflexão. O conselho agradou ao sultão que assim disse à mãe de Aladim:

— Ide para casa, boa mulher, e dizei a vosso filho que tomei em boa conta a sua proposta, mas não posso casar a princesa, minha filha, sem a alojar convenientemente o que não levará menos de três meses a fazê-lo. Vinde, pois, logo que este espaço de tempo haja passado.

A mãe de Aladim voltou para casa, contando radiante ao filho o que se havia passado.

Aladim supôs-se o mais venturoso dos mortais. Agradeceu à mãe todos os trabalhos que tivera por causa deste assunto, de cujo feliz sucesso dependia a sua sorte e, na extrema impaciência em que vivia, os três meses, pareciam-lhe três séculos.

Passados estes, finalmente a mãe de Aladim dirigiu-se ao palácio e aí se apresentou na sala das audiências. O sultão mal a viu lembrou-se da sua promessa e dirigindo-se ao grão-vizir disse-lhe:

— Ali está aquela boa mulher que nos deu o maravilhoso presente de pedrarias raras. Fazei-a aproximar-se do trono e depois continuaremos a tratar do assunto de que nos ocupávamos.

O grão-vizir mandou avançar a mãe de Aladim, o que ela fez com certa impaciência. Saudou com todo o respeito o sultão depois, ergueu-se e esperou como lhe competia, que o soberano lhe dirigisse a palavra:

O sultão perguntou-lhe o que desejava.

— Senhor — respondeu a mãe de Aladim — aqui estou diante do trono de Vossa Majestade, para vos dizer, em nome de meu filho, que já decorreram os três meses que Vossa Majestade marcou para dar cumprimento à vossa palavra e ao desejo do meu filho.

O grão-vizir não hesitou a dizer ao sultão o que, sobre o assunto, pensava.

— Senhor, parece-me que há um meio de iludir um casamento de tal forma desproporcionado, sem que Aladim vos possa arguir de faltar à vossa palavra: bastará para isso exigirmos desse rapaz um preço de tal modo exorbitante que ele não possa de forma alguma atingi-lo.

O sultão aprovou a astuciosa ideia do vizir e assim, voltando-se para a mãe de Aladim disse-lhe:

— Boa mulher, eu sei que os sultões não podem faltar à palavra dada. Estou pronto a cumprir a minha, mas para isso forçoso é dizer a vosso filho que não o poderei fazer sem que ele me envie quarenta bacias de ouro macisso, cheia de pedrarias iguais às que já me ofereceu. Estas bacias serão conduzidas por quarenta escravos negros e outros tantos escravos brancos, todos jovens, bem constituídos e ricamente vestidos. São estas as condições que eu exijo para lhe conceder a mão, da princesa minha filha. Ide, boa mulher e trazei-me a resposta sem demora.

Quando a mãe de Aladim levou esta resposta ao filho, este pegou na lâmpada e esfregou-a: no mesmo instante o génio apresentou-se diante dele e preguntou-lhe, nos termos já nossos conhecidos,

o que é que ele lhe queria. Aladim pediu-lhe que executasse as ordens do sultão e imediatamente estas foram cumpridas, não tardando que lhe aparecesse o genio com os quarenta escravos brancos e os quarenta escravos pretos, luxuosamente vestidos e portadores dos magnificos presentes que o sultão desejára.

A mãe de Aladim ao voltar do mercado ficou espantada diante de tais riquezas. Assim que se libertou das provisões que trazia, a boa mulher, quiz tirar o véu que lhe cobria o rosto, mas Aladim impediu-a de o fazer dizendo-lhe: Minha mãe, não há tempo a perder. Antes que o sultão deixe a sala de audiência é indispensável levar-lhe estes presentes que são o dote que eu ofereço à princesa Badrulbadur. O sultão verá desta maneira quanto eu fui diligente em cumprir as suas ordens e o meu zêlo ardente e sincero lhe demonstrará quanto sou digno da aliança por mim solicitada.

Sem esperar a resposta da mãe, Aladim, abriu a porta da rua. Fez desfilar diante dele o cortejo dos escravos portadores dos magnificos presentes, tendo o cuidado de alternar um escravo branco com outro negro. Logo que a mãe saiu, Aladim fechou a porta e ficou, cheio de esperança, aguardando no quarto a hora em que o sultão o achasse digno de ser seu genro.

A' vista de cortejo tão magnificente o povo da cidade olhava confuso e admirado. O próprio sultão não acreditava no que seus olhos viam.

—Então, vizir—volveu o sultão em público—que pensais daquele que me envia um presente tão rico e tão extraordinário? Crês ainda que ele seja indigno de desposar minha filha?

O sultão não julgou dever deferir para mais tarde o seu consentimento e em virtude das riquezas enviadas pelo seu futuro genro, não pensou mesmo em indagar se Aladim era ou não merece-

dor que se lhe confiasse a mão da princesa Badrulbadur. Voltou-se então para a mãe de Aladim com o melhor dos seus sorrisos e disse-lhe:

—Vá dizer a seu filho que o espero de braços abertos e quanto mais depressa vier melhor avaliarei da sua paixão pela princesa minha filha.

Com a ajuda da lâmpada e do génio, Aladim vestiu-se com luxuosas roupas e montado num magnífico cavalo, dirigiu-se ao palácio, seguido dum cortejo real, atirando com ouro às mãos cheias, ao povo que o aclamava na rua, tal como nunca o fizera a nenhum sultão.

Chegou finalmente ao palácio onde tudo estava preparado para o receber. Dirigiu-se à segunda porta e ao querer apear-se o chefe dos porteiros impediu-o de o fazer e acompanhou-o até à porta principal e daí à sala da audiência, onde o ajudou a desmontar. No entanto os porteiros abriam alas enquanto o seu chefe, dava a direita e o conduzia junto do trono.

Lâmpadas velhas por novas

Assim que o sultão avistou Aladim ficou não só admiradíssimo de o ver tão luxuosamente vestido, como também o surpreendeu a belesa varonil do moço pretendente e um certo ar de distinção, em absoluta oposição com a humildade do aspecto e de trajar com que, perante ele, se apresentara sempre a mãe de Aladim.

O seu espanto e a sua surpresa não o impedi-

ram, porém, de descer dois ou três degraus do trono a tempo de impedir Aladim de se ajoelhar a seus pés, apertando-o nos braços em verdadeira manifestação de amizade.

Após isto, Aladim ainda teimou em ajoelhar mas o sultão reteve-o pela mão e elevou-o até ao trono onde o obrigou a sentar a seu lado.

Fez-se imediatamente o contrato de casamento entre a princesa e Aladim.

O sultão preguntou-lhe se queria ficar no palácio até terminarem as cerimonias do casamento.

— Senhor, replicou Aladim, por muito impaciente que esteja de gosar plenamente as bondades de vossa majestade, suplico-vos que me deixeis primeiramente mandar construir um palácio para nele receber, condignamente, a princesa vossa filha.

Peço-vos, pois, que, para este efeito, me concedais um lugar conveniente, perto do vosso palácio, para estar mais perto de vós e da princesa minha noiva.

Tudo farei a fim de que o palácio fique pronto com a maior brevidade possível.

— Meu filho, respondeu o sultão, podeis construir onde vos aprouver e apoderar-vos do terreno que julgueis necessário: é tão vasto o espaço em redor do meu palácio, que eu próprio já tinha pensado em mandar fazer aí algumas construções; mas pensai que as obras do palácio vão retardar a vossa união com a minha filha, e que eu desejo ardentemente ver-vos unidos para meu descanso e alegria.

Ditas estas palavras, abraçou Aladim, que se despediu do sultão com a polidez com que o teria feito, se toda a sua vida houvesse vivido na côrte.

Montou, em seguida, a cavalo e voltou para casa, através a multidão que o aclamava em delírio e lhe desejava toda a espécie de bençãos e felicidades.

Logo que chegou à porta de casa, apeou-se ràpidamente, subiu a escada, e refugiou-se no quarto. Uma vez sósinho, foi buscar a lâmpada e esfregou-a como de costume, para chamar o génio.

Este apareceu imediatamente, oferecendo os seus serviços.

— Génio, disse Aladim, só tenho elogios a dirigir-te pela prontidão e minúcia com que, até agora, tens executado todos os meus desejos, pelo poder desta lâmpada de quem és escravo. Mas hoje o que tenho a pedir-te, exige de ti ainda mais zêlo e diligência se é possível.

Quero que, no menor espaço de tempo, faças construir, em frente do palácio do sultão mas a certa distância, um palácio digno de receber a linda princesa Badrulbadur, minha esposa, e que deve estar magnificamente mobilado e provido de todo o necessário. Deixo a teu gôsto a escolha dos materiais a empregar: pórfiro, jaspe, mármores preciosos, ágata. Deixo-te igualmente a liberdade de escolha na decoração interior; sòmente queria que o último andar do palácio fôsse ocupado a todo o comprimento por um grande salão abóbadado, cercado de cadeiras e bancos de ouro e prata macissa, dispostos alternadamente, e tendo vinte e quatro janelas, seis em cada face, e cujas gelósias, com excepção de uma só que quero propositadamente imperfeita, sejam incrustradas, com arte e simetria, de diamantes, rubis e esmeraldas de modo que não haja nada de semelhante em todo o mundo.

O sol acabava de esconder-se quando pronunciou as últimas palavras e o génio, encarregado da construção do palácio sonhado por Aladim, desapareceu.

Na manhã seguinte, mal Aladim, a quem o amor pela princesa não deixára dormir tranquilamente, se levantou, logo o génio lhe apareceu dizendo:

— Senhor, o palácio está pronto; vinde ver se está a vosso contento.

Como Aladim mostrasse desejo de ir vê-lo, num instante o génio o transportou para lá.

Era uma verdadeira maravilha e Aladim não se cansava de admirá-lo. Estava muito acima de tudo o que tinha podido imaginar.

Depois de ter examinado detidamente o interior do palácio, de baixo para cima, compartimento por compartimento, demorando-se especialmente a admirar o enorme salão das vinte e quatro janelas; e depois de ter visto todas as magnificências, riquezas e comodidades que ultrapassavam em muito as suas esperanças, Aladim disse ao génio:

— Génio, não poderia ficar mais satisfeito do que estou. O palácio é uma verdadeira maravilha de sumptuosidade e bom gosto e creio não haver no mundo nada semelhante, mas falta uma coisa que me esqueci de pedir-te. Sou portanto o unico culpado desta falta. Queria que, desde a porta do meu palácio até à do palácio do sultão, se estenda uma passadeira do mais fino veludo, para que a princesa caminhe sobre ela ao vir do palácio do sultão, seu pai.

— Volto ja, disse o génio, e desapareceu.

Um instante depois, Aladim viu, com espanto, o seu desejo satisfeito, sem que pudesse explicar como isso acontecera.

Então o génio apresentou-se novamente e transportou Aladim, para casa, no mesmo instante em que se abria a porta do palácio do sultão.

Os porteiros do palácio ficaram boquiabertos ao verem uma passadeira de veludo que se estendia a partir da porta até qualquer coisa que limitava o horizonte largo e que eles não distinguiam bem na luz incerta da madrugada.

Mas a sua surpresa aumentou quando avistaram distintamente o soberbo palácio de Aladim. A

notícia duma tal maravilha espalhou-se dentro em pouco por todo o palácio.

Preveniram o sultão que não se cansou de admirar o soberbo monumento que, no espaço duma noite, viera enriquecer a sua capital.

Aladim apresentou-se diante do sultão e foi conduzido junto da princesa que, ao vê-lo tão simpático e bem parecido, ficou encantada e feliz.

— Adoravel princesa, disse-lhe Aladim saudando-a respeitosamente, se tivesse a desgraça de desagradar-vos pela ousadia de ter aspirado à posse duma tão gentil princesa, filha do meu sultão, dir-vos-ia que a culpa é dos vossos belos olhos, de todos os vossos encantos, e não minha.

o seu espanto ao ver o enorme espaço vasio...

— Príncipe, respondeu-lhe a princesa, obedeço à vontade do sultão, meu pai, mas sinceramente vos digo que, depois de ver-vos me é agradável obedecer-lhe.

As festas do casamento foram magnificas e duraram várias semanas.

A princesa sentia-se muito feliz com o esposo que o destino lhe reservara e Aladim, em breve, se tornou para o sultão um filho bem amado.

Passaram anos. Aladim desempenhou às mil maravilhas o seu papel de herdeiro presuntivo do

trono. Comandou os exércitos do sultão e desbaratou completamente os inimigos do reino. Mas as suas constantes ausências acabaram por causar, por fim, a sua desgraça.

Aconteceu que o mágico africano que voltava ao seu país, soube, por meio da sua arte mágica, a que estado de prosperidade e fortuna chegára Aladim.

Louco de raiva disse com os seus botões: «Aquele miserável filho de alfaiate, descobriu o segredo da lâmpada! Julguei condená-lo a morte certa, e eis que agora gosa do fruto do meu trabalho e das minhas vigílias! Impedirei que continue a gosar a sua felicidade por mais tempo ou morrerei!».

Não perdeu muito tempo a deliberar o que lhe convinha fazer.

Partiu para a China imediatamente e, como a viagem correu sem novidade, em breve aí chegou.

À vista do sumptuoso palácio de Aladim ainda mais excitou a sua cobiça e inveja. Mas o que lhe interessava era saber onde se encontrava a lâmpada: se Aladim a trazia consigo ou em que lugar a guardava.

Esta primeira informação, fàcilmente a obteve com uma operação de magia. Soube assim que ela estava no palácio de Aladim, e esta descoberta ia-o enlouquecendo de alegria.

«Hei-de obter a lâmpada, disse consigo, desafio Aladim a impedir-me de o conseguir! Terá que voltar à situação miserável de que saiu para voar até tão alto!...

Veremos quem vence, Aladim.!

Desde então rondou o palácio, esperando uma oportunidade.

Por desgraça de Aladim, a ocasião favorável não se fez esperar: Aladim partiu para a caça, devendo demorar-se uns oito dias.

O mágico dirigiu-se então à loja dum vendedor de lâmpadas e dirigiu-se-lhe nestes termos:

— Mestre, pode fornecer-me uma dúzia de lâmpadas de cobre, de que preciso com urgência?

Ao chegar à margem dum ribeiro deixou-se cair...

O vendedor respondeu-lhe que não tinha a dúzia completa, mas que se ele esperasse para o dia seguinte, lhe fornecia as doze lâmpadas, à hora que marcasse.

O mágico aceitou prontamente esta combinação e recomendou ao vendedor que queria as lâmpadas muito limpas e bem polidas. Prometeu-lhe generosa paga e retirou-se para a estalagem onde se refugiavam os mercadores vindos de longe em caravanas.

No dia seguinte, a dúzia lâmpadas foi entregue

ao mágico que as pagou sem regatear. Meteu-as num cesto que levava propositadamente para esse fim, enfiou o cesto no braço e dirigiu-se para os lados do palácio de Aladim.

Quando se encontrava a pequena distância, pôs-se a gritar:

— Quem quere trocar lâmpadas velhas por lâmpadas novas?

Ia apregoando cada vez mais alto, à medida que avançava e quando os garotos que brincavam ao largo o ouviram, correram para ele, cercaram-no com grande algazarra, gritando que era um doido.

As pessoas que passavam riam da sua loucura. «É preciso que tenha perdido de todo o juízo para querer trocar lâmpadas novas por lâmpadas velhas!».

O mágico africano ficou imperturbável perante os apupos do rapazio e as observações dos que passavam, e continuou a apregoar:

— Quem quer trocar lâmpadas velhas por lâmpadas novas?!

Tantas vezes repetiu a mesma coisa andando para baixo e para cima em frente do palácio e nas proximidades, que a princesa Badrulbadur, que se encontrava, nesse momento, no salão das vinte e quatro janelas, ouviu a voz do falso vendedor mas não pôde perceber o que dizia por causa do barulho que faziam os garotos à sua volta.

Curiosa de saber o que venderia o mercador, para assim juntar à sua volta tanta garotada e suscitar uma tal algazarra, a princesa mandou uma das suas escravas à rua para se aproximar do homem e indagar a causa de tanto barulho.

Não tardou que a escrava voltasse e entrasse no salão, rindo às gargalhadas. Era tão comunicativo o seu riso que a princesa não pôde deixar de rir ao olhar para ela.

— Então, dize-me, porque te ris assim?

— Princesa, respondeu a escrava, rindo sempre, quem poderia deixar de rir ao ver um homem com um cesto no braço, cheio de lâmpadas novas e bonitas que, em vez de vendê-las, quere trocá-las por lâmpadas velhas.

O barulho que ouvistes é o dos garotos que o cercam, dirigindo-lhe apupos e troçando dele.

Ao ouvir isto, uma outra escrava disse:

— A propósito de lâmpadas velhas, não sei se a princesa já se dignou reparar numa que está ali, naquele nicho. Não sei a quem pertence, mas certamente que o dono não ficará zangado vendo uma lâmpada nova em vez da lâmpada velha que ali deixou. E teria assim a princesa ocasião de experimentar se o vendedor é de facto tão doido que troque uma lâmpada nova por uma velha sem pedir nenhuma paga. Seria uma distracção para vós.

Escusado será dizer que a lâmpada velha de que a escrava falava era, nem mais nem menos, que a famosa lâmpada de que Aladim se servira para chegar à situação de grandeza de que gosava.

Fora ele mesmo que a colocara no nicho, antes de partir para a caça, com medo de perdê-la nos matos. Sempre assim procedera, das outras vezes, quando partia para as caçadas, mas até aí, na sua ausência, nem os escravos, nem os eunucos, nem a própria princesa tinham prestado a mínima atenção à lâmpada colocada no nicho.

Fora do tempo da caça, o príncipe Aladim trazia-a sempre consigo.

Sem dúvida que a precaução de Aladim era boa, dirão, mas devia deixá-la bem guardada. É verdade: mas em todos os tempos se cometeram imprudências e sempre se hão-de cometer.

A princesa Badrulbadur que ignorava o poder maravilhoso da lâmpada e o que ela representava

para Aladim e para ela própria, associou-se de bom grado à brincadeira proposta pela escrava e, chamando um criado, ordenou-lhe que fosse fazer a troca.

Logo que o criado saíu do palácio, avistou o mágico a pouca distância, chamou-o e quando ele se aproximou, mostrou-lhe a lâmpada, dizendo:

— Dê-me uma lâmpada nova e tome lá esta lâmpada velha.

O mágico africano não duvidou que fosse aquela a lâmpada que procurava: não podia haver outra daquela qualidade no palácio de Aladim, onde toda a baixela era de ouro e prata.

Tirou-a, pois, lestamente da mão do escravo e, depois de a esconder bem no peito, apresentou-lhe o cêsto e disse-lhe que escolhesse a que mais lhe agradasse.

O escravo tirou uma e levou-a à princesa Badrulbadur.

Os garotos riam às gargalhadas do que eles consideravam a parvoice do mágico e faziam, à sua volta, uma algazarra infernal.

O mágico africano, porém, indiferente aos apupos da garotada, dirigiu-se apressadamente para casa.

Nessa mesma noite, o mágico tirou a lâmpada do seio e esfregou-a. A esta chamada, apareceu o génio.

— Que queres? Eis-me pronto a obedecer-te, como teu escravo e de todos aqueles que têm a lâmpada; eu e todos os escravos da lâmpada.

— Ordeno-te, replicou o mágico, que pegues imediatamente no paláco que tu ou os outros escravos construiram nesta cidade, tal como está, com todas as pessoas que lá vivem e os transportes comigo para a minha terra, no centro da África.

Sem nada responder, o génio, com a ajuda de

outros génios escravos da lâmpada, transportou, num instante, o palácio e o mágico para o ponto de Africa que lhe fora indicado.

*

* *

Deixemos agora o mágico africano e o palácio com a princesa Badrúlbadur nas terras distantes da Africa e falemos na enorme surpresa do sultão.

Logo que o sultão se levantou foi, como era seu costume, à varanda dos seus aposentos para ter o prazer de contemplar e de admirar o palácio de Aladim.

Qual não foi, porém, o seu espanto ao ver em frente o enorme espaço vasio, tal como era antes do palácio ali ter sido construído.

Assim que teve a certeza de que não era joguete duma ilusão, a sua surpresa transformou-se em furor. Mandou prender Aladim, logo que este voltou da caça, condenou-o à morte e ordenou que preparassem tudo ràpidamente para a execução. Quando o povo viu que iam cortar a cabeça de Aladim, a quem as suas prodigalidades tinham tornado muito popular, amotinou-se e o sultão foi tomado de tal pavor que decidiu dar a vida e a liberdade ao genro. Mal acabara de ser posto em liberdade, Aladim, que ignorava os motivos do seu infortúnio quiz refugiar-se no palácio junto de sua esposa.

Quem poderia descrever a sua dor ao constatar que um e outra tinham desaparecido?

Fugiu então através os campos, louco de dor e resolvido a pôr fim aos seus dias. Ao chegar à margem dum ribeiro deixou-se caír no chão e a mão sem querer, bateu numa pequena pedra. Felizmente para ele, trazia ainda no dedo o anel

que o mágico africano lhe tinha dado antes de descer ao subterrâneo para ir buscar a lâmpada maravilhosa que acabava de lhe ser roubada. No mesmo instante em que o anel tocou na pedra, surgiu o génio que lhe aparecera no subterrâneo onde o mágico o encerrara.

— Que queres? — perguntou-lhe o génio. — Eis-me pronto a obedecer-te como teu escravo e de todos aqueles que têm o anel, eu e os outros escravos do anel.

Aladim, agradávelmente surpreendido com aquela aparição inesperada, respondeu.

— Génio, salva-me a vida uma segunda vez. Dize-me onde se encontra o meu palácio, e faze com que volte imediatamente para o lugar que ocupava.

— O que me pedes é impossível.

Sou apenas o escravo do anel; dirige-te ao escravo da lâmpada. Se assim é, replicou Aladim ordeno-te pois que me transportes para o lugar onde se encontra o meu palácio e me deponhas debaixo das janelas da princesa Badrulbadur.

Mal acabara de pronunciar as últimas palavras já o génio o transportava para o meio duma planície na Africa, onde se erguia o palácio, a pouca distância duma grande cidade. Colocou Aladim precisamente por baixo das janelas dos aposentos da princesa e desapareceu. Tudo isto foi feito em menos de um segundo.

Não obstante a escuridão da noite, Aladim reconheceu muito bem o seu palácio, assim como as janelas dos quartos da princesa Badrulbadur. Mas como havia cinco ou seis dias que não dormia, não conseguiu vencer o sono que o dominava. E adormeceu junto da árvore onde o génio o depusera.

A princesa levantou-se mais cedo do que habitualmente o fazia desde que fora levada para Africa por artes do mágico africano, cuja presença era

obrigada a suportar uma vez por dia, visto ser ele agora o dono do palácio.

A princesa tratara-o, porém, sempre tão duramente que o mágico não ousara ainda instalar-se no palácio.

Acabava a princesa de se vestir quando uma das suas escravas, olhando através das gelósias avistou Aladim.

Correu imediatamente a prevenir a sua ama senhora e a princesa que não queria acreditar em tal ventura correu para a janela e viu, com efeito, Aladim. Abriu a gelósia e, ao barulho que esta fez a abrir-se, Aladim ergueu a cabeça. Reconhecendo a princesa, saudou-a com uma expressão cheia de alegria.

— Já mandei abrir-vos a porta secreta, disse a princesa; entrai e subi.

tratara-o sempre tão duramente...

A porta secreta ficava justamente por baixo dos aposentos da princesa. Aladim encontrou-a aberta e subiu lesto ao encontro da princesa. Não é possível, exprimir a alegria que sentiram os dois esposos ao voltarem a ver-se depois de se julgarem separados para sempre. Abraçaram-se, choraram de alegria, sentaram-se e Aladim foi informado pela princesa de tudo quanto acontecera.

Não tardou a compreender quem fora o causador de todos os seus infortúnios, quando soube que se encontrava em África.

— Princesa, disse Aladim interrompendo-a, acabais de dar-me a conhecer o traidor designando-me o lugar onde nos encontramos.

É um mágico africano e o mais pérfido de todos os homens. Mas o mais importante agora é sabermos o que fez ele da lâmpada.

— Trá-la sempre consigo, muito bem embrulhada e escondida no peito, replicou a princesa.

— Julgo ter encontrado o meio de nos livrarmos dêsse traidor; mas para isso preciso ir até à cidade. Estarei de volta ao meio dia e então comunicar-vos-ei qual o meu designio e o que será preciso fazer para o conseguirmos realizar. A fim de que estejais advertida, devo dizer-vos que voltarei com um outro vestuário e será bom que não me façais esperar muito tempo, à porta secreta.

Aladim, após ter dito estas palavras, afastou-se. Dirigiu-se à cidade mais próxima, disfarçou-se com novas vestes e comprou um narcótico de que ele conhecia o poder. Depois voltou para o palácio. Uma vez introduzido junto da princesa Aladim disse-lhe:

— Princesa. É possível que, devido à repugnância que sentis pelo pérfido mágico, vos seja difícil seguir o conselho que vos passo a dar, mas lembrai-vos que só cumprindo à risca o que vos vou expôr, conseguireis livrar-nos da tirania dêsse traidor, como também dareis a vosso pai e a mim próprio uma grande alegria.

Começai pois, querida princesa, por vos vestirdes com o mais luxuoso dos vossos trajos, ataviai-vos com as vossas melhores joias e logo que o mágico se aproxime manifestai na expressão do vosso rosto uma viva satisfação. Convidai-o a cear convosco e pedi-lhe para vos dar a beber o melhor

vinho do seu país. Para vos satisfazer o pedido o mágico afastar-se-á afim de ir ele próprio escolher o vinho pedido. Então, metei dentro dum dos cálices onde costumais beber, o pó que ora vos entrego.

O palácio foi levado pelos ares...

Ponde o cálice de parte e preveni a criada, que vos der de beber, que vos dê sòmente aquele e não outro, quando à ceia lho pedirdes.

Logo que o mágico voltar e se tiver sentado à mesa, já depois de ter comido e bebido bem, pedi à criada que vos dê o cálice combinado. Trocai-o

então pelo cálice do mágico, após ter enchido ambos. Ele ficará encantado com o vosso gesto e beberá o vinho até à última gôta. Uma vez esgotado o cálice cairá imediatamente no chão.

A princesa prontificou-se a seguir à risca todas as instruções de Aladim.

Vestiu-se com o maior esmêro e quando o mágico chegou, acolheu-o com a maior benevolência. O traidor ficou satisfeitíssimo com o acolhimento da princesa, que se lhe dirigiu nestes termos:

— Mandei preparar a ceia mas, como não tenho senão vinho da China e visto encontrar-me em Africa gostaria imenso de provar o vinho fabricado no vosso país. Creio que ninguém o terá melhor do que vós.

— Certamente, princesa, replicou o mágico, e se mo permitirdes irei buscar duas garrafas e estarei de volta dentro em pouco.

Partiu, com efeito, e voltou daí a instantes.

A princesa já deitára o pó que Aladim lhe entregára num cálice que pusera de parte. Foram para a mesa, tendo a princesa o cuidado de colocar o mágico de costas para o aparador.

Após terem comido alguns acepipes a princesa pediu de beber. Quando cada um deles tinha na mão o seu cálice já cheio, a princesa Badrulbadur disse ao mágico africano:

— Ignoro os usos do vosso país àcerca da forma como bebem duas pessoas que se querem. Na minha terra, na China, é costume trocarem-se os cálices e só então se bebe à saúde do ente amado.

Ao mesmo tempo a princesa apresentava o seu cálice e recebia em troca o do mágico, que radiante esgotou o vinho até à última gôta. Assim que acabou de o esvasiar a cabeça tombou-lhe para o lado e assim esteve algum tempo até que a princesa viu os olhos rolarem-lhe nas órbitas e o corpo caír para o chão e ficar imobilizado pela perda dos sentidos.

Não foi preciso ordenar que abrissem a porta a Aladim.

As aias que sabiam do caso e que estavam dispostas em fila desde a porta do salão até aos últimos degraus da escada que conduzia à porta secreta, abriram-na logo que o mágico caíu no chão.

Aladim subiu, entrou no salão e aproximou-se imediatamente do mágico; abriu-lhe as vestes, tirou a lâmpada e esfregou-a tal como o fizera das outras vezes. O génio apresentou-se com a saudação habitual.

— Génio, disse Aladim, chamei-te para te ordenar da parte da lâmpada, tua ama e senhora, que tu vês, que transportes este palácio para a China e o coloques no mesmo sítio onde ele foi construído.

O génio, após um sinal afirmativo, partiu para cumprir o desejo de Aladim.

Com efeito, o palácio foi levado pelos ares sem se sentir mais do que duas ligeiras oscilações: a primeira, quando o arrancaram do sítio onde estava e a segunda, quando o depuseram na China, em frente ao palácio do sultão. Isto tudo foi feito num pequeníssimo espaço de tempo.

Aladim abraçando a princesa disse-lhe:

— Princesa! posso assegurar-vos que a minha e a vossa felicidade serão completas àmanhã.

Como não tinham ainda ceado, sentaram-se a mesa, comeram com bom apetite as iguarias destinadas à ceia do mágico africano e beberam aquele especialíssimo vinho que ele fôra buscar a pedido da princesa. Depois de uma conversação agradável retiraram-se para os seus aposentos.

Após o desaparecimento do palácio, o sultão, pai da princesa, estava inconsolável como é facil de supor. Não dormia, nem de dia nem de noite, e em lugar de procurar distrair a sua dôr, a ela se entregava com afinco. Assim, se antes do desaparecimento da princesa, o sultão ia apenas de manhã

contemplar a preciosa jóia que era aquele maravilhoso palácio onde vivia o que mais caro lhe era no mundo, agora, que o palácio desaparecera, ia várias vezes prescrutar o horizonte, chorando sem cessar a perda de tantos e tão apreciados bens.

Começara apenas a surgir a aurora naquela manhã em que Aladim mandara transportar o palácio para a China e já o sultão lançava o seu triste olhar para o campo que ele julgava completamente vasio. Mas como se apercebeu que o espaço não estava vasio, julgou ser isso devido ao nevoeiro. Olhou com mais atenção e reconheceu, cheio de espanto, o palácio de Aladim. A' mais negra tristeza sucedeu então a mais viva alegria.

Voltou para o quarto e ordenou que lhe trouxessem imediatamente o cavalo.

Trouxeram-lho sem demora, montou o animal e correu à desfilada, parecendo-lhe mesmo assim que não chegava tão ràpidamente quanto desejava.

Aladim, que previra o que se ia passar, levantára-se muito cedo, vestira uma das suas mais luxuosas vestes e dirigira-se, à janela de um dos salões, à espera de avistar o sultão, pai da princesa Badrulbadur.

Mal o viu descer as escadas, foi ao seu encontro, a fim de o ajudar a descer do cavalo.

Aladim, lhe disse o sultão, falta-me o ânimo para vos falar enquanto não abraçar minha filha.

Aladim conduziu o sultão aos aposentos da princesa Badrulbadur; e esta, a quem Aladim lembrára que já não estava em Africa mas sim na China, na capital do país governado pelo sultão, seu pai, de quem era visinha, levantou-se cedo para o receber condignamente.

O sultão abraçou a filha demoradamente, com o rosto banhado de lágrimas de alegria. A princesa, por seu lado, manifestara em suas carinhosas expansões, a maior ventura possível.

O sultão pediu que lhe contassem tudo quanto sucedera, no que foi prontamente obedecido.

Deitaram o cadáver do mágico africano às feras, que o devoraram.

O sultão mandou proclamar, por meio de trombetas, tambores, tímbales e outros instrumentos, o aparecimento de sua filha e em sinal de regosijo mandou que se fizessem festas públicas durante dez dias.

Foi assim que Aladim escapou pela segunda vez à morte.

Viveu sempre muito feliz e após o falecimento do sultão, governou a China com tanta sabedoria e prudência que fez merecer o amor do povo e o temor dos inimigos.

— Minha querida irmã, conta-nos se o meu senhor e sultão permitir a história do médico Douban.

O sultão encantado com as histórias de Scheherazada, deixou-a contar a nova história que Dinazarda disse ser encantadora.

História do rei e do médico Douban

No país de Zouman, na Pérsia, existiu um rei, cujos vassalos eram de origem grega; o rei estava coberto de lepra e os médicos, depois de inùtilmente terem empregado todos os remédios para o curarem já não sabiam que receitar-lhe, quando chegou à corte um médico muito hábil chamado Douban.

Este médico estudara nos livros gregos, persas, turcos, árabes, latinos, syriacos e hebraicos; além disso, era insigne em filosofia, e conhecia também perfeitamente as boas e más qualidades de todas as espécies de plantas e de drogas.

Apenas foi informado da doença del-rei, e que

os médicos o tinham abandonado, procurou ser apresentado ao real doente.

—Senhor,—disse-lhe ele,—sei que nenhum dos médicos que vossa magestade consultou, conseguiu curar-vos da lepra, mas se quizerdes dar-me a honra de aceitar os meus serviços, encarregar-me-ei de vos curar, sem beberagens nem tóxicos.

O rei ouviu esta proposta.

—Se és tão hábil, respondeu ele, para cumprires o que dizes, prometo enriquecer tanto a ti como a todos os teus descendentes, sem contar com as ofertas que te hei-de dar; serás o meu favorito mais estimado.

«Asseguras-me que me livrarás da lepra, sem me obrigares a tomar bebida alguma, nem a aplicar remédio exterior?

—Sim, meu senhor!—replicou o médico.—Espero conseguir o meu desejo, se Deus me ajudar, e já amanhã experimentarei.

Com efeito, o médico Douban retirou-se para casa, preparou um malho, cavando-o da parte de dentro pelo cabo e deitando-lhe a droga de que queria servir-se.

Feito isto, arranjou também uma bola da forma que precisava, e foi assim no dia seguinte, apresentar-se na presença do rei; postrou-se-lhe aos pés, beijou a terra...

O médico Douban levantou-se, depois de feita respeitosa reverência, disse ao rei, que julgava a propósito que sua magestade montasse a cavalo, e fosse à praça jogar o jogo da pela.

O rei consentiu, e quando chegou ao sítio onde devia realizar-se o jogo a cavalo, o médico aproximou-se dele com o malho que preparara, e apresentando-lho, disse:

—Senhor, fazei exercício com este malho, para

impelir a péla para o campo, até que vos sintais completamente alagado em suor.

Quando o remédio que encerrei no cabo deste malho tiver aquecido com o calor da mão de vossa magestade, esse calor penetrar-vos-á igualmente por todo o corpo; apenas vos sentirdes assim suado, deixai o exercício, porque o remédio já terá produzido seu efeito.

Logo que chegado ao palácio, vossa magestade tomará banho, ordenando que o lavem e esfreguem bem, e em seguida deveis deitar-vos. Amanhã de manhã quando vos levantardes, estareis curado.

O rei pegou no malho, e soltou o cavalo, após a péla que tinha atirado. Tocou-lhe, e novamente foi mandada pelos oficiais que jogavam com ele; tornou a tocar-lhe, e finalmente, o jogo durou tanto tempo que a mão e o corpo já suavam copiosamente.

Portanto o remedio encerrado no cabo do malho produzira o resultado que o médico dissera.

O rei deixou o divertimento e voltou para o palácio, tomou banho, observando exactamente tudo quanto lhe fora prescrito.

Sentiu-se bem. No dia seguinte, ao levantar-se viu com tanto espanto como alegria, que estava curado da lepra, e que tinha o corpo tão limpo como se nunca tivesse sido atacado por semelhante enfermidade. Apenas se vestiu, dirigiu-se à sala da audiência pública, subiu ao trono, apresentando-se a todos os cortezãos, que anciosos por saberem o resultado do novo remédio, se tinham apressado a comparecer muito cedo.

Quando viram o rei perfeitamente curado, foram gerais as manifestações de alegria.

O médico Douban entrou, e foi ajoelhar ao pé do trono, tocando com o rosto no chão. O rei, vendo-o, chamou-o e obrigou-o a sentar-se ao seu lado, mostrando-o a toda a assembleia, prodigalizando

-lhe pùblicamente todos os elogios que merecia. Ainda não ficou aqui a gratidão do príncipe; nesse dia ofereceu grande jantar a toda a corte, e quiz que o médico se sentasse ao seu lado, na mesa preparada só para ele.

O rei grego não se contentou em receber na sua mesa o médico Douban; ao terminar o dia, quando despediu os vassalos, fez-lhe vestir um longo e riquíssimo fato, semelhante ao que de ordinário traziam os cortezãos na sua presença; além disso mandou dar-lhe dois mil sequins.

No dia imediato e nos que se seguiram, não se fartava de o obsequiar.

Finalmente, o rei grego, receando não poder nunca mostrar-se suficientemente reconhecido às obrigações que contraíra com um médico tão hábil, todos os dias lhe prodigalisava novos benefícios.

Este rei grego tinha um grão-visir avarento, invejoso, e capaz de toda a espécie de crimes. O ministro não podia vêr com bons olhos os presentes feitos ao médico, cujo mérito já começava a inquietá-lo; resolveu, portanto, perdê-lo no espírito do monarca.

Para conseguir, o seu intento, foi procurar o rei, e disse-lhe particularmente que precisava dar-lhe um importante aviso.

Interrogado então pelo soberano, o visir falou-lhe nestes termos:

— Senhor, é bem perigoso para um monarca ter tanta confiança num homem de que não se experimentou a fidelidade. Enchendo de benefícios o médico Douban, obsequiando-o assim extraordinàriamente, vossa majestade não sabe se ele será algum traidor, que se introduzisse no palácio real só para o assasainar.

— Em que te baseias para te atreveres a semelhante suspeita? — preguntou o rei. — Lembra-te

que estás falando comigo, e avanças uma desconfiança, que eu não posso fàcilmente acreditar.

— Senhor, — replicou o visir — estou perfeitamente convencido do que tenho a honra de dizer-vos. Não descanseis pois, numa confiança perigosa. Se Vossa Majestade dorme, é preciso acordar, porque, enfim ainda o repito, o médico Douban não veiu do fim da Grécia, seu país, estabelecer-se na vossa côrte senão para realizar o terrível plano em que vos falei.

— Não, não, visir! — interrompeu o rei. — Estou certo que este homem, que tu alcunhas de traidor, é o mais virtuoso e bondoso de todos os homens: não há ninguém a quem eu dedique mais simpatia. Bem sabes porque remédio, ou antes, porque milagre ele me curou a lepra; se intentava matar-me, por que me não deixou então morrer? Só lhe bastava abandonar-me á minha cruel doença, de que eu não não poderia escapar.

«Não continues, portanto, a quereres-me inspirar suspeitas injustas, em lugar de lhe dar ouvidos, vou pelo contrário assegurar desde hoje a esse grande homem, para enquanto viver, uma pensão mensal de mil sequins. Ainda que dividisse com ele todas as minhas riquezas e dominios não lhe pagaria o enorme serviço que me fez.

«Bem percebo que é a sua virtude e ciência que excita a tua inveja, mas não imagines que me deixo injustamente prevenir contra ele.

— Senhor, — continuou o visir do rei grego — só vos digo que se não vos acautelais, pode-vos ser funesta esta ilimitada confiança. Tenho as mais certas informações, de que ele não passa dum espião mandado pelos vossos inimigos para atentar contra a vida de Vossa Majestade. Dizeis que vos curou da lepra e é verdade, mas de que segurança pode isso servir? É possivel que só vos curasse

aparentemente. Quem sabe se esse remédio, com o tempo não produzirá outro efeito bem pernicioso?

O rei grego que não primava por esperto, começou a pensar sem compreender a má intenção do visir.

O discurso fizera efeito.

— Dizes bem; — exclamou ele — pode ter vindo de propósito para me assassinar, o que conseguirá fàcilmente só com o cheiro das suas drogas medicinais. É preciso estudar o que nos convém fazer nesta conjuntura.

Quando o visir viu o rei tão bem disposto para os seus designios, disse-lhe:

— Senhor, o meio mais seguro e mais pronto para o descanso e segurança da vossa Majestade é mandar chamar o médico Douban, e apenas ele aparecer na sua presença, dar ordem para que se lhe corte a cabeça.

— Efectivamente, — tornou o rei, — parece-me também ser esse o melhor meio de prevenir esse designio.

Em seguida chamou um dos oficiais e ordenou-lhe que fôsse buscar o médico.

O podre homem, ignorando a traição que se tramava contra ele, correu pressuroso ao palácio.

— Já sabes, — disse o soberano assim que o viu — o motivo porque te mandei chamar?

— Não, meu senhor! — respondeu Douban. — E espero que Vossa Majestade se digne explicar-me.

— Mandei-te chamar porque me quero vêr livre de ti, tirando-te a vida.

Não é possível exprimir o espanto do pobre médico ouvindo pronunciar esta inesperada sentença de morte.

— Senhor! — disse ele. — Que razões pode Vossa Majestade ter a meu respeito para semelhante rigor? Qual é o meu crime?

— Estou perfeitamente informado, — replicou o

rei, — que tu és um espião, e vieste sòmente à côrte para atentares contra a minha vida; mas para me prevenir, quero primeiro matar-te. Fére, continuou ele, voltando-se para o carrasco que também mandara chamar, e salva-me dêste pérfido que se introduziu aqui traiçoeiramente.

Em vista desta ordem cruel, o médico reconheceu logo que as honras e benefícios recebidos do monarca lhe haviam acarretado inimigos, e que o fraco soberano se deixara vencer por infames intrigas.

Arrependeu-se então de o ter curado da lepra, mas o arrependimento era tardio.

— É assim que Vossa Majestade recompensa o bem que vos fiz!

O rei não quiz ouvi-lo e ordenou pela segunda vez ao carrasco, que descarregasse o golpe mortal.

O médico recorreu às rogativas.

— Ah! meu senhor! — exclamou ele. — Conservai-me a vida, e Deus prolongará também a de Vossa Majestade: não ordeneis a minha morte, para que Deus vos não castigue da mesma forma.

O rei grego, em lugar de atender às rogativas do médico replicou-lhe com aspereza:

— Não, é de absoluta necessidade que tu morras, porque tu podes muito bem tirar-me a vida ainda com mais subtileza do que me curaste da lepra.

O médico, contudo, desfazendo-se em lágrimas e lastimando-se profundamente de se ver tão mal pago no serviço que prestara ao monarca, preparou-se para receber o golpe fatal. O carrasco vendou-lhe os olhos, ligou-lhe as mãos e resolveu-se a puxar o alfange.

Então os vassalos que estavam presentes, muito comovidos, suplicaram a el-rei o perdão para o infeliz Douban, afiançando-lhe todos que ele não era culpado, e que respondiam pela sua inocência. O

monarca foi inflexível e falou-lhes de forma que os vassalos não se atreveram a insistir.

Douban, já de joelhos, de olhos vendados, e prestes a receber o golpe, dirigiu-se ainda mais uma vez ao rei:

—Senhor, visto vossa magestade não querer revogar a sentença de morte, suplico-vos ao menos que me concedeis a liberdade de ir a casa, dizer o último adeus à família, fazer esmolas, e legar os meus livros a pessoas que os compreendam e a quem possam servir. Entre muitos tenho um preciosissimo que merece ser guardado no vosso tesouro.

—E porque é tão precioso esse livro?—preguntou o soberano.

—Porque,—prosseguiu o médico—contém uma infinidade de coisas curiosas, cuja principal é a seguinte: depois de me cortarem a cabeça, se vossa magestade se dignar abrir o livro na sexta folha e ler a terceira linha da página esquerda, a minha cabeça responderá a todas as perguntas que me fizerdes.

O rei curioso de ver tão maravilhoso acontecimento, adiou a execução para o dia seguinte, e permitiu que o médico fosse a casa, acompanhado de boa escolta.

No entretanto, o médico Douban pôs em ordem todos os negócios, e como se espalhara a notícia do prodígio inaudito que deveria acontecer depois da sua morte, toda a corte se reuniu no dia seguinte na sala da audiência com a curiosidade de presenciar o milagroso facto.

O médico não se fez demorar. Avançou até ao trono real, trazendo um volumoso livro na mão. Pediu que trouxessem uma bacia, sobre a qual estendeu o pano em que o livro estava envolvido e apresentando-o ao rei, disse-lhe:

—Senhor, peço a vossa magestade que me

aceite este livro e que apenas a minha cabeça for decepada, ordene que a coloquem nesta bacia sobre o pano que o embrulhava; vereis que o sangue

O rei continuou a virar as folhas sempre com o auxílio da saliva

deixará de correr, assim que se proceder à operação indicada. Então, vossa magestade abrirá as folhas, e a cabeça responderá a todas as vossas perguntas.

Mas senhor, continuou o médico, permiti que eu implore ainda mais uma vez a clemência de vossa magestade; em nome de Deus, juro-vos que estou inocente.

— Os teus pedidos são inúteis! — respondeu o rei. — E ainda que não fosse senão pela curiosidade de ouvir a cabeça falar depois da tua morte, inevitávelmente hás-de morrer.

E pronunciando estas palavras pegou no livro e ordenou ao carrasco que cumprisse o seu dever.

A cabeça foi decepada dextramente e caíu logo na bacia; ao tocar no pano do livro o sangue paralisou-se. Então com o maior espanto do rei e de todos os espectadores, a cabeça abriu muito os olhos, e começou a falar:

— Vossa magestade deve abrir o livro.

O rei assim fez e notando que a primeira folha parecia estar colada à segunda, levou o dedo à boca, e molhou-o na saliva para poder voltá-la com mais facilidade. Serviu-se do mesmo processo até voltar à sexta folha, e vendo em branco a página indicada, observou:

— Douban, não se vê nada escrito.

— Voltai ainda algumas folhas — repetiu a cabeça.

O rei continuou a virar as folhas, sempre com o auxílio da saliva, até que o veneno contido no livro produziu o efeito desejado; o rei sentiu-se de repente agitado, a vista perturbou-se-lhe, e deixou-se cair ao pé do trono em grandes convulsões.

Quando o médico Douban, ou para melhor dizer, a sua cabeça se certificou que o veneno produzira efeito, e o monarca teria apenas alguns momentos de vida, exclamou:

— Tirano, eis a maneira porque devem ser tratados os príncipes, que abusando da autoridade, mandam matar os inocentes. Deus castiga cedo ou tarde as injustiças e cruéldades.

Quando acabou de pronunciar estas palavras e que o rei caíu morto, a cabeça também foi pouco a pouco perdendo o resto de vida que a alimentava.

Tal foi o fim do rei grego e do médico Douban.

Se o rei grego tivesse querido atender ao médico, Deus tê-lo-ia deixado viver: mas desprezou as humildes preces e Deus castigou-o.

E assim Scheherazade terminou.

FIM

INDICE

Prefácio 5
História do burro, o boi e o lavrador 7
» do mercador e do génio 19
» do velho e da corça 28
» de Sindbad, o marinheiro 36
» de Ali-Babá e os quarenta ladrões 118
» de Aladim e a sua lâmpada 162
» do Rei e o médico Douban 195